

Religião Pura

Vincent Cheung

Título do original:

Pure Religion

Todos artigos incluídos neste volume foram primeiro publicados em 2005.

Copyright © 2006 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* (www.rmiweb.org)
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto e Mateus Mota (capítulo 6).

Primeira edição em português: *Fevereiro de 2007*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

1. DE DEUS NÃO SE ZOMBA.....	3
2. RELIGIÃO PURA	15
3. POLÍTICA SOBRE CARIDADE.....	25
4. OS NOBRES BEREANOS	41
5. A ÚNICA COISA NECESSÁRIA	45
6. COMO UM HOMEM PENSA.....	52

1. DE DEUS NÃO SE ZOMBA

PARTE UM

Abram as suas Bíblias comigo nesta noite na carta de Paulo aos Gálatas. Começaremos lendo o capítulo 6, versículos 7 e 8: “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá. Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna”.

Há uma relação com o que já lemos até o versículo 6; contudo, em adição às diversas questões de interpretação com esse versículo que teria de expor para vocês, nosso propósito essa noite é tal que será melhor evitá-las totalmente. O contexto é sempre importante, certamente, mas você pode tomar o que eu direi essa noite e aplicar ao versículo 6, e não haverá nenhum problema. Também, estou incerto se seremos capazes de abordar o versículo 10 da próxima vez, mas é também verdade com esse versículo que você pode tomar o que eu disser, e aplicar ali.

Assim, voltemos nossa atenção primeiramente para os versículos 7 e 8. Paulo queria se assegurar que as pessoas não tivessem uma falsa suposição sobre a condição delas, o que lhes aconteceria, ou como Deus lhes trataria. Ele nos diz para não sermos enganados. Enganados sobre o que? Ele diz que não devemos nos enganar sobre o fato de que Deus não pode ser zombado. Então ele fala sobre semear e colher, e ele nos diz que se você semeia para a carne, então da carne você colherá destruição. Mas se você semeia para o Espírito, então do Espírito você colherá a vida eterna.

Essa advertência, essa admoestação, sugere uma realidade preocupante nos corações dos homens, a saber, que há aqueles que estão enganados sobre essas verdades simples que parecem tão óbvias para nós, pelo menos em nossos momentos mais sóbrios e espirituais. Sobre o que eles estão enganados? Eles estão enganados sobre as coisas que Paulo está agora nos dizendo para não nos enganarmos. Em outras palavras, eles estão enganados em pensar que Deus *pode* ser zombado. Eles estão enganados em pensar que eles podem semear para a carne e não colher destruição. Talvez alguns deles até mesmo pensem que colherão a vida eterna, embora semeiem para a carne. Por outro lado, talvez algumas pessoas estejam enganadas em pensar que elas podem semear para o Espírito e não colher a vida eterna. Por que elas pensam dessa forma? E o que o apóstolo Paulo tem para dizer sobre elas? Essas pessoas também estão enganadas, e falaremos brevemente sobre elas mais tarde. Primeiro, falaremos sobre aquelas que pensam que podem zombar de Deus com impunidade.

Sempre que uma pessoa pensa que pode semear para a carne e não colher destruição, ela cai no tipo de engano que Paulo nos diz aqui para evitar. Especificamente, há várias formas nas quais alguém pode sucumbir a esse tipo de engano. Uma pessoa pode enganar a si mesma, de forma que ela se convence a crer em algo que não é verdadeiro. Ou, outro alguém pode ter uma grande participação em convencê-la da falsidade. Não importa qual seja o caso, uma pessoa que está enganada na forma que estamos considerando agora tem

um falso conceito de sua própria condição espiritual. Ela diz para si mesma: “Está tudo bem, está tudo bem com a minha alma”, quando isso não é verdade.

Uma pessoa pode estar enganada em pensar que as coisas que ela está fazendo não são realmente pecaminosas. Em seu próprio pensamento, ela pode sutilmente alterar os significados das palavras que a Bíblia usa para descrever o pecado. Ela pode interpretar as palavras que a Bíblia usa – isto é, distorcê-las – de maneira tão exagerada que se torna difícil conciliar o que ele está fazendo com a descrição de um pecador corrompido. Outra pessoa pode negar que as coisas que ela está fazendo sejam pecaminosas de acordo com os termos bíblicos. Mas não importa quanto desses atos pecaminosos ela faça, e não importa quão frequentemente os faça, ela está convencida de que ainda é um cristão, e que Deus ainda lhe dará boas vindas no céu.

Então, há aqueles que parecem entender o que a Bíblia diz sobre o pecado, e eles não objetam à sua definição de pecado. Assim, eles entendem que o que estão fazendo é pecaminoso, e que eles estão vivendo um estilo de vida pecaminoso. Além do mais, eles podem até mesmo não negar que ainda não são salvos. Com alguns deles, o engano é que eles sempre pensam que têm mais tempo. Mas o engano é ainda maior do que isso, visto que eles pensam que usarão de fato esse tempo para no final se voltarem para Deus.

Um pregador contou uma história sobre um jovem que ele encontrou, e isso ilustra apropriadamente o que estou dizendo aqui. Não estarei citando a história de maneira exata, e assim, os detalhes podem diferir um pouco. O jovem mencionou que iria visitar a cidade onde o pregador residia, e assim, o pregador o convidou para ir até a sua igreja, aquela na qual ele era o pastor. Mas esse jovem replicou: “Não, eu vou numa igreja aqui na minha cidade, e estou feliz com ela, mas não irei até a sua igreja”. Surpreso, o pregador perguntou: “Por que não? O que há de errado com a minha igreja? Por que você não quer vir?”. O jovem explicou: “Bem, se eu for até a sua igreja, eu posso ser salvo”. Nesse momento, certamente, o pregador ficou estupefato, e pressionou: “O que você quer dizer? Pensei que você talvez desejasse vir para que *pudesse* ser salvo”. O jovem disse: “Mas esse é o problema: eu não quero ser salvo. Eu não quero ser salvo porque há muitas coisas ainda que quero fazer, e se for salvo agora, não serei capaz de fazê-las mais”.

“Não, eu não quero ser salvo agora”, continuou, “mas é isso o que farei: continuarei fazendo o que eu gosto de fazer, e continuarei agradando a mim mesmo e perseguindo meus desejos e ambições. E após alguns anos, talvez no final da minha vida, quando tiver feito tudo o que desejava fazer, então serei salvo”. Como era de se esperar, o pregador ficou totalmente indignado, e o repreendeu: “Por que? Você planeja fazer de Deus um tolo?”. Aqui, o jovem olhou para o pregador e disse: “Sim. Sim, isso é exatamente o que irei fazer”.

Ficamos horrorizados com a irreverência descarada desse jovem, mas a verdade é que muitas pessoas estão fazendo a mesma coisa – elas estão tentando fazer de Deus um tolo. Elas estão tentando perseguir os interesses que a Bíblia proíbe. Elas tentam manter uma série de prioridades que Deus desaprova. Elas tentam satisfazer os desejos que são contrários à lei de Deus. Mas elas dizem para si mesmas: “Eu ainda tenho tempo. Irei ser salvo mais tarde. Por ora, irei me agradar, e depois disso me acalmarei”. Dessa forma,

muitas pessoas tentam zombar a Deus. Elas tentam enganá-lo. Elas podem não ser tão grosseiras quanto esse jovem, mas isso é porque elas não são tão “honestas” – ou, na verdade, tão estúpidas e irreverentes – como esse jovem. E não é o caso desse jovem ser melhor, mas ambos os tipos de pessoas são más e pecaminosas, e ambas serão condenadas ao inferno.

Eu tenho conhecido e ministrado a pessoas que, em princípio, não são diferentes desse jovem. Essas pessoas receberam ampla atenção e uma explicação detalhada das verdades de Deus. Eu gastei muitas horas ministrando a algumas delas. Eu escrevi longas cartas para expor a fé e responder suas perguntas. Eu lhes enviei as únicas cópias de alguns dos meus livros para educá-los e amadurecê-los na fé. Eu gastei muitas horas ao telefone com algumas delas, desmanchando o cativo espiritual delas, e encorajando-as às boas obras e a viver uma vida zelosa.

Algumas dessas pessoas estavam aparentemente estabelecidas na fé por um tempo, mas então algo lhes aconteceu, e a partir desse ponto em diante elas foram levadas de volta ao mundo. Eu digo que elas foram “levadas” porque toda vez era um processo lento, e, pelo menos com essas pessoas nas quais estou pensando agora, nunca era uma mudança violenta e total, embora sempre houvesse um momento decisivo específico. O que explica, pelo menos parcialmente, o retrocesso delas era que sempre havia algo que acontecia às pessoas que exigia delas uma reorganização de suas vidas e uma reavaliação das suas prioridades. Esse retrocesso começaria nesse ponto quando a pessoa decidia colocar as coisas mundanas em primeiro lugar, ao invés de continuar a dedicar sua energia para perseguir as coisas de Deus e buscar o reino de Deus.

Uma delas pode ter iniciado um novo emprego, e seu novo emprego requer muito mais tempo dela do que o anterior. Para se exceder nesse emprego, é exigido o seu total comprometimento, de forma que ela ou demonstrará desempenho inferior, ou terá que colocar outras coisas de lado a favor desse novo emprego. Então, outra pessoa pode ter iniciado um novo negócio, e a mesma coisa acontecerá. Outra pessoa pode ter se casado, e a mesma coisa acontecerá. Então, essa pessoa se torna um pai e as coisas espirituais se tornam ainda menos importantes para ela.

Como disse, a mudança nunca é violenta, isto é, pelo menos com essas pessoas nas quais estou pensando agora. Nenhuma delas disse: “Estou renunciando a fé. Não quero mais ser um cristão. Assim, de agora em diante não vou ler minha Bíblia. Não irei orar. Não buscarei a Deus, e não considerarei o bem-estar do ministério e da igreja”. Nenhuma delas disse algo semelhante a isso, mas o pensamento era algo como: “Eu sou novo nesse emprego no qual ainda tenho que provar minha capacidade. Não estou acostumado com as muitas necessidades e demandas desse novo emprego, para não mencionar as pessoas desconhecidas com as quais tenho que tratar agora. Assim, tratarei com essa presente crise – não penso que levará muito tempo – e após isso terei mais tempo livre. E então, direcionarei minha atenção e energia de volta às coisas de Deus e ao meu bem estar espiritual. Voltarei a estudar e orar, e ao ministério e a igreja”. Mas enquanto esperam, eles são levados mais e mais para longe da fé, e do estilo de vida que eles costumavam conhecer.

Você vê, essas pessoas foram enganadas. Jesus disse que devemos buscar primeiro o reino de Deus, mas essas pessoas crêem que elas podem colocar algo mais em primeiro lugar – por pelo menos um momento – e então voltar e colocar o reino de Deus em primeiro lugar novamente. Certamente Deus não poderia pedir mais? Mas eles foram enganados – Deus não pode ser zombado. Deus não pode ser enganado, e o que o homem semear, isso ele colherá. Um homem que continua a semear para a carne colherá da carne a destruição. Esse é um princípio do qual ele nunca pode escapar, do qual ele nunca poderá correr. E esse é um princípio que nunca falhará. Se você continuar a semear para a carne, você *irá* colher destruição.

Mas você me diz: “Você não crê na doutrina bíblica da predestinação? Se Deus os escolheu para salvação, então eles certamente serão restaurados e voltarão para Deus”. Certamente eu creio nisso, mas por quais meios Deus os trará de volta? É por sua Palavra e por seu Espírito. É precisamente através de advertências e admoestações como essas que Paulo nos dá, tornadas eficazes pelo seu Espírito, que Deus trará de volta os eleitos, que Deus despertará os sentidos espirituais dos eleitos.

Mas em uma de suas cartas, Paulo nos diz que algumas pessoas voltaram para o mundo, pois elas amaram mais o mundo do que a Deus (2 Timóteo 4:10), e algumas pessoas amam mais o dinheiro do que a Deus. As advertências da Escritura podem não despertar essas pessoas, mas a palavra de Deus sempre terá algum efeito naquele que ouve. Se ele não for um efeito positivo e edificante, então será um efeito negativo, endurecedor e destrutivo. Assim, quando o réprobo ouve: “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá”, ele não reagirá da mesma forma como alguém cujo coração foi mudado e está sendo trabalhado pelo Espírito Santo.

Mas ele ainda pode se sentir desafiado, bem como ameaçado também. Ele pode sentir a ira de Deus pairando sobre a sua cabeça. Ele pode sentir um fardo espiritual, mas ele recusará se render, pois o Espírito Santo não lhe deu um coração de carne, e tudo o que ele tem é um coração de pedra. Assim, ele fará a única coisa que ele sabe fazer, ou seja, suprimir a verdade em injustiça, e aquietar e sufocar sua consciência. Ele receberá uma condenação ainda maior por causa disso, e essa é a vontade de Deus para o réprobo. Certa vez eu estava tentando convencer um amigo a deixar uma seita, mas ele me disse que tinha investido certo dinheiro – aproximadamente US\$ 900 – num projeto estranho iniciado e mantido pela seita, e estava relutante em deixar todo aquele dinheiro para trás, de forma ele não queria deixar a seita até que ele pudesse ter todo o dinheiro de volta. Eu lhe disse que, visto que ele estava disposto a vender a sua alma por US\$ 900, eu lhe pagaria US\$ 1.000 para comprar a sua alma. Embora eu considerasse aquela uma grande quantia de dinheiro, eu lhe disse que se ele aceitasse o acordo, esse seria o quanto eu lhe pagaria. Mas o acordo seria que, se eu lhe pagasse os US\$ 1.000 para comprar sua alma, então eu seria o dono dele para sempre, e ele teria que deixar a seita e fazer tudo quanto eu dissesse para ele fazer daquele momento em diante. Afinal de contas, haveria pouca diferença para com a situação dele com a seita, exceto que ele seria US\$ 100 mais rico. Ele entendeu a questão e deixou a seita. Mas mais tarde, ele se apartou da fé, e de mim

também. Poderia ser o caso desse incidente ter revelado o que estava realmente em seu coração, e o que era realmente importante para ele?

Mas Deus não pode ser zombado, e um homem colherá o que ele semeou. Se ele continuar a semear para a sua carne, então de sua carne ele colherá destruição. Ele não pode escapar disso. Ele não pode correr disso. Ele não pode mudar isso. Ele não pode enganar ou ser mais esperto do que isso. Esse é o porque Deus não pode ser zombado. Ele conhece todas as coisas, e julga todas as coisas, e ele tem determinado que o que um homem semear, isso será também o que ele colherá. Deus se encarregará que isso aconteça.

Entenda que não estamos falando sobre carma. Não estamos falando sobre alguma lei impessoal – alguma lei que está estabelecida no universo a qual ninguém pode operar ou manipular. Antes, estamos falando sobre um Deus pessoal, um juiz pessoal, que tem nos revelado as suas santas demandas. E ele nos diz que qualquer coisa que nos diga que podemos semear para a carne e não colher destruição é uma mentira. Qualquer ensino que lhe diga que você pode semear para a carne e ainda colher vida é uma mentira. É um engano. É uma falsa doutrina. E qualquer ensino que lhe diga que você pode enganar a Deus, e mudar a sua santa lei e o seu santo julgamento é engano e blasfêmia. Isso levará somente à perdição eterna. Assim, não vos enganeis: Deus não pode se zombado. Você não pode fazê-lo de tolo. Você não pode manipulá-lo. Você não pode fazer dele o seu palhaço. Certamente, você sempre pode tentar, mas haverá conseqüências, e você estará enganado se pensar que pode escapar delas. Mas se você conhece a verdade, então saiba disso: de Deus não se zomba, e se você semear para a carne, então você colherá a destruição.

PARTE DOIS

Da última vez eu falei sobre Gálatas capítulo 6, versículos 7 e 8. Ali o apóstolo Paulo nos diz: “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá. Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna”. Esses versículos implicam a realidade perturbadora de que há pessoas que estão de fato enganadas sobre essa verdade óbvia. Elas estão enganadas em pensar que Deus pode ser zombado, e que alguém pode semear para a carne e não colher destruição.

Há outro lugar nas cartas de Paulo onde ele usa a frase “não se deixem enganar”, e se por nenhuma outra razão do que o entendimento adicional dessa passagem em Gálatas, será benéfico para nós olharmos para essa outra passagem. Eu tenho em mente 1 Coríntios capítulo 6, e quando você chegar ali, você pode ler comigo os versículos 9 e 10. Ele escreve: “Vocês não sabem que os perversos não herdarão o Reino de Deus? Não se deixem enganar: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos, nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus”.

Aqui Paulo nos fala novamente para não sermos enganados, e a coisa sobre a qual ele não quer que nos enganemos é o fato de que “os perversos não herdarão o Reino de Deus”. E assim, somos confrontados novamente com a realidade perturbadora de que as pessoas podem se enganar sobre algo tão claro e óbvio como isso, de forma que elas pensam que os perversos herdarão de fato o reino de Deus. O pensamento delas sobre certo e errado, sobre o que agrada a Deus, e sobre o que Deus requer delas, é o exato oposto do que Deus revelou.

Assim, para que ninguém se confunda, e para que ninguém seja enganado, Paulo deseja deixar o seu ponto claro, e esse é o fato inalterável de que “os perversos não herdarão o Reino de Deus”. Observe que Paulo diz isso duas vezes. Ele diz uma vez no versículo 9, e então, após nos dar uma lista de tipos específicos de pecadores, ele diz novamente no final do versículo 10. Ele diz novamente: “os perversos não herdarão o Reino de Deus”. Ele está dizendo: “Não sejam enganados. Não cometam um engano sobre isso. Que ninguém lhes diga outra coisa. E que ninguém ouse pensar diferentemente. Os perversos nunca, nunca, nunca herdarão o reino de Deus. Deus não lhes receberá no céu, mas ele enviará os mesmos para o inferno, para serem punidos e torturados para sempre”.

E observe que aqui ele não nos dá apenas uma lista de pecados, mas ele nos dá uma lista das *peças* identificadas pelos pecados. Nossa sociedade frequentemente separa as pessoas de suas ações, e se elas condenam a impiedade de alguma forma, elas tendem a condenar as ações, mas a escusar as pessoas, talvez como vítimas da sua própria educação e circunstâncias. Essa forma mista de pensamento tem infiltrado a igreja e sua teologia, de forma que muitos crentes até mesmo pensam que “Deus odeia o pecado, mas ama o pecador” é parte do evangelho.

Num dicionário bíblico, um estudioso apontou que os hebreus não separavam as pessoas de suas ações, mas a partir dessa premissa, ele imediatamente conclui que, *portanto*,

Deus odeia o pecado, mas ama o pecador. Eu não posso lhe dizer exatamente o que estava acontecendo em sua mente quando ele escreveu isso, mas essa conclusão é o exato oposto do que a premissa produz. Veja, a premissa surgiu de seus estudos, mas sua conclusão veio de sua suposição impregnada de que Deus não pode odeia alguém em nenhum sentido. Essa suposição, certamente, veio do mundo, e é agora ensinada por toda a igreja. Isso é tanto uma parte desse estudioso bíblico que, embora sua premissa demande logicamente o oposto, ele assume cegamente que ela leva à sua conclusão.

E isso é como muitas pessoas lêem a Bíblia hoje; elas assumem que suas crenças atuais são verdadeiras e corretas, de forma que elas pensam que o que quer que elas leiam da Bíblia proporcionará confirmação para elas, mesmo que a Bíblia ensine exatamente o oposto do que elas crêem, e mesmo que ela condene suas crenças e ações como perversas. Os cristãos também pensam frequentemente dessa maneira porque eles têm sido influenciados pelo mundo. Eles ainda têm pecados remanescentes em seus corações, e suas mentes ainda não foram completamente renovadas pela palavra de Deus. Assim, quer estejamos examinando a nós mesmos ou ajudando outro alguém, devemos usar a palavra de Deus para romper essa cegueira espiritual. Esse engano é real, potente e teimoso. E assim, Paulo enfatiza para nós duas vezes que o perverso não pode herdar o reino de Deus. Em todo o seu pensamento sobre Deus, pecado e salvação, não cometa esse erro, e não negocie esse ponto.

Se o perverso não herdará o reino de Deus, então quem são essas pessoas perversas? Alguém é perverso porque come carne? Alguém é perverso porque crê na pena de morte? Alguém é perverso porque ele disciplina seus filhos? Alguém é perverso porque ele prega o evangelho, e “impõe” suas crenças sobre outras pessoas? Bem, isso parece ser o que muitos incrédulos pensam hoje. E porque a igreja tem sido fraca em resistir à influência deles, até mesmo muitos crentes professos parecem pensar assim também. Mas Paulo nos diz quem são essas pessoas perversas. Elas são fornicadores, idólatras, adúlteros e homossexuais. Ela são os glutões, os ladrões, os trapaceiros e os alcoólatras. Em outras palavras, as pessoas perversas são aquelas que os incrédulos consideram pessoas *normais*. As pessoas perversas são os não-cristãos, e aqueles a quem os não-cristãos aprovam ou até mesmo glorificam.

Não se deixem enganar. Essas pessoas não herdarão o reino de Deus. Elas não entrarão no céu. Se você é um fornicador, você irá para o inferno. Se você é um idólatra, você irá para o inferno. Se você é um adúltero, você irá para o inferno. Se você é um homossexual, você irá para o inferno. E se você é um fornicador, ou um idólatra, ou um adúltero, ou se você é um homossexual, não pense que você entrará no céu dessa forma – isto é, sem arrependimento e fé – pois você não entrará. Você é um dos perversos que Deus enviará diretamente para o inferno quando morrer.

E o mesmo acontece com aqueles de vocês que são glutões, ladrões, trapaceiros ou alcoólatras. Não pensem que vocês podem entrar no céu dessa forma. Você pode esperar, e pode supor, mas Deus está lhe dizendo que você não entrará no céu como um adúltero ou um homossexual, e ele está lhe dizendo que você não entrará no céu como um ladrão

ou um alcoólatra. Se você pensa de outra forma, então você tem sido enganado, e deve parar de descansar em sua ilusão, e acordar para a verdade.

É verdade que Paulo está se dirigindo à igreja. No versículo 8, ele diz: “Em vez disso vocês mesmos causam injustiças e prejuízos, e isso contra irmãos!”. Assim, o que Paulo diz para os coríntios deve servir como uma advertência severa para eles. Da mesma forma, ele diz em outro lugar: “Examinem-se para ver se vocês estão na fé; provem-se a si mesmos” (2 Coríntios 13:5).

Há uma escola de pensamento que sustenta que Deus tem uma série de requerimentos para o seu povo, e outra séria de requerimentos para aqueles que não o conhecem. Em outras palavras, de acordo com esse modo de pensamento, algo como os Dez Mandamentos foi dado ao povo de Deus, e assim, eles argumentam que Deus nunca disse que os gentios não poderiam fornicar e cometer adultério, ou adorar ídolos. Até mesmo cristãos professos crêem nisso e pensam que as leis morais de Deus foram dadas somente aos crentes, pois eles foram salvos pela graça, e receberam a revelação de Deus. Certamente, eles pensam, a mesma série de requerimentos não pode se aplicar aos outros.

De fato, isso simplesmente não é verdade. Mesmo no Antigo Testamento, os profetas consideravam os gentios responsáveis por quebrar as leis morais de Deus, incluindo tais coisas como idolatria e adultério. E Paulo diz no primeiro e segundo capítulo de sua carta aos Romanos que os gentios tinham a lei de Deus escrita em seus corações. Assim, os mesmos requerimentos morais foram impostos tanto sobre crentes como sobre incrédulos. Fornicação, adultério, idolatria, homossexualidade, roubo, glotonaria, e todas as coisas que a Bíblia chama de pecado, são pecados tanto para crentes como para incrédulos.

Não temos tempo para fazer uma digressão detalhada sobre esse assunto, mas o que Pedro escreveu deve ser estabelecido: “Pois chegou a hora de começar o julgamento pela casa de Deus; e, se começa primeiro conosco, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus? E, ‘se ao justo é difícil ser salvo, que será do ímpio e pecador?’” (1 Pedro 4:17-18). Assim, os incrédulos não estão isentos das leis morais de Deus, nem estão isentos de crer no evangelho, mas porque, de acordo com a reprovação soberana e ativa de Deus, eles quebram as leis morais de Deus e rejeitam o seu evangelho, a condenação deles é certa.

Mas certamente, Paulo não está dizendo que somente os cristãos não devem ser adúlteros e homossexuais, pois seu ponto é precisamente que essas pessoas não podem ser salvas e que são perversas e incrédulas. Ele diz aos coríntios: “Por que vocês estão agindo como os incrédulos? Vocês não sabem que os perversos não entrarão no céu? Não se confundam quanto a isso. Não se enganem sobre isso. Pessoas perversas como os fornicadores, adúlteros, idólatras, e homossexuais nunca herdarão o reino do céu”.

Então, ele continua no versículo 11: “Assim foram alguns de vocês. Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados no nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito de nosso Deus”. Ele diz: “alguns de vocês *foram* como essas pessoas”.

Certamente, ele diz “alguns” porque embora todos fossem pecadores, ele não tinha dado uma lista completa de pecados ou pecadores. O ponto é que os perversos não podem herdar o reino do céu, e alguns desses coríntios foram esses perversos que Paulo lista. Mas eles tinham mudado. Ele diz: “Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados”.

No grego, a palavra “mas” aparece antes de cada verbo, e o mesmo é verdade com a palavra “vocês”. A *New International Version* e a *English Standard Version* têm a palavra “vocês” antes de cada verbo, mas elas não repetem a palavra “mas” antes de cada verbo. As traduções mais literais sobre esse versículo são a *King James Version*, a *New King James Version*, e a *New American Standard Bible*. Assim, a tradução apropriada seria: “Mas vocês foram lavados, mas vocês foram santificados, mas vocês foram justificados”. Ao repetir a palavra “mas” e “vocês” antes de cada verbo, Paulo enfatiza a diferença entre cristãos e não-cristãos, a diferença entre os justos e os perversos, e a diferença entre os salvos e os não-salvos: “Os perversos são daquele jeito, e eles não entrarão no céu. Mas vocês são dessa jeito – Deus lhes fez desse jeito – e vocês entrarão no céu”. Nublificar ou negar essa distinção é ser enganado.

Assim, há esperança para o perverso, visto que esses cristãos a quem Paulo está escrevendo foram uma vez tais pessoas perversas, mas Deus lhes mudou pela sua graça. Assim, há esperança para o perverso, mas eles não podem entrar no céu como são. O engano sobre o qual Paulo está falando é estar confuso sobre esse ponto. Se você é uma dessas pessoas perversas, há esperança, há uma saída. Esses pecados podem ser perdoados – *you* pode ser perdoado. Mas eles são pecados, não são? Para receber perdão, você não pode mais justificar os seus pecados, e você não pode mais ignorar o fato de que você é um pecador. Você precisa de perdão, e ele é encontrado somente em Jesus Cristo.

Nossa passagem menciona homossexuais, e visto que esse é um tópico muito debatido em nossos dias, eu direi rapidamente algo sobre ele, e o usarei como um exemplo, a medida que pensarmos sobre os outros tipos de pecadores que essa passagem menciona. Não temos muito tempo disponível, de forma que não serei exaustivo sobre isso.

Há vários argumentos pelos quais os homossexuais buscam se justificar. Eles dizem: “Nós nos amamos”. Mas qual é a definição de amor? Se definirmos amor como a Bíblia o faz, como obediência à lei moral de Deus em nossa relação com Deus e com o próximo, então os homossexuais não se amam. De fato, a Bíblia diz eles cobiçam e usam um ao outro. Eles dizem: “Não estamos ferindo ninguém”. Mas qual é a definição de ferir? E por que o certo e errado é julgado de acordo com o fato de uma ação ferir ou não a outra pessoa? Eles podem chamar o seu comportamento de um “estilo de vida alternativa”, e realmente o é, pois é uma alternativa à decência e à justiça.

Eles dizem que eles nasceram homossexuais, de forma que eles realmente não têm escolha no que eles se tornaram. E se eles não tem escolha sobre isso, então isso não pode ser errado – pelo menos ninguém pode dizer que é culpa deles. Mas isso assume uma relação necessária entre liberdade e responsabilidade, e como eu tenho repetidamente

refutado essa suposição, mostrando que ele é tanto injustificada como desnecessária, não direi mais nada sobre isso neste momento.

Mas há algo relacionado com isso que desejaria de mencionar, e essa é a forma que muitos cristãos tentam tratar com esse argumento. Porque os homossexuais têm tentado usar argumentos científicos para provar que a orientação sexual é determinada pelo nascimento e não pela escolha, muitos cristãos têm tentado tratar com eles sobre esse nível. E assim, eles têm tentado usar argumentos científicos contra a crença de que os homossexuais nascem homossexuais. Por exemplo, uma batalha pode ser travada sobre o que as pesquisas de DNA podem nos dizer sobre isso.

Como em muitos casos similares no debate, eu digo que a batalha inteira é supérflua. Antes, eu posso responder aos homossexuais com um claro: “E daí?” *E daí* se uma pessoa é um homossexual por nascimento e não por escolha? Que diferença isso faz? A questão é que a homossexualidade é um pecado e não o que faz uma pessoa um homossexual. Se uma pessoa é homossexual por nascimento, então tudo isso significa que Deus fez essa pessoa nesse tipo particular de pecador por nascimento. Mas isso não faz nada para mudar o fato de que a homossexualidade é um pecado.

É de fato possível para os homossexuais mudarem, mas isso não tem nada a ver com se a homossexualidade é geneticamente determinada ou não. Esse ponto é completamente irrelevante. Paulo diz que as pessoas perversas que não herdarão o reino incluem os homossexuais, e então ele lembra aos coríntios que alguns deles foram homossexuais, de forma que eles estavam entre aquelas pessoas que não poderiam herdar o reino de Deus. Mas então ele adiciona que eles foram lavados, que eles foram santificados, e que eles foram justificados. Dada a suposição de que as teorias das pessoas sobre genética é correta em primeiro lugar – uma suposição que não tem justificação racional – não importa se uma pessoa é um homossexual por nascimento. Mesmo que a homossexualidade fosse genética, isso não faz diferença para Deus – ele ainda pode mudar a pessoa. Portanto, mesmo que me renda ao aspecto científico inteiro do debate sobre os homossexuais, eu ainda posso dizer para eles: “E daí?”.

Os homossexuais, certamente, vão mais adiante do que tentar se justificar, e dizem que eles não estão fazendo nada errado. Eles se retratam como vítimas, e então como heróis, e como reformadores, como pioneiros contra a discriminação e a injustiça. Alguns até mesmo reivindicam que Deus está do lado deles até o fim, e que ele está até mesmo por detrás deles, apoiando a sua causa. Eles têm se convencido de que a luxúria é amor, que a depravação é decência, e que a rebelião é reforma.

Os sodomitas disseram com respeito a Ló: “agora [ele] quer ser o juiz!” (Gênesis 19:9), e esse é outro argumento que os homossexuais usam contra nós. Eles dizem: “Quem é você para nos julgar”? Bem, eu sei muito bem quem eu sou, quem nós somos, e também quem eles são. Eu sou um embaixador de Cristo, enviado para pregar e reforçar sua palavra com autoridade espiritual. Nós somos o povo de Deus, e a menina dos seus olhos. E como Paulo diz, nós julgaremos até mesmo os anjos, e parece que “mesmo os homens menos importantes na igreja” (1 Coríntios 6:4, NIV) deveriam ser competentes o

suficiente para julgar uma questão tão óbvia como a homossexualidade. Quanto a eles, sabemos também quem eles são – eles são as pessoas perversas que Paulo diz que nunca herdarão o reino do céu, isto é, a menos que se arrependam e mudem.

Certamente, não devemos dar a falsa impressão de que estamos ensinando salvação pelas obras ou pela santidade pessoal. E certamente a salvação *não* vem por simplesmente não ser um homossexual, mas o problema é se os homossexuais admitem que são pecadores e que precisam de Cristo de alguma forma. O problema espiritual fatal é que eles não admitem o seu pecado e a sua necessidade. Pelo contrário, muitos deles são endurecidos, e até mesmo se vangloriam contra a ordem de Deus, dizendo que: “Não temos feito nada de errado. Deus está do nosso lado”. Eles dizem: “Paz, paz. Deus não nos julgará. Estamos no caminho certo, e não no errado. Somos as vítimas, e então somos heróis e reformadores. Quanto às pessoas que se opõem a nós, elas estão cheias de ódio e preconceito”. Enquanto os homossexuais pensarem assim, eles permanecerão longe do reino do céu.

Em Romanos 1, Paulo menciona aqueles que são entregues a paixões vergonhosas. Ele diz: “Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão” (v. 26-27). E então, ele diz no versículo 32: “Embora conheçam o justo decreto de Deus, de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte, não somente continuam a praticá-las, mas também aprovam aqueles que as praticam”.

É por essa razão que a ira de Deus é derramada sobre eles. Hoje há muitos, incluindo alguns que se chamam de cristãos, que podem não ser homossexuais, mas que apóiam a causa para promover a aceitação da homossexualidade na igreja e na sociedade. Alguns deles podem ser homossexuais, mas também aprovam e encorajam aqueles que são homossexuais. Essas pessoas compartilharão a condenação que Deus derramará sobre os homossexuais. O que Deus fará com uma pessoa que vota para manter um pastor homossexual ou para ordenar um homossexual?

Algumas vezes as pessoas apontam corretamente que a Bíblia condena todos os tipos de pecados, e não apenas a homossexualidade. Essa objeção tem sido repetida tão frequentemente, e a igreja tem respondido-a de uma maneira tão fraca, que ela tem sido algumas vezes eficaz em neutralizar a condenação da igreja contra essa abominação. Quando estamos falando sobre homossexualidade, devemos insistir que ela é um pecado que mantém a pessoa fora do reino de Deus; em outras palavras, ela a enviará para o inferno. Ao invés de enfraquecer nosso horror contra esse pecado particular por causa da objeção de que a Bíblia menciona muitos outros pecados, deveríamos aumentar nosso horror e então ampliá-lo para incluir todos os pecados.

A verdade é que todos os pecados levam ao inferno, e que *qualquer* pecado manterá uma pessoa fora do reino de Deus. Se não fosse pela graça soberana de Deus, todos nós

seríamos excluídos do reino do céu. Assim, lembremos da passagem de Gálatas uma vez mais. Ali, Paulo diz: “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá. Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna”. Qual é a sua escusa para adiar as coisas espirituais? Qual é a sua escusa para adiar o arrependimento? Apresse-se, e busque-o enquanto ele pode ser achado. Algumas pessoas dizem para si mesmas: “Ele me esperará. Ele estará lá quando eu estiver preparado”. Sim, mas talvez você não esteja lá. Talvez você nunca fique preparado. O “filho pródigo” voltou para o seu pai porque “ele caiu em si” (Lucas 15:17). E a Escritura nos diz em outro lugar que é o Espírito de Deus quem desperta os eleitos para as suas percepções espirituais. Algumas pessoas tentam parecer inteligentes, e dizem: “Ele me perdoará. Afinal de contas, esse é o trabalho dele”. Mas se podemos falar dessa forma sobre Deus de alguma forma, então é o seu trabalho também condenar pessoas como essas. Deus não será zombado. Você não pode fazer dele um tolo.

Agora estamos sem tempo. Mas antes de concluirmos, gostaria de mencionar outro tipo de engano que podemos encontrar em nossa passagem de Gálatas capítulo 6. Paulo diz: “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá. Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição”. Mas veja, Paulo não para aqui, pois ele continua para dizer: “mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá a vida eterna”.

Em nossa luta por santidade pessoal e em nossa batalha pela fé, há algumas vezes a tentação de nos desencorajarmos, ou de pensar que não colheremos as bênçãos de Deus. Mas assim como o pecador é enganado em pensar que ele não colherá destruição, essa tentação de se desencorajar é baseada num engano.

Assim, o apóstolo nos exorta no versículo 9: “E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos”. Hoje não estamos enganados. Estamos certos de que de Deus não se zomba. Estamos certos que um homem colherá o que ele semeou. Estamos certos que um homem que semeou para a sua carne, da sua carne colherá a destruição. E não estamos enganados, pois sabemos que o perverso não herdará o reino do céu. Sabemos e estamos certos de que os fornicadores, idólatras, adúlteros e homossexuais, bem como os ladrões, mentirosos, e caluniadores, não herdarão o reino do céu.

Assim, não seja enganado, pois o mesmo princípio opera numa direção positiva também. Se não nos cansarmos, se não nos tornarmos complacentes, se não nos desencorajarmos, e se continuarmos a fazer o bem, e a fazer o que Deus nos ordena a fazer, então certamente colheremos uma colheita de vida e glória no tempo devido. O escritor de Hebreus diz que “quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam” (11:6). Tal é a natureza da fé verdadeira, o tipo de fé que semeará para o Espírito e colherá vida eterna.

2. RELIGIÃO PURA

PARTE UM

Vamos começar pela leitura de Tiago 1:22-24. O apóstolo escreveu: “Sejam praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-se a si mesmos. Aquele que ouve a palavra, mas não a põe em prática, é semelhante a um homem que olha a sua face num espelho e, depois de olhar para si mesmo, sai e logo esquece a sua aparência”.

O engano espiritual é uma coisa muito impressionante. É ao mesmo tempo intrigante e irritante quando você tem que partilhar pensamentos com alguém que está ludibriado com a sua própria condição espiritual. Em determinados períodos, todos nós temos nos ludibriado a respeito de nossas condições espirituais, mas é algo mais impressionante quando você observa isto em outra pessoa qualquer. É como se a pessoa não pudesse ver a coisa mais óbvia do mundo.

Aqui Tiago alerta a todos que estão ludibriados consigo mesmos, que apenas ouvem a Palavra, mas não a praticam. Para ilustrar isto, ele pinta um quadro de uma pessoa que olha a si mesma no espelho, e quando vira as costas, imediatamente se esquece do que ela viu a respeito de si. É claro, esta pessoa retém certa opinião sobre si mesma, sobre sua aparência, mas esta pode não se parecer com nada do que o espelho lhe revelou.

Que quadro apropriado é este para retratar alguém que está ludibriando a si mesmo sobre sua própria condição espiritual! Se você tem realizado algum ministério ou efetuado algum aconselhamento, de alguma forma, você provavelmente já encontrou um considerável número de pessoas como esta. Mas se você nunca se deparou com alguém assim, não há necessidade de aprender pela experiência, como se seu aprendizado devesse lhe mostrar o coração das pessoas antes. Vamos deixar a Palavra de Deus lhe ensinar sobre isto.

Em meus anos de ministério, eu tenho conversado com várias pessoas que chegaram a uma tremenda convicção em suas leituras da Bíblia. Frequentemente elas podem ficar perturbadas e preocupadas com sua condição espiritual. Isto acontece com os crentes quase sempre. Cristãos que são novos na fé, ou que estão temporariamente em pecado, podem inclusive se questionar sobre sua certeza de salvação.

Isto acontece com certa frequência, por exemplo, após as pessoas terminarem a leitura sobre o Sermão da Montanha. Eles poderiam vir até mim e dizer: “Se isto é o que Jesus requer, então estou com problemas. Se é isto que significa ser crente, então pode ser que eu não seja um”. Mas eles não perceberam que uma pessoa não pode cumprir o Sermão da Montanha por seu próprio poder, e isto é certo mesmo depois que uma pessoa se torna cristã. Apenas Deus pode regenerar um pecador e mudar radicalmente suas mais profundas aptidões, pelo poder do Espírito. Portanto, após a conversão da pessoa, é Deus quem empreende nela a santificação pelo Espírito Santo. Como Paulo escreveu: “Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele” (Filipenses 2:13).

Algumas vezes estas pessoas não estavam realmente convertidas, em primeiro lugar, e precisavam procurar Cristo para salvação. Outras vezes, o que elas precisavam era de um entendimento melhor a respeito dos ensinamentos bíblicos sobre a fé e a graça. Mas

como você pode observar, a sensatez de suas respostas foram muito positivas, pois eles não distorceram o Sermão da Montanha em suas mentes para proteger suas concepções anteriores sobre sua própria condição espiritual. Eles o levaram a sério, e estiveram lendo de fato o que Jesus intentou transmitir através dele. Elas olharam para o espelho, e não gostaram muito do que viram nele. O que elas buscaram foi uma firme compreensão do caminho para a salvação. Ao invés de descansarem na certeza de sua própria santidade, eles devem colocar sua confiança na promessa de Deus.

Então, aqui está a coisa impressionante, e esta é quando você vê outras pessoas lendo o mesmo Sermão da Montanha e não se sentindo incomodadas de forma alguma. De fato, muito frequentemente elas podem ler a passagem e sentir que já atingiram todos os requisitos que Jesus colocou no Sermão da Montanha, e se estiverem incomodadas de alguma forma, é com a idéia de que outras pessoas não estão cumprindo o mesmo. Aqui está o engano em que ludibriam a si mesmos. Elas podem olhar para o espelho da Palavra de Deus, e se conseguirem enxergar alguma coisa de si mesmas, é tudo esquecido quando viram as costas, no momento em que vão embora.

Este tipo de engano torna-se mais evidente quando você está tentando ministrar a alguém instruções doutrinárias. Você pode fornecer a elas uma exposição passo-a-passo. Você pode pacientemente apresentar seu caso, e fornecer respostas meticulosas para todas as suas questões e objeções. Ao final, elas podem até mesmo dizer que entenderam o ensinamento bíblico, e que estão de acordo com o que você disse. Mas na próxima vez que você os encontrar, que você conversar com elas, perceberá que elas falam e se comportam como se nada tivesse acontecido. Elas podem falar com você como se não tivessem mudado suas posições sobre o assunto, aparentemente como se a conversa anterior não tivesse ocorrido.

Certa vez, eu estive conversando com uma mulher a respeito de uma doutrina em particular. Não vem ao caso saber qual era esta doutrina, pois o nosso foco é o engano, a cegueira espiritual. A mulher estava com dificuldades por que não conseguia conciliar a doutrina bíblica com algo em que ela acreditava. Mas ao invés de mostrar que a doutrina não era realmente ensinada na Bíblia, e ao invés de renunciar ao engano que ela afirmava, ela suspirou e disse: “Bem, eu suponho que isto seja um mistério”.

Mas aquilo não era um mistério, como se nos faltasse a informação necessária, ou como se fosse algo impossível de se entender. Se ela tivesse ao menos concordado com a doutrina bíblica e renunciado à falsa crença, então não haveria mais nenhuma dificuldade, e nem a necessidade de reconciliar duas coisas incompatíveis. Então eu insisti: “Não, não há nenhum mistério. Eu mostrei toda a explanação para você, e respondi todas as suas objeções”.

Ela aparentou estar chocada com isto. Veja, ela tinha estabelecido em sua mente que se cresse numa coisa e a Bíblia ensinasse o oposto, então o assunto deveria ser um mistério. Nunca lhe ocorreu que sua crença poderia ser falsa. Mas ela queria aprender, e então ela me pediu para explicar tudo novamente, e eu o fiz. Pelo final da nossa conversação, ela parecia finalmente ter entendido e concordado com a doutrina.

De qualquer jeito, na próxima vez em que conversamos, estávamos de volta ao ponto de partida, e era como se a conversa anterior nunca houvesse ocorrido. Até onde eu posso dizer, ela não estava deliberadamente se rebelando contra aquilo que eu lhe ensinava a

partir da Bíblia, mas isto aconteceu sem que ela percebesse. Então quando eu mencionei a doutrina desta vez, ela disse novamente: “Bem, eu acho que isto deve se tratar de um mistério”. Eu precisei lembrá-la sobre a nossa conversa anterior e qual havia sido a conclusão, e então eu expliquei tudo novamente. Você deve estar imaginando que esta foi a última vez, mas quando nos encontramos novamente, havia o mesmo problema. Eu precisei explicar a doutrina repetidamente a ela por um período de vários meses. Até que finalmente ela pareceu ter captado a mensagem.

A mesma coisa pode acontecer quando você está ministrando instruções éticas, ou quando você está tentando despertar alguém sobre um estado de queda moral. Você pode mostrar as Escrituras para ele, e apontar os seus pecados. Naquele momento ele pode atingir uma profunda convicção e prometer-lhe que será uma pessoa diferente dali em diante, e que está pronto para mudar. Mas na próxima vez em que você o encontrar, ele pode vir até você com entusiasmo, cumprimentá-lo, e conversar com você como se a conversa anterior nunca tivesse acontecido. E então você descobrirá que ele nunca fez as mudanças apropriadas em sua vida, depois de você ter conversado com ele da última vez.

Se você estiver no ministério, você encontrará pessoas assim sempre e frequentemente, e é por isto que força e tolerância espiritual são essenciais. Você poderia dizer que elas são necessárias para a eficácia dos ministros, ou pelo menos para sua própria sanidade. Algumas vezes estas pessoas levarão você ao limite de sua paciência, e você poderá se sentir exasperado, e dizer junto com Jesus: “Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei com vocês? Até quando terei que suportá-los?” (Mateus 17:17) e “Nem mesmo vós ainda compreendeis?” (Mateus 15:16). E você poderá se identificar com o escritor de Hebreus: “Quanto a isso, temos muito que dizer, coisas difíceis de explicar, porque vocês se tornaram lentos para aprender. Embora a esta altura já devessem ser mestres, vocês precisam de alguém que lhes ensine novamente os princípios elementares da palavra de Deus. Estão precisando de leite, e não de alimento sólido!” (Hebreus 5:11-12).

Embotamento e engano espiritual são especialmente difíceis de desfazer quando você está tentando trazer alguém para fora de uma seita, isto é, quando você está tentando “desprogramar” alguém que se submeteu a uma prolongada lavagem cerebral. Dificuldades semelhantes são frequentemente apresentadas em vários graus quando você está tentando produzir uma mudança minuciosa de paradigma na perspectiva teológica e intelectual de uma pessoa, com quando você está procurando “converter” alguém do Arminianismo, Catolicismo, dispensacionalismo, empirismo, entre outros, para a forma bíblica de pensamento.

Estes projetos requerem intenso e torturante trabalho da sua parte, e pode levar meses, e em muitos casos, anos para ser realizado. E mesmo assim nenhuma mudança permanente será realizada, a menos que eles tenham sido trazidos pelo poder do Espírito Santo, de acordo com sua soberana vontade. Um caminho apropriado para ilustrar este procedimento é compará-lo com uma cirurgia. Assim como uma cirurgia não pode obter sucesso sem que a Providência sustente o trabalho do cirurgião e as funções do corpo, uma cirurgia espiritual é complicada e envolve um intenso trabalho e concentração, mas os resultados desejados não podem ser atingidos sem que o poder de Deus trabalhe diretamente no coração da pessoa através de seus esforços.

Em princípio, todas estas pessoas podem receber ajuda sem atenção e aconselhamento individuais, realmente desnecessários na *maioria* dos casos. Preferencialmente, a melhor maneira de ajudar a maioria das pessoas é mantê-los sentados ouvindo um prolongado período de pregação bíblica. O Espírito pode aplicar a Palavra de Deus aos seus corações e efetivar as modificações apropriadas e necessárias. É por isto que o ministério da pregação, ou o ministério da palavra em geral, é o trabalho mais importante e poderoso que o ministro deve realizar. Tudo o mais é secundário. Agora, eu disse que estas pessoas podem ser auxiliadas pela pregação da Palavra de Deus “em princípio”, pois se elas apresentarão alguma mudança com a pregação do Evangelho ou não depende da escolha de Deus para elas neste determinado momento, e se elas estão numeradas entre os eleitos ou os não-eleitos.

Este tipo de embotamento e engano espiritual não nos surpreende, e isto não é como se qualquer um de nós fosse completamente inocente a respeito disto. De qualquer forma, isto é de fato um problema e impedirá qualquer avanço espiritual significativo em uma pessoa. Algo que deve ser delatado e confrontado. E aqui está a forma pela qual podemos ajudar uns aos outros, uma vez que o auto-engano significa exatamente que não podemos reconhecer nossas próprias falhas e faltas, nossos pecados e transgressões. Deus precisa nos iluminar, e trazer estas coisas para a nossa compreensão. Ele pode usar instrumentos humanos com freqüência, mas nós devemos sempre nos lembrar que estes instrumentos não possuem poder próprio para despertar as almas. O progresso espiritual é todo por Deus e pela graça. Assim, os outros podem falar a verdade para nós, e nos confrontar, às vezes de uma forma gentil, e às vezes com uma exortação. Mas uma vez que apenas o Espírito de Deus tem acesso e controle direto aos nossos corações, é da mesma forma importante o orar para que Deus sonde os nossos corações e nos revele as nossas faltas.

Por outro lado, existe um outro tipo de homem (ou, pela graça de Deus, o mesmo homem em um período diferente!). Este é o tipo que não está espiritualmente enganado. Ele não está entretido com falsas idéias a respeito de sua condição espiritual, mas ele escuta a Palavra de Deus e responde a ela. O verso 25 diz: “Mas o homem que observa atentamente a lei perfeita, que traz a liberdade, e persevera na prática dessa lei, não esquecendo o que ouviu mas praticando-o, será feliz naquilo que fizer”. Ele responde à Palavra de Deus de forma diferente daquele que está enganado sobre si mesmo.

Note o que ele faz. Primeiro, ele “observa atentamente”. Ele não está fitando as páginas da Bíblia com os olhos apenas, e também não está apenas sentado, se colocando sob o som da pregação da Palavra de Deus. Ele observa atentamente, coloca a sua atenção na Palavra de Deus, no que está sendo dito. Em segundo lugar, depois de prestar a atenção na Palavra de Deus, ele não olha adiante, não se distancia, mas continua ali. O versículo diz que ele “persevera na prática”, ou que ele continua observando atentamente a Palavra de Deus.

Em terceiro lugar, diferente da pessoa que engana a si mesma a respeito de sua condição espiritual, este homem “não é ouvinte esquecido”. Ele retém a verdade e pode relembra-la perfeitamente em sua mente. E em quarto lugar, somando-se a isto, e também diferente da pessoa que engana a si mesma, este homem é “praticante” – ele está praticando o que a Palavra de Deus ensinou. O resultado é que ele “será feliz naquilo que fizer”. A pessoa que alcança resultados espirituais, e que também realiza desenvolvimento e progresso espiritual, é aquela que atenta para a Palavra de Deus, que a

ouve atentamente, que permanece com ela, e que muda seus pensamentos e age de acordo com os ensinamentos das Escrituras.

Isto demanda mudança e aprimoramento na forma em que abordamos as Escrituras, e na forma como ouvimos os sermões de nossos ministros. Não é o suficiente apenas estar “ali” quando a Bíblia é aberta, ou quando alguém está pregando. Você deve estar atento para o perigo real da possibilidade de auto-engano em sua alma. Há algumas coisas que você está pensando e há algumas coisas que você está fazendo que fazem parte de você de uma tal forma, que elas permanecerão intocadas a não ser que você siga repetidamente aquilo que as Escrituras ensinam contra elas. Você deve deliberadamente abandoná-las.

Portanto, desperte para o perigo e a possibilidade do auto-engano espiritual, e deliberadamente dedique especial atenção à Palavra de Deus, considerando até mesmo aquelas porções e ensinamentos que lhe parecem familiares. Nunca se distancie assumindo que você já está cumprindo o que as Escrituras te ordenam a fazer, ou como se você já estivesse se privando daquilo que a Escrituras te proíbem de fazer.

Talvez se todos nós olharmos atentamente para a Palavra de Deus, e examinarmos a nós mesmos sob sua luz, iremos todos perceber o quanto temos nos ludibriado sobre nossa própria condição espiritual. Que Deus possa sondar nossos corações. Que ele possa nos iluminar, nos livrar do engano, e nos transformar através da sua graça.

PARTE DOIS

Vamos rever resumidamente o assunto que comentamos. Nós aprendemos com Tiago o quadro da pessoa que está enganada sobre sua própria condição espiritual, e Tiago até mesmo indica que ela engana a si mesma. Ela se engana quando somente ouve a palavra de Deus, mas então não faz o que ela diz. Ela coloca sua face perante uma Bíblia aberta. Ela senta ali onde alguém está pregando, mas não presta nenhuma atenção. Ela pode ter um vislumbre de si mesmo – isto é, da sua condição espiritual. Mas quando vira as costas, já se esqueceu do discernimento que havia recebido.

Por outro lado, a pessoa que não está ludibriada trata a Palavra de Deus de forma diferente. Ela se aproxima da Palavra de Deus com reverência e a “observa atentamente”. Ela coloca a sua atenção no que está ouvindo, aprendendo todas as coisas que precisa, e não olha adiante. Ela não se distancia acreditando que já aprendeu tudo o que precisava saber. Ao invés disso, continua nela. Ela se mantém nela, e continua observando a Palavra de Deus. Ela continua recebendo discernimentos a partir da Palavra de Deus sobre a sua condição espiritual, e Tiago afirma que ela não se esquece do que vislumbrou nela. Pelo contrário, continua prestando atenção, e continua observando atentamente. E então, ao invés de ficar estagnado ali, como os que enganam a si mesmos, executa o que a Palavra de Deus ensina. Ela obedece, realiza o que tem sido ensinado pela Bíblia.

Esta é a diferença entre a pessoa que está ludibriada sobre a sua condição espiritual e a pessoa que reconhece o que a Palavra de Deus ensina, a qual não está enganada sobre sua condição espiritual. A segunda é aquela que agrada a Deus, e que faz progresso em sua caminhada espiritual com o Senhor. Enquanto o outro homem permanece em cativeiro, aquele que ouve e obedece olha intensamente para a lei perfeita da liberdade, que o torna livre do cativeiro do pecado e do engano.

Agora vamos prosseguir para a próxima passagem. Nós podemos ler nos versos 26 e 27: “Se alguém se considera religioso, mas não refreia a sua língua, engana-se a si mesmo. Sua religião não tem valor algum! A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo”.

Lembre-se de que Tiago está preocupado com o engano. Ele está querendo dizer que uma pessoa deve conhecer sua verdadeira condição espiritual. Ele mostrou que uma pessoa pode ter uma opinião sobre sua própria condição, e esta pode ser uma ilusão – uma mentira. Aqui ele menciona isto novamente, no versículo 26. Ele diz que é possível o homem enganar-se a si mesmo, no que diz respeito se ele é verdadeiramente religioso, ou se ele é verdadeiramente espiritual. É possível, ele diz, um homem enganar a si mesmo, de forma que enquanto ele pensa ser religioso e espiritual, sua religião é na realidade inútil. Ele nos fornece alguns exemplos do que a religião verdadeira produz, e se estas coisas estão ausentes da vida e do caráter de uma pessoa, então ela não é verdadeiramente religiosa – isto é, ela não é realmente devotada à religião de Cristo, e tudo o que ela faz é vão e falso.

Primeiro, ele afirma que o homem verdadeiramente religioso irá “refrear a sua língua”. Dependendo de suas circunstâncias – dependendo de qual tipo de ensinamento bíblico você tem recebido, e de qual tipo de ensinamento a sua igreja tem enfatizado – este item pode parecer estranho para você. Os próximos dois itens requerem também uma

exposição, mas eu creio que este em particular tem sido negligenciado, e este é o ensinamento de que a verdadeira religião é demonstrada em grande parte pelo que você diz, e pelo que você se abstém de dizer.

A Bíblia condena fofocas, mentiras, ultrajes, blasfêmias, ou qualquer outra atitude tola. Qual dentre nós é inocente em todas estas coisas? Mas não podemos rebaixar o padrão das Escrituras. O que nós precisamos é da graça de Deus e de fé para crer nele para a salvação. Como Jesus afirmou: “A boca fala do que está cheio o coração” (Mateus 12:34). O que nós afirmamos, o que nós evitamos afirmar, e como nós usamos nossa capacidade de discursar, revelam as coisas que temos no nosso coração.

Se nós somos perversos e divisivos, e se nós somos bisbilhoteiros, tendemos a nos tornar mexeriqueiros. Se nós somos tolos e irreverentes de coração, então nós podemos estar desprovidos de gravidade e seriedade no nosso discurso. E aqueles que blasfemam e realizam conversas profanas revelam seu ódio por Deus em seus corações. Com aqueles que temem a Deus, há muitas coisas que eles nunca dirão, e estas são exatamente aquelas piadas que eles não desejam ouvir e muito menos repetir. “Mas eu lhes digo que, no dia do juízo, os homens haverão de dar conta de toda palavra inútil que tiverem falado” (Mateus 12:36).

De que modo seria o uso correto da habilidade de discurso? Digamos que você tenha uma informação que justificaria o inocente e condenaria o culpado. Você estaria cometendo uma grande injustiça se você estivesse se abstendo de falar. Ou, se você percebe que um dos seus amigos está preso no pecado, então é sua responsabilidade falar de acordo com a orientação bíblica. A Bíblia afirma: “Melhor é a repreensão feita abertamente do que o amor oculto” (Provérbios 27:5). Em algumas circunstâncias, se você “ama” secretamente, isto pode significar apenas que você não ama de forma alguma.

Então, é claro, uma das coisas mais importantes para a qual você deve usar a sua habilidade de discursar é a pregação do evangelho, sustentar a firme e rígida palavra da vida perante essa geração perversa. A língua pode ser muito construtiva e também muito destrutiva. Mais ainda na carta, Tiago escreve: “Semelhantemente, a língua é um pequeno órgão do corpo, mas se vangloria de grandes coisas. Vejam como um grande bosque é incendiado por uma simples fagulha. Assim também, a língua é um fogo; é um mundo de iniquidade. Colocada entre os membros do nosso corpo, contamina a pessoa por inteiro, incendeia todo o curso de sua vida, sendo ela mesma incendiada pelo inferno” (3:5-6). Quando a Bíblia diz que algo é incendiado pelo fogo do inferno, seria apropriado prestarmos séria atenção a isso.

Tendo comentado sobre isto, vamos retornar ao ponto central do nosso texto. De novo, Tiago está preocupado em mostrar que algumas pessoas se consideram espirituais e religiosas, mas elas estão gravemente enganadas. Pense a respeito de quantas pessoas consideram-se religiosas, espirituais, e conhecedoras sobre os assuntos teológicos e que, no entanto, cometem constantemente pecados da língua. Vamos dar seriedade, portanto, ao que a Bíblia diz a respeito dos pecados da língua. Podemos começar com um adiantado conselho no versículo 19: “Sejam todos prontos para ouvir, *tardios para falar* e *tardios para irar-se*”.

Nós estamos discutindo o que faz um homem ser religioso de verdade, e por “religioso”, é claro, estamos querendo dizer possuir o tipo de fé e vida que a Bíblia ensina. Não

estamos utilizando o termo no sentido negativo. O homem verdadeiramente religioso, ou o homem que pratica a religião pura, uma religião sem mácula diante de Deus Pai, é aquele que ouve a Palavra de Deus e então faz o que ela diz. Mas aquele que acredita falsamente que é religioso, é aquele que meramente ouve a Palavra, mas não faz o que ela diz.

Como você pode perceber, muitos cristãos acreditam que um homem religioso, um homem espiritual, é aquele que está orando o tempo todo, que estuda o tempo todo, que é desinibido na adoração, e aquele que possui intrepidez para pregar o Evangelho. Estas são realmente evidências muito boas de um homem espiritual, e um homem verdadeiramente religioso pode e possuirá estas qualidades. Mas o que ele faz quando encontra um órfão em necessidade? E como ele reage à uma viúva em dificuldades? Nossa fé, se genuína, deveria produzir as boas obras e refletir a compaixão de Cristo.

Os coríntios foram favorecidos com vários dons espirituais, e por causa disto eles achavam que eram espirituais. Existem muitos que pensam da mesma forma hoje em dia, e você não precisa ser carismático para ser um deles. Você pode ser dotado no entendimento teológico. Você pode ser dotado na pregação. Você pode ser dotado na administração. Você pode ser dotado em finanças. Mas se, como os coríntios, você fizer o dom de Deus a base para a rixa, para a divisão, para o ciúme, e para a competição, então Paulo afirma que você é carnal, e não espiritual, não importa o quanto você seja dotado, ou pense que é. Sua fé pode parecer bonita para os outros, e especialmente para você mesmo, mas está carecendo de realismo e substância.

Tiago nos deu uma ilustração concreta sobre isto no segundo capítulo de sua carta. Ele escreveu: “De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se”, sem porém lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta” (2:14-17).

É bom dizer para a pessoa necessitada: “Eu lhe desejo o bem, mantenha-se aquecida e bem alimentada”, porquê um coração verdadeiramente compassivo irá de fato desejar o bem para esta pessoa, e irá de fato desejar que esta pessoa esteja aquecida e bem alimentada. Contudo, uma religião pura, uma pessoa verdadeiramente espiritual, deveria fazer mais do que isto. Tiago está dizendo que você deveria mostrar também o que você quer dizer pelo que diz, e fazer alguma coisa a respeito das necessidades desta pessoa.

E assim, voltando para 1:27, Tiago diz que a religião pura, aquela que está sem máculas diante de Deus o Pai, é aquela que irá “cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades”. Em outra ocasião, talvez usando outro texto, eu discutiria como a igreja pode implementar obras de caridade. Tiago está aqui falando à igreja, nós não deveríamos interpretar o que ele diz a partir de uma perspectiva de individualismo extremo. Portanto eu gostaria de falar sobre como *uma igreja* pode implementar obras de caridade, porque ela necessita de regras e políticas, e quais tipos de regras e políticas a Bíblia ensinaria e sustentaria.

Mas embora estejamos guardando isto para outro momento, as palavras finais deste versículo levam-nos a uma importante advertência sobre a implementação das obras de caridade na igreja. Existem caminhos certos e errados para se fazer isto.

Agora, se você ler apenas a primeira parte deste versículo, que diz ser a pura religião aquela que cuida dos órfãos e das viúvas, e então deixar de lado o resto da Bíblia, você terminará com uma religião humanística, um evangelho social que não possui poder espiritual de salvação. Ao invés de uma religião pura e imaculada, você terminará com a antítese dela.

Existe um contexto, um pano de fundo, por detrás de todas as obras de caridade que a igreja realiza, e esse pano de fundo é a fé em Jesus Cristo. É um erro grave – um erro danoso – supor que o Cristianismo é primariamente um sistema de ética, ou que ele é principalmente um chamado para a justiça social e as obras de caridade. Interpretar o Evangelho de Jesus Cristo como puramente, ou até mesmo principalmente, um evangelho social é distorcer a sua mensagem e negar o seu poder. Boas obras não produzem uma religião pura, mas esta produz as boas obras. Esta distinção deve ser mantida.

Algumas pessoas estão aparentemente tão ávidas para alcançar certos tipos de pessoas que elas se transformariam tanto para se adaptar àquelas, que no final dificilmente restaria alguma diferença considerável entre elas e as pessoas que estão tentando alcançar. Se elas são tão parecidas com aquelas pessoas, então porque aquelas precisam se converter? Se elas chegam até aquelas pessoas e usam o mesmo palavreado de baixo calão, vestem o mesmo tipo de roupas, fazem o mesmo tipo de piadas sujas, cantam e ouvem o mesmo tipo de músicas mundanas, e fazem muito de tudo o que os incrédulos fazem, então essas pessoas já foram poluídas.

Tiago diz que a religião pura e imaculada não apenas cuida dos órfãos e viúvas, mas também se mantém guarda alguém de ser poluído pelo mundo. Isso reforça a idéia de que o Cristianismo não é um evangelho social. A filosofia bíblica do ministério e do evangelismo é remover qualquer abertura desnecessária sem ir a extremos ridículos ao fazê-lo. “O que é ridículo?”, você diz. Um exemplo atual é parafrasear todo o Novo Testamento na “linguagem das ruas”. Quando um crente vai para as “ruas” com isto, logo de início ele causa a impressão de que Deus não se importa com a pureza de suas palavras, ou pelo menos que *ele* não se importa com isto.

Novamente, a filosofia bíblica de ministério é remover qualquer obstáculo desnecessário, mas a filosofia desorientada sobre a qual estamos falando agora crê que a forma de alcançar o mundo é mostrar aos incrédulos que, no final das contas, não somos tão diferentes deles. Olhando da perspectiva da eficácia no ministério, da fidelidade à palavra de Deus, e da perspectiva de manter uma religião pura e imaculada, se esta é a nossa filosofia de ministério, então poderíamos também deixar os órfãos e as viúvas morrerem de fome.

O que eu estou dizendo é que nós não podemos deixar que as preocupações sociais dirijam nossa fé e prática, e não podemos deixar que nossa mensagem se torne meramente um evangelho social; de outra forma, todo o nosso empreendimento se tornará sem poder e sem significado. Nosso trabalho se tornará um que salva o estômago, mas que deixa a alma morrer de fome. De fato, se a igreja se torna uma mera instituição social, uma organização para promover obra de caridade e bem-estar do homem natural, então ela perde sua própria razão de existência.

Agora, o mundo daria boas-vindas à semelhante instituição, e amaria nada mais do que uma igreja humanística e sem poder, ao invés de ouvi-la pregar uma mensagem do céu

que também tem implicações éticas e sociais. Assim, nossa obra social e de caridade deve ser dirigida por preocupações espirituais e princípios bíblicos. Ela deve ser fruto da verdadeira fé e da religião pura, e não o objeto último, a natureza ou o propósito da nossa fé.

3. POLÍTICA SOBRE CARIDADE

PARTE UM

Em Tiago 1:27, o apóstolo escreve: “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo”. Nessas várias seções, não iremos dizer nada sobre órfãos, mas diremos muito sobre viúvas. Contudo, eu tenho um propósito mais amplo, ou seja, estaremos considerando também, em relação aos versículos bíblicos sobre os quais falaremos, e no contexto de discutir como a igreja deve socorrer as viúvas em necessidade, alguns princípios gerais com respeito à política sobre caridade da igreja. Não teremos tempo para sermos exaustivos, mas espero que, como indivíduos e como líderes de igreja, vocês tomem o que digo e investiguem mais adiante o assunto nas Escrituras.

Tiago não nos dá os detalhes de como devemos cuidar das viúvas – ele simplesmente diz que devemos fazê-lo. Para mais instruções, teremos que retornar a algo que Paulo escreveu em 1 Timóteo 5. Leremos os versículos 3-16:

Trate adequadamente as viúvas que são realmente necessitadas. Mas se uma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiramente a colocar a sua religião em prática, cuidando de sua própria família e retribuindo o bem recebido de seus pais e avós, pois isso agrada a Deus. A viúva realmente necessitada e desamparada põe sua esperança em Deus e persiste dia e noite em oração e em súplica. Mas a que vive para os prazeres, ainda que esteja viva, está morta. Dê-lhes estas ordens, para que sejam irrepreensíveis. Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente.

Nenhuma mulher deve ser inscrita na lista de viúvas, a não ser que tenha mais de sessenta anos de idade, tenha sido fiel a seu marido e seja bem conhecida por suas boas obras, tais como criar filhos, ser hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados e dedicar-se a todo tipo de boa obra. Não inclua nessa lista as viúvas mais jovens, pois, quando os seus desejos sensuais superam a sua dedicação a Cristo, querem se casar. Assim elas trazem condenação sobre si, por haverem rompido seu primeiro compromisso. Além disso, aprendem a ficar ociosas, andando de casa em casa; e não se tornam apenas ociosas, mas também fofoqueiras e indiscretas, falando coisas que não devem. Portanto, aconselho que as viúvas mais jovens se casem, tenham filhos, administrem suas casas e não dêem ao inimigo nenhum motivo para maledicência. Algumas, na verdade, já se desviaram, para seguir a Satanás.

Se alguma mulher crente tem viúvas em sua família, deve ajudá-las. Não seja a igreja sobrecarregada com elas, a fim de que as viúvas realmente necessitadas sejam auxiliadas.

Essa é uma passagem grande, e não iremos abordar cada versículo. Em vez disso, focaremos nossa atenção nos versículos 3-8, e estruturaremos nossa discussão ao redor dessa passagem. Eu li até o final do versículo 16 porque há algumas questões de interpretação que gostaria de mencionar primeiramente.

Se você tiver uma caneta ou um lápis, gostaria que você colocasse uma pequena marca após o versículo 8 e antes do versículo 9, e então gostaria que você separasse o versículo 16 do resto. Se você está lendo a partir de uma versão como a NIV, então isso já está feito para você. Na NIV, os versículos 3-8 formam um parágrafo, os versículos 9-15 formam dois parágrafos, e o versículo 16 permanece sozinho como um parágrafo separado.¹

Nos versículos 3-8, Paulo oferece instruções claras, mas bem definidas, sobre como a igreja deve tratar as viúvas em necessidade, e então ele menciona “a lista de viúvas” no versículo 9. Alguns escritores pensam que a partir do versículo 9 Paulo começa uma discussão sobre um grupo separado de viúvas, um grupo que é diferente daquele que ele menciona nos versículos 3-8. De acordo com eles, nos versículos 3-6 Paulo está falando sobre viúvas em necessidade, mas nos versículos 9-15, ele está falando sobre uma ordem especial de viúvas, ou seja, aquelas que são dedicadas ao serviço da igreja.

Contudo, até agora permaneço não convencido pelos argumentos que tentam estabelecer tal transição rígida entre os versículos 3-8 e os versículos 9-15. Pelo contrário, parece mais natural entender os versículos 9-15 como uma continuação dos versículos 3-8, limitando mais o número daquelas qualificadas para o sustento por parte da igreja. Isto é, nos versículos 3-8, Paulo fala sobre os princípios gerais que governam como uma igreja deve tratar as viúvas. Mas nos versículos 9-15, ele enumera algumas qualificações específicas para aquelas que são elegíveis para obter a ajuda financeira da igreja.

Eu não mencionarei todos os argumentos com os quais alguns escritores tentam afirmar que Paulo começa a falar sobre outro grupo de viúvas a partir do versículo 9, mas apenas mencionarei alguns exemplos destes argumentos e o porquê eles podem ser imediatamente descartados. O primeiro exemplo vem do versículo 9, onde Paulo diz: “Nenhuma mulher deve ser inscrita na lista de viúvas, a não ser que tenha mais de sessenta anos de idade”. Alguns comentaristas argumentam que se no versículo 9 Paulo ainda está falando sobre aquelas viúvas que são elegíveis para o sustento por parte da igreja, então seria muito severo exigir que uma viúva tenha mais de sessenta anos antes que ela se torne elegível para tal assistência. Então, sobre a suposição de que isso seria muito severo, e sobre a suposição adicional de que Paulo não seria tão severo, o argumento então conclui que Paulo deve estar falando sobre outro grupo de viúvas a partir do versículo 9.

O argumento é uma falácia lógica, assumindo a própria premissa que deve ser provada. Por que esses escritores pensam que seria muito severo para a igreja o não prover sustento para aquelas que estão abaixo dos sessenta anos? De onde essa suposição vem, e qual é a sua justificativa? Então, se esse requerimento é severo, por que eles pensam que Paulo nunca seria tão severo? Antes, se no versículo 9 Paulo está realmente continuando

¹ Nota do tradutor: O mesmo é válido para a NVI (*Nova Versão Internacional*).

o que ele começou no versículo 3, então esse requerimento não é muito severo, ou se você insiste que ele é um requerimento severo, então isso mostra que Paulo de fato seria muito severo.

Então, há o argumento de que Paulo já terminou de falar sobre as viúvas que estão em necessidade de sustento financeiro no final do versículo 8; e assim, dizer que no versículo 9 Paulo continua a falar sobre as características daquelas que são elegíveis para a assistência da igreja, seria dizer que ele levanta novamente o mesmo assunto imediatamente após ele ter terminado de discutir o mesmo.

Mas esse argumento é falacioso também. Antes, se o versículo 9 continua o que Paulo começou no versículo 3, então isso significa que ele *não* terminou de discutir o assunto no final do versículo 8. Seria falacioso dizer que o versículo começa um novo tópico pois o versículo 8 terminou o tópico anterior, e, portanto, o versículo 9 deve ser o começo de um novo tópico. Não!; antes, se o versículo 9 não começa um novo tópico, então o versículo 8 não é o fim do que Paulo começou no versículo 3.

Deve-se consultar comentários para argumentos e detalhes adicionais, mas estou mencionando esses exemplos precisamente porque muitos comentários afirmam sua posição sobre essa passagem com esses argumentos falaciosos. Devemos considerar os argumentos oferecidos e nos assegurar que eles são corretos antes de aceitar a posição proposta. Como não há uma transição clara e rígida entre o versículo 8 e o 9, é mais natural assumir que o versículo 9 não começa um novo tópico, ou uma discussão sobre um grupo separado de viúvas. Pelo contrário, o versículo 9 continua com o que Paulo começou no versículo 3.

Essa posição é reforçada pelo versículo 16, que diz: “Se alguma mulher crente tem viúvas em sua família, deve ajudá-las. Não seja a igreja sobrecarregada com elas, a fim de que as viúvas realmente necessitadas sejam auxiliadas.”.

Um comentarista termina de explicar o porque ele pensa que o versículo 9 começa um novo tópico, isto é, uma discussão sobre um grupo ou uma ordem de viúvas diferente daquelas mencionadas nos versículos 3-8. Mas então, quando ele chega no versículo 16, ele tem que dizer que Paulo repentinamente retorna ao tópico anterior, sobre as viúvas em necessidade, ou aqueles mencionadas nos versículos 3-8. Mas não há nenhuma transição clara entre o versículo 8 e o versículo 9, e como não há nenhuma transição clara entre o versículo 15 e o versículo 16, é muito mais natural ler o versículo 3 até o final do versículo 16 como se Paulo estivesse falando sobre o mesmo grupo de viúvas, atentando apenas para o fato de que a partir dos versículos 9-15 Paulo está dando instruções específicas com respeito às viúvas que a igreja deveria considerar como elegíveis para o sustento.

Agora, se alguém quer argumentar que Paulo está de fato falando sobre grupos diferentes de viúvas, ou de um grupo sobreposto, mas claramente distinguível de viúvas, então ele ainda pode fazê-lo. Contudo, ele terá que oferecer argumentos melhores do que aqueles tipicamente propostos, e que não sejam tão obviamente falaciosos. Uma pessoa não deve usar um padrão de julgamento que não venha do próprio texto, ou, nesse caso, que não venha de nenhum lugar das Escrituras, e sobre essa base afirmar que Paulo *não pode*

querer dizer algo, e, portanto, ele não quis dizer isso. Bem, se ele *quis* dizer algo, então ele *pode* querer dizer isso.

Assim, os argumentos desse tipo não fazem outra coisa senão impor o padrão de julgamento de alguém sobre a Escritura, e então sobre essa base determinar o que certas passagens podem significar ou não podem significar. Antes do que uma interpretação da Escritura, na qual a pessoa cuidadosamente extrai o significado do texto, isso é uma subversão da Escritura, e impõe as crenças e padrões não-bíblicos dessa pessoa sobre a Escritura, restringindo e manipulando artificialmente o texto.

Resumindo, minha posição é que a partir dos versículos 3-8, Paulo discute os princípios gerais que governam como os cristãos devem tratar as viúvas que estão em necessidade, e que não podem se sustentar. Então, a partir dos versículos 9-15, Paulo lista um número de princípios e condições específicas que limitam ainda mais o número daquelas elegíveis para tal suporte. Finalmente, no versículo 16, ele sumariza seu ensino sobre o assunto.

Visto que o versículo 16 apresenta um sumário direto e claro do ensino de Paulo, ele deve governar nossa interpretação dos versículos 3-8. E se estamos corretos sobre os versículos 9-15, então o versículo 16 deve governar como interpretar essa porção também. Contudo, visto que focaremos nossa atenção somente nos versículos 3-8, isso é tudo o que precisamos enfatizar para o nosso estudo. Isto é, para o nosso propósito, precisamos apenas ter em mente que os versículos 3-8 e o versículo 16 caminham juntos.

Não começaremos nossa exposição principal dessa passagem até a próxima seção, de forma que apenas deixarei com vocês um pensamento sobre o propósito e os usos desse estudo. Aqueles de nós que têm um entendimento básico dos ensinamentos bíblicos percebem que nossa tarefa principal não é a caridade ou o trabalho social, mas pregar um evangelho espiritual. Certamente, é um evangelho que carrega implicações sobre nossas necessidades físicas e relacionamentos sociais. Contudo, ele ainda é em primeiro lugar um evangelho espiritual, designado para nos salvar de nossos pecados e restaurar nossa comunhão com Deus.

Repetindo, o fato do nosso interesse primário ser as necessidades e preocupações espirituais das pessoas não significa que ignoramos o bem-estar físico delas. De fato, de acordo com Tiago, uma fé é morta, falsa e hipócrita se dissermos a alguém que está com fome e sofrendo, “eu orarei por você”, mas então não fazer nada para ajudar essa pessoa com suas necessidades. Como João diz: “Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (1 João 3:17).

Assim, nosso propósito é primeiramente espiritual, e nossa mensagem não é um evangelho social, mas espiritual, embora ele seja um que carregue implicações sociais. Essa é a forma de olharmos para ele. Nossa questão então, e a razão para esse estudo, é descobrir como devemos implementar e executar essas implicações sociais geradas pela nossa fé espiritual. Nossa passagem para esse estudo nos dirá sobre nossas responsabilidades, e nos dirá também como priorizar nossas obras de caridade. Veremos que o ensino bíblico não escusa uma falta de compaixão da nossa parte, mas ao mesmo tempo, não tolerará preguiça e licenciosidade naqueles que solicitam sustento e caridade.

PARTE DOIS

Começamos notando que, de acordo com Tiago, uma religião que é pura e imaculada diante de Deus o Pai é uma que cuida dos órfãos e viúvas em suas dificuldades. Uma pessoa pode se considerar um homem religioso ou espiritual, e um grande amigo de Deus, mas se ela não estende compaixão aos necessitados, então ela engana a si mesma sobre sua própria condição espiritual. Ela não é espiritual, mas ainda carnal e egocêntrica.

Visto que o propósito principal de Tiago não é dar instruções detalhadas sobre realizar caridade, mas expor o auto-engano espiritual, ele não nos diz como os cristãos devem ajudar ou sustentar os órfãos e viúvas. Assim, da última vez nos voltamos para uma passagem em 1 Timóteo, escrita pelo apóstolo Paulo. Lemos os versículos 3-16 do capítulo 5. Mas antes de começar nossa exposição a partir do versículo 3, tivemos que dividir a passagem em duas ou até mesmo três partes. Os versículos 3-8 forma uma seção, e os versículos 9-15 formam a segunda seção.

Então, dependendo de como você interpreta o resto, o versículo 16 ou volta repentinamente para a primeira seção, isto é, os versículos 3-8, ou se minha posição estiver correta, o versículo 16 é um sumário do ensino de Paulo nessa grande seção inteira, que vai do versículo 3 até o versículo 15. Em nosso estudo, não gastaremos tempo tratando com os versículos 9-15, mas focaremos nossa atenção nos versículos 3-8.

Agora estamos prontos para começar nossa exposição a partir do versículo 3. Ele diz: “Trate adequadamente as viúvas que são realmente necessitadas”. Uma tradução literal seria “viúvas que são realmente viúvas” ou “viúvas que são viúvas de fato”, e é assim que a passagem é traduzidas nas versões KJV, NKJV, NASB, e a ESV. A frase, certamente, refere-se àquelas viúvas que estão verdadeiramente sozinhas e destituídas, e assim a NIV traduz o versículo de acordo com o seu significado, e diz: “viúvas que são realmente necessitadas”.

Paulo diz que devemos dar a essas pessoas, isto é, as viúvas que estão verdadeiramente sozinhas e destituídas, o “reconhecimento adequado” (NIV).² As outras versões nos dão a palavra “honra”. O que isso significa? O contexto torna o significado inquestionável: Paulo está se referindo primariamente às necessidades financeiras e materiais dessas viúvas. As viúvas que estão verdadeiramente em necessidade são aquelas que não podem cuidar de si mesmas, e que requerem a assistência de outras pessoas para a sobrevivência. Assim, a questão agora é: “quem deve cuidar delas e como?”.

No versículo 3, Paulo está instruindo a igreja sobre como ela deve se relacionar com as viúvas em necessidade, ou mais precisamente, ele está dando a Timóteo instruções sobre o que ele deveria ensinar às pessoas e como ele deveria administrar a igreja, como a igreja deveria se relacionar com as essas viúvas, e como a igreja deveria usar seus recursos. Ele diz que a igreja deve dar “reconhecimento adequado”, isto é, dar sustento financeiro e material para as viúvas que são viúvas de fato, ou para as viúvas que estão realmente em necessidade.

² Nota do tradutor: “Trate adequadamente”, na NVI.

Quem são essas viúvas que são realmente viúvas, e quem são essas viúvas que estão realmente em necessidade? A expressão que Paulo usa já nos diz isso. Ele diz que a igreja deveria sustentar as viúvas que são viúvas de fato, e isso significa que nem toda mulher cujo marido morreu é uma viúva que a igreja deva sustentar. Há algumas viúvas que não são realmente “viúvas”, que não foram verdadeiramente deixadas sozinhas e destituídas. As viúvas que estão qualificadas para receber o sustento da igreja devem estar verdadeiramente sozinhas e sem auxílio.

O próximo versículo elabora: “Mas se uma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiramente a colocar a sua religião em prática, cuidando de sua própria família e retribuindo o bem recebido de seus pais e avós, pois isso agrada a Deus”. Em outras palavras, uma viúva que é uma viúva de fato, uma viúva que está realmente em necessidade, é uma mulher cujo marido morreu, e que foi deixada sem parentes próximos para lhe sustentar. Isso significa que se uma mulher cujo marido morreu tem filhos ou netos que podem fornecer suas necessidades, então é responsabilidade desses parentes lhe sustentar, e não da igreja.

Note o que Paulo diz sobre esses parentes. Eles são “filhos ou netos”. Para eles, o sustentar seus pais e avós que foram deixados sozinhos e destituídos, e que requerem sustento financeiro e material para sobreviver, é uma questão de colocar “sua religião em prática”. Tiago oferece a mesmíssima razão para os cristãos cuidarem das viúvas e daqueles que estão em necessidade – para ele é uma questão de colocar a fé em prática também. Podemos tropeçar em nossa fé, mas uma fé que consistentemente nega expressão sugere, antes de tudo, que nunca houve nenhuma fé nessa pessoa para ser expressa.

Também, Paulo fala dos filhos ou netos que sustentam seus pais e avós como “retribuindo” a eles. Isso significa que quando filhos ou netos sustentam seus pais e avós, isso não é tanto uma questão de caridade, mas sim um ato de gratidão e retribuição. É o reconhecimento de um débito; um débito para com aqueles que com paciência e tolerância nos criaram até a maioridade.

O reconhecimento desse débito e seu pagamento é parte também de colocar nossa fé em prática. Assim, a razão última para os cristãos reconhecerem esse débito é a fé deles e não uma piedade filial, mesmo nessa questão de cuidar de nossos pais e avós. A posição cristã é teocêntrica e não antropocêntrica. Ela é baseada nos preceitos de Deus e não no bem-estar do homem ou numa obrigação social. Reconhecer esse débito e pagá-lo sobre a base de nossa fé, diz Paulo, “agradada a Deus”.

Com respeito à questão de quem são essas viúvas que são viúvas de fato, e quem são essas viúvas que estão realmente em necessidade, temos agora nossa resposta. Paulo está se referindo àquelas mulheres cujos maridos morreram e não deixaram nenhum parente para lhes sustentar. Mas se existem parentes íntimos que podem sustentá-las, tal como os filhos ou netos, então a igreja não está sob essa obrigação. Assim, essas viúvas devem ir primeiramente a seus filhos ou netos para conseguir o sustento financeiro e material, ou melhor, os filhos ou netos devem ativamente e avidamente oferecer o sustento delas. Uma vez que o marido de uma mulher tenha morrido, as viúvas não deveriam ter que suplicar pelo auxílio que lhes é devido.

Se esses filhos ou netos recusam colocar sua fé em prática, e se eles abandonam seus pais ou avós enviuvados, então essas mulheres se tornariam viúvas que são viúvas de fato, viúvas que estão realmente em necessidade, viúvas que estão realmente sozinhas e destituídas. Nesse caso, o versículo 3 se aplicaria a elas, e essas viúvas se tornariam elegíveis para o sustento por parte da igreja. Quanto aos filhos ou netos que recusam cuidar dessas viúvas, Paulo terá algo para dizer sobre eles uns poucos versículos adiante.

E se esses filhos ou avós são não-cristãos, eles ainda podem decidir sustentar seus pais e avós como resultado das afeições humanas e de um senso natural de responsabilidade, de forma que essas viúvas não deveriam ser viúvas que foram deixadas sozinhas e destituídas, e assim, não seriam elegíveis para o sustento da igreja. Mas se elas são abandonadas pelos filhos ou netos, então, certamente, o versículo 3 se aplicaria novamente.

Há um ensino bíblico relacionado que deveríamos levantar nesse ponto. Além de nos dar um entendimento melhor da nossa passagem, isso nos servirá também como um exemplo do porque é importante entender qualquer ensino bíblico à luz da Bíblia toda. Estou me referindo ao que Paulo diz em 2 Coríntios 12:14. Ali ele escreve: “Além disso, os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos”. Não temos tempo para olhar no contexto completo, mas se você olhar para a passagem num tempo disponível, você será capaz de ver a relevância. Também, a idéia expressa aqui não é encontrada numa parte isolada da Escritura, mas é ensinada por toda a Bíblia, tanto explicitamente como implicitamente, ou seja, que os pais devem cuidar dos filhos e lhes deixar uma herança. Idealmente, os filhos não deveriam ter que cuidar das necessidades financeiras e materiais dos pais.

Dito isso, nossa passagem em 1 Timóteo 5 não está falando sobre a situação ideal. Ela está falando sobre uma situação na qual após o seu marido morrer, uma viúva é deixada sem as finanças necessárias para sobreviver. Ela pode estar em tal estado porque seu marido gastou os seus ganhos quando estava vivo. Ela pode estar em tal estado porque seu marido falhou em fazer os planos necessários para ela. Ou, ela pode estar em tal estado simplesmente porque seu marido pôde dificilmente conseguir o ganho suficiente para eles sobreviverem enquanto ele estava vivo, e não pôde ajuntar nada para ela. Nos dias de Paulo, certamente havia muitos que não podiam deixar para as suas viúvas o suficiente para sustentá-las pelo resto de suas vidas.

Portanto, os filhos ou netos devem cuidar dessas viúvas. Todavia, não devemos questionar ou descartar o ensino bíblico de que, se de alguma forma possível, os pais não devem ser sustentados pelos filhos, mas sim o contrário. Paulo diz que “os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos”. Nós podemos nem sempre sermos capazes de alcançar o ideal, mas devemos sempre tê-lo em mente; de outra forma, o esqueceremos e nunca o alcançaremos, e o que é uma segunda opção se tornará a norma.

Esse ensino aborda algo crucial para o desenvolvimento de uma família. Há a pressão em algumas culturas e tradições para os filhos começarem a dar o dinheiro aos seus pais assim que eles começam a obter seus próprios ganhos, mesmo quando os filhos tem

dificuldades, e os pais não. Espera-se que os filhos dêem parte do seu ganho aos pais como uma questão de princípio, e não porque os pais estejam sofrendo e em necessidade.

Enquanto podemos admirar a intenção de gratidão e o reconhecimento de um débito devido aos pais, essa prática pode frequentemente debilitar o desenvolvimento de uma família, e infligir dano até mesmo na geração seguinte, isto é, nos netos. Mesmo que essa nova família receba uma herança dos pais mais tarde, menos recursos terão sido devotados ao estabelecimento dessa nova família durante os anos de desenvolvimento dos netos, talvez quando eles mais precisavam desses recursos.

Em 1 Timóteo 5:14, o ensino refere-se a como os filhos ou netos deveriam cuidar de seus pais e avós que estão, como o versículo 3 indica, “realmente em necessidade” (NIV). Assim, o versículo 4 não se aplica quando os pais são mais ricos do que os filhos. Certamente, os filhos e netos ainda devem colocar sua religião em prática, e eles ainda devem reconhecer o seu débito para com os pais e avós de alguma forma. Além disto, é verdade também que suas necessidades não são apenas financeiras, mas eles têm necessidades espirituais e sociais também.

Mas seria sem sentido dar parte dos ganhos aos pais quando os pais não têm nenhuma necessidade deles, e especialmente quando os filhos precisam muito mais. Isso não é uma escusa para os filhos abandonarem os seus pais, visto que o ensino é inegável que se as viúvas, e o versículo 4 menciona até mesmo pais e avós, estão em tal necessidade que não podem sobreviver sem ajuda, então os filhos e netos devem cuidar delas. Se você é um pai, saiba que você tem o direito de receber o sustento de seu filho quando envelhecer, mas se for de alguma forma possível, você deve se assegurar que isso não seja necessário quando o tempo chegar.

PARTE TRÊS

Nós temos estado estudando as instruções de Paulo em 1 Timóteo 5 com respeito à como a igreja deve socorrer “viúvas que são realmente necessitadas”. Temos discutido a relação entre os versículos 3-8 e os versículos 9-15, e então também o versículo 16. Então, a medida que iniciamos a nossa exposição, discutimos os versículos 3 e 4.

Como observamos, Paulo não diz que a igreja deve sustentar toda viúva, mas que ela deve sustentar somente as viúvas que são verdadeiramente viúvas, aquelas viúvas que estão verdadeiramente em necessidade. Através disso, Paulo está se referindo àquelas viúvas que estão verdadeiramente sozinhas, de forma que elas não têm filhos ou netos para sustentá-las.

Nós mencionamos as responsabilidades dos filhos e netos, que eles devem colocar sua religião em prática, e que eles devem retribuir aos seus pais e avós, “pois isso agrada a Deus”. Em conexão com isso, nos referimos também a outro ensino bíblico, a saber, que o ideal é que os pais devem deixar uma herança para os filhos ao invés dos filhos terem que sustentar os pais. Contudo, quando isso não é possível, os filhos devem demonstrar sua fé sustentando seus pais como resultado de gratidão.

Agora chegamos ao versículo 5. Devemos lembrar que nesse versículo Paulo está continuando o que ele começou no versículo 3. Em outras palavras, ele continua a expor a idéia de que a igreja deve sustentar aquelas que são verdadeiramente viúvas, viúvas que estão verdadeiramente em necessidade, e ele continua a explicar quem são essas viúvas. Algo que nos ajudará a reter essa conexão em nosso pensamento é ler o versículo 3 e então o versículo 5 de uma só vez, pulando temporariamente o versículo 4, assim como agora trataremos o versículo 5.

Assim, Paulo diz: “Trate adequadamente as viúvas que são realmente necessitadas... A viúva realmente necessitada e desamparada põe sua esperança em Deus e persiste dia e noite em oração e em súplica”. O versículo 3 nos diz que a igreja deve sustentar as viúvas que estão realmente em necessidade. No versículo 4, Paulo exclui aquelas viúvas que tem parentes próximos para sustentá-las. Agora, no versículo 5, ele desenvolve ainda mais sobre o tipo de viúvas que são elegíveis para o sustento por parte da igreja.

Primeiro, ele repete que a igreja deve sustentar as viúvas que “são realmente necessitadas”. Ela é alguém que está “desamparada”. E o tipo de viúva que Paulo tem em mente é uma que “põe sua esperança em Deus e persiste dia e noite em oração e em súplica”. Assim, o apóstolo não está preocupado somente com a condição financeira de uma viúva quando considera se a mesma é elegível para o sustento por parte da igreja. A igreja deve olhar também para a sua condição espiritual. Uma viúva que é elegível para o sustento por parte da igreja, além de estar realmente em necessidade e desamparada, é também alguém que espera em Deus e que ora dia e noite. Ela é alguém que depende de Deus.

Então, Paulo deixa o seu significado ainda mais claro, pois quando nos movemos para o versículo 6, ele se refere a uma viúva cujas características são o oposto daquela do versículo 5. Ele escreve: “Mas a que vive para os prazeres, ainda que esteja viva, está morta”. As palavras “vive para os prazeres” se refere a alguém que é auto-indulgente, que vive para a luxúria e que não demonstra a reverência e dependência das viúvas do versículo 5. Alguns comentaristas pensam que mesmo que essa viúva não recorra à prostituição, a expressão sugere que sua luxúria vem de outros homens, de uma vida

imoral. Espiritualmente falando, Paulo obviamente pretende transmitir a idéia de que ela é o oposto da viúva do versículo 5, e diz que ela “ainda que esteja viva, está morta”.

Lembre-se que Paulo não está dando uma descrição geral de uma viúva espiritual no versículo 5, e de uma imoral no versículo 6, para nenhum propósito particular, ou como uma digressão, mas ele está continuando o que começou no versículo 3. Ele está desenvolvendo sobre o tipo de viúva que seria elegível para o sustento por parte da igreja. Claramente, a viúva no versículo 6 deve ser negada e excluída.

Após isso, no versículo 7, Paulo diz a Timóteo: “Dê-lhes estas ordens, para que sejam irrepreensíveis”. Essa é a política que um líder de igreja deve implementar na igreja, e ele deve instruir as pessoas sobre essas coisas e os princípios pelos quais a política é determinada. É crucial seguir a política bíblica para manter a reputação honorável da igreja, que é uma preocupação constante do apóstolo.

Agora, se nossa interpretação dos versículos 9-15 estiver correta, então Paulo continuará a desenvolver sobre o tipo de viúvas que são elegíveis para o sustento por parte da igreja, e ele indicará que essas viúvas devem ser dispostas para trabalhar para a igreja. Certamente, uma viúva que está com boa saúde, que não é deficiente, deve estar disposta a servir a igreja em troca do seu sustento.

Que razão existe para que uma viúva, que está desamparada, recuse dedicar o resto de sua vida à igreja que a está sustentando agora? Todo cristão deveria estar disposto a servir a igreja de alguma forma, mas quão muito mais uma viúva deveria estar disposta a servir, visto que ela não tem mais outras responsabilidades, e recebe agora o seu sustento da igreja? Para ela, o recusar-se faria com que ela se assemelhasse à viúva descrita no versículo 6, isto é, alguém que vive para si mesma e para o seu próprio prazer.

Em adição à preocupação espiritual pela qual ele determina essa política, Paulo também compartilha sua preocupação prática no versículo 16: “Se alguma mulher crente tem viúvas em sua família, deve ajudá-las. Não seja a igreja sobrecarregada com elas, a fim de que as viúvas realmente necessitadas sejam auxiliadas”. A igreja não deve ser “sobrecarregada” com ajudas para pessoas que podem receber sustento de algum outro lugar, especialmente de parentes próximos.

Nós podemos sumarizar a política de Paulo dessa forma: A igreja não deve negligenciar as viúvas que estão realmente em necessidade, mas ela não pode oferecer sustento a toda viúva. Falando de maneira prática, ela deve ser realística sobre suas próprias limitações, de forma que ela deve excluir todas aquelas que podem obter seu sustento de algum outro lugar. Espiritualmente falando, ela deve proteger sua pureza e sua reputação, de forma que ela não deve tolerar aquelas viúvas que são auto-indulgentes, que vivem vidas egoístas e imorais, e que gastariam o sustento dado pela igreja em viver de maneira luxuriosa.

É o ensino consistente da Escritura que a igreja não deve ser cegamente simpática para com aqueles que parecem estar em necessidade, mas ela deve considerar o porquê uma certa pessoa está em necessidade, e se a igreja é o último recurso dessa pessoa. De fato, Paulo instrui explicitamente suas igrejas a serem duras com pessoas que estão em necessidade devido à sua própria culpa, e que assim, não deveria requerer o sustento por parte da igreja.

Por exemplo, em 2 Tessalonicenses 3:6, Paulo escreve: “Irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo nós lhes ordenamos que se afastem de todo irmão que vive ociosamente e não conforme a tradição que vocês receberam de nós”. Ele não diz que a igreja deveria mimá-lo e mantê-lo animado, enquanto dando-lhe tempo para se arrepender ou fazer algo semelhante. Ele diz para se afastar dele, para evitá-lo, para excluí-lo. E então, no versículo 10, ele escreve: “Quando ainda estávamos com vocês, nós lhes ordenamos isto: Se alguém não quiser trabalhar, também não coma”.

Não há nenhuma indicação no texto de que Paulo está brincando ou exagerando. Você poderia dizer: “Certamente, Paulo não pretende nos dizer que deixemos essa pessoa morrer de fome, pretende?”. Novamente, a pergunta assume que o apóstolo não implementaria um tratamento tão rígido contra alguém, mas como antes, isso é uma falácia. A menos que haja passagens bíblicas encontradas em outro lugares que impeçam essa clara interpretação, então esse versículo é uma instrução explícita para que permitamos que uma pessoa ociosa morra de fome.

Contudo, quando essa é a política, essa pessoa pode rapidamente retornar ao trabalho para sobreviver. Mas se você não deixa que ele passe fome, você poderia nunca ficar sabendo. Aquelas passagens sobre amor e compaixão, e outras como a Parábola do Bom Samaritano, não fazem nada para contradizer esse entendimento. Elas simplesmente não se aplicam numa maneira que nos diga para sustentar uma pessoa ociosa, visto que a pessoa não tem realmente uma necessidade que a igreja deva suprir – ela simplesmente se recusa a trabalhar.

Nós devemos considerar ainda o versículo 8: “Se alguém não cuida de seus parentes, e especialmente dos de sua própria família, negou a fé e é pior que um descrente”. Isso naturalmente flui da preocupação de Paulo, como declarada no versículo 7, “para que sejam irrepreensíveis”. Mas ele adiciona uma declaração interessante aqui que confunde algumas pessoas. Ela parece clara o suficiente para muitos, e parece que muitos comentaristas oferecem a interpretação correta dela, mas se alguém a lê a partir de um ângulo particular e com certas suposições em mente, ela pode de fato ser embaraçosa.

Estou me referindo à última parte onde ele diz que uma pessoa que não sustenta os seus parentes “negou a fé e é pior que um descrente”. Parece para alguns que a frase “negou a fé” e “é pior que um descrente” deve indicar que tal pessoa não é salva.

Uma pessoa que abandona os seus pais, e especialmente sua família imediata, pode de fato não ser salva, e esse tipo de comportamento é certamente pecaminoso e desagradável a Deus. Contudo, não é a implicação necessária do versículo 8 que tal pessoa deve não ser salva. Lembre-se que no versículo 4, Paulo diz que os filhos ou netos deveriam cuidar das viúvas que estão realmente em necessidade, e ele diz que isso é “colocar a sua religião em prática”. O oposto, certamente, é “negou a fé”, isto é, não necessariamente no credo, mas certamente na conduta.

Quanto à frase “pior que um descrente”, Paulo não pode estar se referindo à salvação. Se Paulo de fato tinha a salvação em mente – se ele tinha o *destino* da pessoa em mente – então não há nada pior do que o destino do incrédulo. O máximo que alguém pode dizer é que essa pessoa sofrerá o mesmo destino que um incrédulo. Antes, a frase corresponde à preocupação de Paulo como declarada no versículo 7. Ali ele diz que Timóteo deveria relatar essas instruções e insistir sobre elas, “para que sejam irrepreensíveis”. Visto que os incrédulos frequentemente cuidam dos seus próprios

parentes, e especialmente dos seus próprios pais, um cristão que recusa fazer o mesmo está, certamente, se comportando pior do que um incrédulo.

Se uma pessoa que reivindica ser um cristão, mas que consistentemente nega a fé na prática, e cujo comportamento é consistentemente pior do que o (ou o mesmo) de um incrédulo, então isso é uma indicação de que a pessoa nunca foi um cristão. Que Paulo declara essa pessoa como “pior que um descrente” de fato sugere que ele não está se referindo à salvação, mas ao comportamento da pessoa como comparado à prática comum dos incrédulos. A preocupação de Paulo é com a reputação da igreja e a honra de Deus.

PARTE QUATRO

Revisemos o que temos abordado até aqui. Eu tenho estado falando a partir de 1 Timóteo 5:3-8. Primeiro, discutimos a relação entre essa passagem e os versículos 9-15, bem como o versículo 16. Mas exceto a afirmação de uma continuação do versículo 8 para o 9, e então até o final do versículo 16, não discutimos o contexto dos versículos 9-15. Pelo contrário, focamos nossa atenção nos versículos 3-8, e também 16.

O versículo 3 diz que devemos “tratar adequadamente as viúvas que são realmente necessitadas”. Procedemos para considerar quem são essas viúvas. O versículo 4 indica que uma viúva que é verdadeiramente uma viúva, ou uma viúva que está realmente em necessidade, é uma que está sem filhos ou netos para cuidar dela. Em tal caso, a igreja deve intervir e suprir as suas necessidades, isto é, desde que ela satisfaça também as outras condições mencionadas em nossa passagem. Em adição, esse versículo indica que os filhos e netos devem cuidar de seus pais e avós porque isso é “colocar sua religião em prática”, e pagar a dívida que eles devem aos seus pais e avós, “pois isso agrada a Deus”.

Então, nos versículos 5 e 6, Paulo menciona dois tipos diferentes de viúvas. A primeira está realmente em necessidade e desamparada. Ela coloca sua confiança em Deus e continua dia e noite em oração, e pede a Deus por auxílio. Ela anda em fé e piedade. A segunda vive para os prazeres. Ela é auto-indulgente e está afundada numa vida luxuriosa. O dinheiro que capacita-a a viver em tal maneira licenciosa vem, se não da prostituição, então provavelmente de relações imorais com outros homens. Uma viúva rica que herdou seu dinheiro do seu marido falecido ainda se inclui na descrição de Paulo caso ela seja auto-indulgente, esteja afundada numa vida luxuriosa, e viva para os prazeres. Ela “ainda que esteja viva, está morta”.

O versículo 16 nos dá a razão prática de Paulo para insistir que a igreja siga sua política ao cuidar das viúvas e realizar caridade. Ele diz que a igreja não deveria ser “sobrecarregada” com aquelas que não estão realmente em necessidade, e com aquelas que têm outras pessoas para cuidar delas. Mas há uma razão espiritual também, e essa é declarada no versículo 7 e 8, onde Paulo diz que a igreja deve seguir suas instruções, “para que sejam irrepreensíveis”. Quando uma igreja formula e implementa uma política, é importante que ela sustente a honra e reputação de Deus e do Corpo de Cristo. Devemos mostrar que somos limpos e honestos em todos os nossos relacionamentos, e livres de toda injustiça e escândalo.

Embora a parte principal da nossa exposição esteja completa, há vários detalhes que gostaria de reunir nessa sessão final. Em particular, gostaria de expandir sobre esse último ponto sobre a pureza, a honra e a reputação do Corpo de Cristo. A chave é implementar uma política que demonstre compaixão, e que ao mesmo tempo não gere suspeita e crie escândalo de alguma forma.

Uma igreja deve ter uma política bíblica sobre caridade, sobre cuidar de viúvas e órfãos, e ela deve aderir à tal política. Qualquer desvio das instruções bíblicas pode levar à grande destruição para as partes envolvidas e desonra ao Senhor. Quando nos apartamos da linha de direção bíblica, não somente daquelas mencionadas em nossa passagem, mas também no resto da Escritura, o desastre é quase inevitável.

Um teólogo muito proeminente, filho de um teólogo muito mais proeminente, estabeleceu uma igreja com o intento de que as famílias pudessem formar uma

comunidade íntima e implementar um sistema de *homeschool*¹ eficaz. Num livro onde ele discute sobre família e paternidade, supostamente a partir de uma perspectiva bíblica, ele oferece uma ilustração sobre como a igreja deve tratar as necessidades de uma viúva. Consideremos o que podemos aprender a partir disso.

Em resumo, o marido dessa mulher morreu e a deixou com várias crianças. Visto que eles não eram ricos, imediatamente a viúva começou a enfrentar problemas financeiros aparentemente insuperáveis, definitivamente maiores do que ela poderia suportar. Ela poderia tentar encontrar um emprego, mas então ela precisaria de outra pessoa para cuidar das suas crianças. E visto que essa é uma comunidade de *homeschool* devotada a obedecer o “mandato cultural”, a igreja naturalmente queria lhe oferecer uma solução melhor.

Assim, a igreja concordou em tomar conta da maioria das necessidades financeiras da viúva. Contudo, para os presbíteros dessa igreja, um problema igualmente premente era que havia agora um vazio nessa família que somente um homem poderia preencher. Até onde os presbíteros estavam cientes, havia várias coisas relacionadas ao funcionamento de uma família que eram mais apropriadamente realizadas por um homem. E o que dizer das crianças? Agora elas não tinham mais a figura de um pai em suas vidas.

Acontece que outra família, da mesma igreja, morava bem perto dessa família enlutada. Assim, os presbíteros chegaram à idéia de que o homem dessa família deveria agora realizar muitas das funções que o falecido costumava cumprir. O homem concordou com isso e começou a gastar uma grande quantia de tempo na residência dessa outra família. Ele ajudaria a viúva nos afazeres diários da casa, a fixar coisas que precisavam ser fixadas, e assim por diante. Ele ajudaria as crianças em seu dever da escola, praticaria esportes com elas, passearia com elas, e geralmente tentaria preencher parte do vazio que foi deixado quando o pai delas morreu.

Isso é uma abominação! Você percebe isso? Talvez minha descrição não seja tão vívida e completa como a que esse teólogo dá em seu livro, mas em efeito a igreja pediu a essa outra família que compartilhasse o homem com a família enlutada. A partir da descrição dada no livro, o homem estava gastando *uma grande quantia* de tempo na residência dessa outra família, e ele estava realizando cada função que o marido falecido costumava realizar, exceto ter relação sexual com a viúva. Agora, quem seria estúpido o suficiente para se surpreender caso muito em breve ele tomasse essa última função também? Aparentemente a possibilidade nunca ocorreu para os presbíteros da igreja, e se ocorreu, eles evidentemente pensaram que o perigo não era grande o suficiente.

Tudo estava errado nessa decisão. A família do homem foi deixada com meio-marido e meio-pai. Com o marido gastando tanto tempo em outro lugar com uma viúva solitária, a esposa estava agora sujeita à ciúme e suspeita – deveria haver algo seriamente errado com ela se não estivesse com ciúmes e suspeita, e se estivesse satisfeita com tal arranjo. Sob as circunstâncias, se tivesse dito algo, provavelmente teria sido acusada de ser egoísta e insegura. Ainda assim, ela deveria ter lutado contra isso como se estivesse lutando pela própria vida de seu casamento e família. Eu não sei se ela fez isso ou não. Em todo caso, parte do que faz uma mulher segura em seu relacionamento é que seu marido não gasta metade do seu tempo na casa de uma viúva, e não gasta horas e horas jogando com filhos de outra mulher!

¹ Nota do tradutor: *Homeschool* é a educação das crianças em casa ou na comunidade, ao contrário da educação numa instituição pública ou privada.

Quanto à viúva recentemente enlutada, ela repentinamente teve um novo homem em sua vida que estava assumindo toda função não-sexual que seu marido costumava cumprir, incluindo o papel da figura de um pai para as suas crianças. Quem poderia garantir que não haveria nenhuma tentação para existir o relacionamento [sexual] depois? A igreja praticamente assinou uma autorização para cometer adultério ao enviar um homem para estar com ela por muitas horas, toda semana, atrás de portas fechadas.

E as crianças? Elas tinham acabado de perder o seu pai, e agora outro homem, mesmo que não fosse um completo estranho, entrou em suas vidas e tomou cada uma das funções que o pai delas costumava cumprir. Elas podem não ver esse homem beijando a mãe delas – sim – mas devemos presumir que isso lhes asseguraria, ou lhes confundiria? O que ele estava fazendo ali se ele não estava apaixonado pela mãe delas? Por que, após o pai delas morrer, a mãe delas está recebendo outro homem em casa tão rapidamente? Por que ele está agindo com o pai delas? Até quando ele vai assumir esse papel?

A coisa aparentemente compassiva a se fazer nem sempre é a coisa certa a se fazer. Aqui a igreja fez a decisão mais superficial possível. Quando o cabeça da casa morre, espera-se que a família sofrerá a perda. Espera-se também que as coisas irão mudar. Espera-se que a esposa e as crianças sentirão o vazio que ele deixou. A igreja pode fazer muito para ajudar a aliviar as dores e necessidades deles, mas ela não pode simplesmente apanhar um homem de outra família e introduzi-lo na família enlutada, dizendo-lhe para tomar todas as funções do marido falecido, exceto a da companhia sexual para a mulher. E a igreja não pode esperar que a esposa desse homem compartilhe seu marido com outra mulher, mesmo que de uma forma supostamente não-sexual.

Que desgraça! Que vergonhosa, estúpida, estúpida e estúpida decisão! Que abominação e desonrosa ao Corpo de Cristo! Essa igreja provavelmente conduziu esse homem direto para a cama dessa nova viúva, e assim destruiu duas famílias com um só golpe. E o que os presbíteros fariam se o homem tivesse cometido adultério com a viúva? Disciplinaria os dois? Excomungaria os dois? Eles foram aqueles que disseram ao homem para gastar horas e horas na residência da viúva. Eles teriam que excomungar a si mesmos juntamente com eles.

A igreja poderia ter escolhido um grande número de opções para ajudar essa família enlutada; qualquer uma dessas opções ou qualquer combinação dessas opções teria sido muito superior a enviar um homem sozinho para a casa de uma viúva, dia após dia. A igreja poderia ter enviado diferentes *casais* para ocupar-se de ajudar a família. Ela poderia ter encorajado a maior participação dessa família nas várias atividades da igreja. O que essa igreja tentou realizar ao enviar esse único homem para a família poderia ser feito somente pelo novo casamento da viúva com outro homem. Esse homem então agiria apropriadamente como uma figura de pai para as crianças, e realizaria todas as funções que o marido falecido costumava realizar. E não haveria nenhum adultério, nenhum escândalo, nenhuma confusão. Se a viúva recusasse casar-se novamente, então ela teria a necessidade de criar os filhos sozinha, com a ajuda da igreja e da comunidade, mas sem um marido ou um pai, e certamente sem um marido ou um pai emprestado de outra família.

Esse teólogo relata sua história como algo do que ele se orgulha, e como algo que ele deseja que outras igrejas imitem. Ele pensa que o que a igreja fez era inteligente, compassivo e eficaz. Mas eu me envergonho dele. Paulo diz que nós devemos estar acima de reprovação, mas isso foi um escândalo em formação. A igreja roubou uma

família de seu marido e pai (ou pelo menos metade dele), injetou tentação e confusão na família enlutada, colocou o homem na posição difícil de cuidar de duas famílias (ser um marido e pai para uma, mas então um amigo e pai para a outra), manchou a imagem e reputação da viúva, e, assim, insultou também o seu marido falecido.

Eu me pergunto o que esses presbíteros teriam feito para uma família cuja esposa e mãe tivesse morrido, isto é, se eles teriam sugerido que outra família compartilhasse uma mulher com o viúvo e suas crianças. Isto teria sido pelo menos tão perigoso e escandaloso, se não mais ainda. A medida que tal comunidade se desenvolve, haverá outras viúvas e viúvos, e eu me pergunto se eles ordenarão o mesmo a ser feito em cada caso. E se sim, o que eles terminarão é com uma massa de maridos compartilhados, profunda tensão e suspeita em casamentos, e numerosos casos de adultério praticamente arranjados pela igreja.

Você pode entender o porquê precisamos de uma política *bíblica* quando diz respeito à caridade, e ao socorrer órfãos e viúvas? E isso porque, por um lado, as pessoas podem se tornar egoístas, e por outro lado, elas podem ser muito estúpidas e um pouco insanas, como nesse caso. A Bíblia nos deu um política para seguirmos, e os líderes da igreja devem ser firmes e decisivos em ensiná-la e implementá-la. E, por favor, se você vai pecar e desafiar a Bíblia, pelo menos não una pessoas para cometerem adultério uma com a outra!

Uma política bíblica fará mais do que prevenir abominações tal como a da nossa ilustração. Visto que tal política tem sido derivada da Escritura, os crentes podem segui-la com confiança, sabendo que eles estão obedecendo a vontade de Deus ao fazê-lo. Isso, conseqüentemente, os protege da dúvida se eles estão fazendo a coisa certa, da culpa subjetiva de pensar que eles não estão fazendo o suficiente, e da culpa objetiva de não estar fazendo realmente o suficiente, e também da manipulação de trapaceiros, e de muitas cargas financeiras insuportáveis e desnecessárias.

Por outro lado, visto que a política bíblica é um mandato moral imposto sobre os cristãos por Deus, ela serve também para proteger os direitos dos órfãos, das “viúvas que são realmente necessitadas”, e de outros que devem receber socorro e sustento.

Finalmente, uma política bíblica, embora compassiva, é também inteligente e justa. Ela não encoraja a preguiça nem tolera a licenciosidade, mas insiste tanto em caridade naqueles que dão, como em piedade naqueles que recebem.

4. OS NOBRES BEREANOS

ATOS 17:11

Ora, os bereanos eram de caráter mais nobre do que os de Tessalônica, pois receberam a mensagem com grande avidez, e examinavam todos os dias as Escrituras, para ver se o que Paulo dizia era verdade.

Quando ministros e crentes mencionam os bereanos, eles geralmente têm em mente um grupo de indivíduos que tinham discernimento, e que não eram facilmente enganados por qualquer nova mensagem que aparecesse, pois eles eram cuidadosos em checar tudo o que um pregador dizia com a Escritura. Esse não era um povo crédulo, e eles não aceitavam qualquer coisa que alguém ensinasse, a menos que viesse diretamente das Escrituras. É visto que a Escritura chama esse povo de “nobre”, é apropriado imitar o seu exemplo.

Este em si mesmo é um ensino bíblico sadio, e outras partes da Escritura também o confirmam. Por exemplo, 1 Tessalonicenses 5:21 diz: “Mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom”, e 1 João 4:1 adverte: “Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo”.

Contudo, ao dirigir a maior parte da sua atenção para a última porção de Atos 17:11, que diz que os bereanos “examinavam todos os dias as Escrituras, para ver se o que Paulo dizia era verdade”, muitas pessoas têm falhando em reconhecer o ponto principal do versículo, e um dos pontos principais da primeira metade de Atos 17.

A virtude real dos bereanos é afirmada pela ênfase principal do versículo, e não na explicação ou qualificação da ênfase principal do versículo. Visto que os bereanos são freqüentemente apresentados como modelos dignos de nossa imitação, uma visão distorcida ou parcial de sua virtude resultará numa imitação distorcida ou parcial, e assim, um caráter defeituoso precisamente na área na qual desejamos aprender deles.

A ênfase principal do versículo 11 é facilmente captada se simplesmente lermos o versículo inteiro, e então o versículo no contexto da primeira metade de Atos 17.

A palavra traduzida como “nobre” pode se referir à nascimento nobre ou caráter nobre. Ela é claramente usada no último sentido em nosso versículo. Quanto à de que forma os bereanos eram nobres, o versículo aplica a palavra a eles *em contraste* com o caráter dos “de Tessalônica”. Portanto, para entender o caráter nobre dos bereanos, devemos primeiramente retornar ao começo de Atos 17 e ler sobre os tessalonicenses:

Tendo passado por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga judaica. Segundo o seu costume, Paulo foi à sinagoga e por três sábados arrazoou com eles a partir das Escrituras, explicando e provando que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos. E dizia: “Este Jesus que lhes proclamo é o Cristo”. Alguns dos judeus foram persuadidos e se uniram a Paulo e Silas, bem como muitos gregos tementes a Deus, e não poucas mulheres de alta posição. (Atos 17:1-4)

Sempre que Paulo chegava numa nova localidade em suas jornadas missionárias, era o seu costume visitar primeiro as sinagogas locais, de forma que ele pudesse pregar aos

judeus (veja v. 10, 17).¹ Os judeus professavam a fé na Escritura, e deveria ser natural para eles abraçar avidamente uma mensagem que declarasse o perfeito cumprimento das promessas da Escritura. Assim, Paulo “discutiui com eles *a partir das Escrituras*”, e era sobre a base da Escritura que ele pregava o evangelho, e isso significava “explicar e provar que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dentre os mortos”.

Como resultado, vários do povo (tanto judeus como gregos) creram e foram salvos. Mas estes não eram os de “Tessalônica”, dos quais o versículo 11 está falando. Antes, os problemas parecem começar a partir do versículo 5:

Mas os judeus ficaram com inveja. Reuniram alguns homens perversos dentre os desocupados e, com a multidão, iniciaram um tumulto na cidade. Invadiram a casa de Jasom, em busca de Paulo e Silas, a fim de trazê-los para o meio da multidão. Contudo, não os achando, arrastaram Jasom e alguns outros irmãos para diante dos oficiais da cidade, gritando: “Esses homens, que têm causado alvoroço por todo o mundo, agora chegaram aqui, e Jasom os recebeu em sua casa. Todos eles estão agindo contra os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, chamado Jesus”. Ouvindo isso, a multidão e os oficiais da cidade ficaram agitados. Então receberam de Jasom e dos outros a fiança estipulada e os soltaram. (Atos 17:5-9)

Como resultado de uma resistência zelosa à mensagem do evangelho, esses judeus (Atos 17:5-9) incitaram um tumulto na cidade contra os apóstolos. Eles manipularam a situação contra esses pregadores do evangelho fazendo acusações enganosas contra eles. O versículo 10 mostra como os cristãos ajudaram Paulo e Silas a escaparem para Beréia.

Política religiosa é um mal horrível, e ela é abundante em nossos dias. Até mesmos nos melhores círculos cristãos, os conflitos religiosos são freqüentemente realizados, não pelo discurso racional, mas incitando também a multidão, e apelando à pressão social e política. Um lado do assunto é freqüentemente preferido pela multidão e pelas instituições, e assim os argumentos bíblicos e os apelos racionais são freqüentemente suprimidos e ignorados.

Algumas vezes uma aparência de refutação pode aparecer, mas mesmo então, freqüentemente a posição antibíblica e irracional ainda é apoiada mais por sua popularidade com as pessoas e as instituições do que pela revelação bíblica. Mas aqueles que permanecem firmes sobre a Escritura e a Razão² não precisam temer, isto é, exceto pelas próprias almas daqueles que os perseguem.

Em todo o caso, é no contraste com *esses* tessalonicenses que o versículo 11 louva o caráter nobre dos bereanos. Conseqüentemente, devemos esperar que a virtude dos bereanos seja o oposto do vício dos tessalonicenses. Imediatamente percebemos que essa virtude não pode ser aquela deles checarem a pregação dos apóstolos; de outra forma, isso implicaria que o vício dos tessalonicenses era o de que eles criam *muito rápido* no evangelho, mas os versículos 5-9 nos diz o oposto.

A virtude dos bereanos era o oposto do vício dos tessalonicenses em que os bereanos “receberam a mensagem com grande avidez”. Diferentemente dos judeus em

¹ Para uma exposição detalhada sobre a segunda metade de Atos 17, na qual Paulo trata com uma audiência não-judaica, incluindo alguns filósofos gregos, por favor, veja meu *Confrontações Pressuposicionistas*, capítulo 2.

² A Escritura é a revelação de Cristo a Razão, ou *Logos*, e somente o que é escriturístico é racional. Nesse sentido, eu equaciono os dois.

Tessalônica, os bereanos não duvidaram ou resistiram à mensagem do evangelho, e eles não perseguiram os pregadores ou lhes deram tempos difíceis. Essa é a ênfase principal no versículo 11, e quando procurando imitar os bereanos, essa é a característica que devemos primeiro reconhecer e considerar.

Muitos comentários falham em reconhecer essa ênfase primária ou lhe dar o lugar devido em suas exposições, e nesse momento eu não me lembro de ter ouvido nem sequer um ministro que tenha feito desse o ponto principal em seu sermão, quando ele pregou sobre o versículo 11. Eu não duvido que alguns ministros tenham reconhecido o ponto primário do versículo e tenham pregado de acordo com ele, mas esses exemplos parecem ser pouquíssimos. Pelo contrário, o versículo é mui frequentemente usado para ensinar o discernimento, e duma forma que obscurece a característica positiva da aceitação ávida da palavra de Deus.

Juntamente com muitos outros, Matthew Henry é uma notável exceção nessa negligência. Para um comentário que tinha que cobrir tantos assuntos, ele, apesar disso, devota uma seção significativa sobre como os bereanos eram ávidos em receber o evangelho. A seção que imediatamente segue, sobre discernimento, é apenas levemente longa. Ele escreve:

Eles nem prejudicaram a causa, nem foram embora com inveja dos administradores dela, como os judeus em Tessalônica o fizeram, mas muito generosamente deram tanto a ela como a eles uma justa audiência... Eles não fizeram querelas com a palavra, nem encontraram defeito, nem procuraram ocasião contra os pregadores dela; mas deram-lhe boas vindas, e colocaram uma construção cândida sobre tudo o que foi dito. Nisso eles eram mais nobres do que os judeus em Tessalônica...³

É somente com isso em mente que podemos entender apropriadamente o versículo 11, e entender com que atitude os bereanos “examinaram as Escrituras”. Os bereanos eram nobres em caráter, não porque eles eram duvidosos ou difíceis de convencer, mas porque eles eram ensináveis e receptivos ao evangelho. Por essa razão, algumas traduções e comentários sugerem traduzir “nobres” como “liberais”, “generosos”, “despreconceituosos” ou “mente-aberta”.⁴

Contudo, essa “mente-aberta” é ao mesmo tempo específica e restrita. É nesse ponto que deveríamos proceder para a parte final do versículo, que nos diz que, embora os bereanos fossem ávidos para ouvir a palavra de Deus, eles não eram de forma alguma pessoas tolas ou crédulas. E porque já temos considerado o ponto principal do versículo, que é dizer que eles eram ensináveis e receptivos ao evangelho, estamos prontos agora para considerar como essa abertura é qualificada.

Eles não eram como o povo de Atenas, que “não se preocupavam com outra coisa senão falar ou ouvir as últimas novidades” (v. 21). Eles não eram ávidos para ouvir os apóstolos por causa de uma mera curiosidade ou para estímulo ou entretenimento intelectual, e eles não estavam simplesmente abertos para qualquer nova teoria ou doutrina que pedisse sua atenção. Antes, eles estavam interessados em aprender a verdade, e, verificar se “aquelas coisas eram assim” (KJV), e não simplesmente em

³ *Matthew Henry's Commentary, Vol. 6: Acts to Revelation* (Hendrickson Publishers), p. 179.

⁴ Embora essas traduções sejam consistentes com o significado intencionado do versículo, é melhor reter “nobres”, visto que a palavra original se refere a algo de alta qualidade, seja em termos de nascimento como de caráter. O contexto basta para nos dizer em que sentido e de que forma os bereanos eram nobres, e algo como “mente-aberta” parece muito interpretativo, perdendo algo do significado original do versículo.

ouvir algo que soasse interessante ou incomum. E para determinar se “aquelas coisas eram assim”, ou seja, as que Paulo pregava, eles “examinavam as Escrituras”.

Assim, eles mostraram que eles tinham “mente-aberta”, não no sentido de que eles eram tolos ou crédulos, e ainda menos relativistas ou pluralistas. Eles não estavam abertos para qualquer coisa ou qualquer um. Mas, aspirando a verdade, eles mostraram que sua abertura era racional, e por examinar as Escrituras, eles mostraram que sua abertura era bíblica, de forma que todas as teorias e doutrinas não-bíblicas eram *excluídas logo no início*. Isso também é parte de seu caráter nobre, e é também o que os crentes hoje devem imitar.

Além do mais, visto que é dessa maneira e sobre essa base que “muitos deles creram”, isso mostra também que a sua resposta “não era uma mera resposta emocional ao evangelho, mas uma baseada na convicção intelectual”.⁵ A fé deles era uma fé genuína, uma convicção intelectual sobre a verdade revelada, e uma vida espiritual fundamentada nessa convicção bíblica e racional pode sobreviver aos testes de perseguição e tentação.

Assim como devemos seguir seu exemplo como ouvintes, não deveríamos ficar satisfeitos com nada menor da nossa audiência como pregadores. E isso significa que os ministros cristãos devem se esforçar para serem o mesmo tipo de pregadores que os bereanos ouviam, de forma que, como Paulo, devemos pregar e arrazoar “a partir das Escrituras, explicando e provando” Cristo aos nossos ouvintes.

Ainda, por causa da forma desequilibrada com que muitas pessoas têm aplicado nosso versículo, devemos novamente lembrar a nós mesmos de seu ponto principal, e a razão principal pela qual os bereanos foram chamados nobres. Eles não foram elogiados porque eram suspeitos e hostis, mas porque eram ávidos em ouvir o evangelho.

A atitude deles era: “Você tem nos trazido uma boa mensagem de Deus, vejamo-la também a partir das Escrituras”, e não, “Não nos faça de estúpidos e crédulos. Não vamos deixar você partir impune, e não queremos crer em nada que você diga, a menos que a prove para nós a partir das Escrituras”. Ora, a primeira atitude não reflete qualquer credulidade também, mas é caracterizada por um caráter nobre, uma abertura à revelação de Deus.

Deus não é agradado quando o discernimento se torna resistência e dureza de coração disfarçado. Como a Escritura diz: “Hoje, se ouvirem a sua voz, não endureçam o coração” (Hebreus 4:7). Cristãos de caráter “nobre” não são maliciosamente suspeitos, mas são inteligentemente ensináveis. Eles respeitam os mensageiros de Deus; são ávidos em ouvir a Palavra de Deus; e rápidos para crer e obedecer.

Assim, se vamos imitar os nobres bereanos, então recebamos prontamente a palavra de Deus de ministros fiéis, e seremos tão ávidos em afirmar e praticar a verdade que eles proclamam que examinaremos a Escritura “todos os dias” (v. 11), de forma que construiremos nossa fé e adoração correta sobre a firme rocha da revelação também.

Continuemos a ensinar os crentes a “testar todas as coisas”, mas quando falarmos sobre os bereanos, relatemos também acuradamente a natureza de seu caráter nobre, que eles eram ávidos em ouvir e receber a palavra de Deus. E nós não devemos perder essa devoção simples à palavra de Deus, mesmo que pensemos já ter adquirido muito conhecimento e discernimento; antes, permaneçamos humildes, ensináveis – e nobres.

⁵ I. Howard Marshall, *Acts* (Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1980), p. 280.

5. A ÚNICA COISA NECESSÁRIA

Lucas 10:38-42

Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo-lhe a palavra. Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. Ela, aproximando-se dele, perguntou: “Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!”.

Respondeu o Senhor: “Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”.

Uma exposição completa de nossa passagem deveria explicar como ela se encaixa nas preocupações mais amplas do Evangelho, notando os motivos lucanos de audiência, serviço, hospitalidade, jornada e assim por diante.¹ Para o nosso modesto propósito, contudo, um breve e limitado tratamento será suficiente.

Embora o episódio comece com “Jesus e os seus discípulos” viajando juntos, ele imediatamente limita seu foco sobre Jesus.² Então, pelo resto dessa unidade narrativa, lemos somente sobre sua relação para com Marta e Maria, e talvez também um pouco sobre a relação entre essas irmãs (v. 40), enquanto os discípulos ficam em segundo plano.

Lucas não identifica o “povoado”, mas ele menciona que Marta e Maria tinham sua “casa” ali. João também menciona essas irmãs, e ali ele escreve que elas viviam em Betânia (João 11:1), aproximadamente duas milhas de Jerusalém (João 11:18).

O verso diz que “certa *mulher* chamada *Marta* o recebeu em sua casa”. Marta parece ser aquela que toma a iniciativa nas narrativas bíblicas (v. 38; também João 11:20), que é responsável pelos serviços da casa, e que é mais socialmente ativa e agressiva. Provavelmente por essa razão, é freqüentemente assumido que ela é a irmã mais velha,

Maria, por outro lado, parece mais passiva (v. 39; João 11:20, 28-29), mas, todavia, pensativa e apaixonada (João 12:3). De fato, ela parece mais espiritualmente avançada do que alguns dos outros em sua compreensão da significância de Cristo e da forma como Ele deve ser tratado (veja João 12:1-8)

Enquanto Marta recebe Jesus como um convidado honrado, Maria O recebe como um Mestre espiritual. Uma O recebe a partir de uma perspectiva social, e a outra a partir de uma perspectiva espiritual. As duas não estão em conflito inerente, mas alguém não pode agir de uma maneira que dê ênfase igual à ambas. Assim, a questão permanece: Jesus é *um Mestre* que parece ser um convidado, ou Ele é *um convidado* que parece ser um Mestre?

Lucas escreve que Maria sentou aos pés de Jesus para ouvir Suas palavras. Nesse ponto, Lucas se refere a Jesus como “o Senhor”, e isso é repetido antes desse episódio acabar. E ela “sentou aos pés do Senhor” indica mais do que postura física, ou ate mesmo mais

¹ Joel B. Green, *The Gospel of Luke* (William B. Eerdmans Publishing Company, 1997), p. 433.

² Ainda que *possível*, contrário a uma interpretação, não é *provável* que os discípulos tenham deixado temporariamente Jesus no momento em que Ele chegou ao povoado

do que uma atitude submissa, mas a expressão identifica-a como uma discípula. Paulo foi “instruído aos pés de Gamaliel” (Atos 22:3, ARC).

A idéia de discipulado é reforçada quando Lucas escreve que Maria tinha assumido essa postura para ouvir os ensinamentos de Jesus. Isso conecta diretamente esse episódio ao tema do “ouvir”, tão evidente por todo esse Evangelho. Considere Lucas 6:47³ e 11:28⁴ e, certamente, A Parábola do Semeador (8:4-15), a qual é muito longa para reproduzir aqui.

O que Lucas descreve aqui é incomum, não somente porque uma mulher tomou uma posição de uma discípula durante o Judaísmo do primeiro século, mas também porque Jesus e então até mesmo defendeu sua decisão de ser Sua discípula. Diremos mais sobre isso mais tarde.

Marta, por sua vez, estava tão distraída com todas as providências para receber dignamente seu convidado, que falha em prestar atenção aos ensinamentos de Ele. É óbvio que seu comportamento não está completamente equivocado. Por ser mulher e a anfitriã, ela agia conforme a conveniência e expectativa social. Todavia, alguém se tornar verdadeiro discípulo de Cristo — ouvir e obedecer a Seus ensinamentos — jamais é socialmente adequado ou esperado, sem levar em conta a distinção sexual, fosse naqueles dias ou nos atuais. A conversão sempre implicará desafio aos padrões e às expectativas do mundo.

Por fim, Marta extravasa sua frustração, não diretamente contra Maria, mas em Jesus: “Senhor, não Te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize a ela que me ajude!”. Ela poderia ter dito: “Senhor, quero ser boa anfitriã e dar a Ti e a Teus discípulos uma calorosa recepção; sei que é normal esperar de mim tudo o que faço agora. Entretanto, em vez de ajudar-me, minha irmã Maria está sentada a Teus pés, ouvindo Teus ensinamentos. Ela deveria ajudar-me, ou eu deveria estar assentada com ela ouvindo-Te?”.

Sem perguntar a Jesus sobre sua preferência — ela presume que Jesus ficaria do seu lado, e se convence de que Ele *deveria* ficar do seu lado —, Marta se irrita com o fato de Jesus não ter feito nada ainda a respeito da situação. Sua frustração levou-a a julgar erroneamente o comportamento de Maria e também a tolerância do Senhor ao que ela considerava negligência da irmã.

Lenski pensa que a queixa de Marta não exhibe nenhuma irreverência ou reclamação contra Jesus. Ele escreve: “Mas isso teria sido descarada impolidez e rudeza, e a resposta de Jesus não indica nada desse tipo”.⁵ Contudo, esse argumento é uma falácia, pois se baseia somente na especulação de Lenski sobre qual *teria sido* a resposta de Jesus se a declaração de Marta exibisse “descarada impolidez e rudeza”. De fato, alguém pode mais naturalmente dizer que sua declaração de fato exhibe “descarada impolidez e rudeza”, e que a resposta de Jesus apenas demonstra Sua paciência para com ela.

Lenski continua: “Alguns têm encontrado desrespeito descarado nas palavras ‘não te importas’, mas se esquecem que Marta se dirige [a Jesus] como ‘Senhor’, e a resposta óbvia que Jesus teria tido que dar, a saber, prontamente se retirar”.⁶ Em outras palavras,

³ “Eu lhes mostrarei com quem se compara aquele que vem a mim, ouve as minhas palavras e as pratica” (NVI).

⁴ “Antes, felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e lhe obedecem” (NVI).

⁵ R. C. H. Lenski, *Commentary on the New Testament: The Interpretation of St. Luke's Gospel* (Hendrickson Publishers), p. 614.

⁶ *Ibid.* Lenski novamente se refere à “resposta óbvia que Jesus teria tido que dar”. Mas isso não é nada mais do que especulação, e ela não é óbvia de forma alguma. É ilegítimo especular sobre o que Jesus teria feito, a menos que Lenski possa demonstrar que essa é uma implicação necessária de algo que está *no texto*, ou em alguma outra parte da Bíblia.

ele pensa que é impossível se dirigir a Jesus como “Senhor” e mostrar desrespeito ao mesmo tempo.

Mas essa é uma interpretação ingênua, e é Lenski quem esqueceu de todos os exemplos bíblicos nos quais até mesmos os profetas, que se dirigiam a Ele como o Soberano e Todo-Poderoso ao mesmo instante, tinham expressado algumas vezes frustração contra Deus. Certamente, qualquer queixa que seja mais do que uma expressão de necessidade pessoal e agonia, mas que equivalha a encontrar falta em Deus, é ilegítima e pecaminosa. Algumas vezes eles foram pacientemente encorajados; em outras, severamente repreendidos.

O argumento de Lenski implica que alguém sempre deve falar como um extremo ateu ou não-cristão quando exibir irreverência, mas isso é falso. Um modo de comportamento irreverente é precisamente reconhecer quem Deus é e então falar como se Ele não fosse quem é, ou reconhecer Sua sabedoria, poder e justiça, e então falar duma forma que questione Sua sabedoria, poder e justiça.

Chamar Jesus de “Senhor” e então criticá-Lo ou contradizê-Lo faz da irreverência de alguém ainda mais pecaminosa. Pela argumentação de Lenski, Mateus 16:16 neutralizaria qualquer irreverência em Mateus 16:22. Mas “repreender” Jesus, corrigindo-O sobre Sua própria missão sobre a terra, e isso logo após chamá-lo de “Cristo, o Filho do Deus vivo”, somente faz a irreverência de Pedro ser ainda mais evidente e inescusável. Assim, a resposta “Para trás de mim, Satanás!” (v. 23), é completamente apropriada.

Assim, qualifiquemos e suavizemos nossas críticas contra Marta duma maneira que seja apropriada — digamos que ela errou como resultado de frustração e ignorância, mas não de malícia — mas não devemos desprezar completamente o que ela diz. Sua declaração é realmente grosseira e irreverente.

Essa é, portanto, uma advertência para nós sobre a frustração que pode se levantar quando estamos ansiosos sobre fazer o que pensamos ser apropriado e necessário, ao invés de seguir o programa de Deus de discipulado. E essa frustração pode levar a um falso julgamento contra nossos irmãos e irmãs em Cristo, e a uma explosão de irreverência contra o próprio Deus que reivindicamos proclamar e adorar pela nossa condição distraída.

Em resposta, Jesus, ao contrário, oferece à Maria uma correção gentil. Sua crítica é dupla. Primeira, ela está “preocupada e inquieta”. Seu estado agitado de mente a impede de manter julgamentos e prioridades corretas, e assumir a posição de uma discípula de Cristo. Segundo, ela está preocupada e inquieta “com muitas coisas”. Assim, ela erra tanto qualitativamente quanto quantitativamente.

A condição de Marta a impede de obter os benefícios espirituais que estão prontamente disponíveis por causa da presença de Cristo, e de se focar na única coisa que é necessária. Em contraste, Maria está sentada aos pés do Senhor, na posição de uma discípula, para ouvir Seus ensinamentos.⁷ Ela escolheu corretamente, e Jesus defende e protege essa escolha, dizendo, “esta não lhe será tirada”.

De uma perspectiva da “história da redenção” — isto é, da preocupação mais ampla de Lucas sobre como esse episódio se encaixa no resto do seu Evangelho e então também

⁷ “De acordo com os rabis, aprender o Torá é melhor do que qualquer outra atividade”, Craig A. Evans, *Luke* (Hendrickson Publishers, 1990), p. 179.

no resto da Escritura, e sua significância na revelação do plano de Deus, no qual a obra de Cristo é um clímax (Hebreus 1:1-2) — essa passagem está preocupada não somente em nos mostrar a prioridade do contemplativo sobre o ativo e do espiritual sobre o social, ou até mesmo do fato de que as *mulheres* bem como os homens devem se tornar discípulos de Cristo e receber instruções. Ela nos ensina todas essas coisas e mais.

Cristo é a mais alta revelação de Deus, cheio de graça e de verdade (João 1:14). Sua vinda é uma manifestação pessoal do reino de Deus, pois alguém buscar o reino de Deus e Sua justiça é se tornar Seu discípulo, dar-Lhe prioridade, e ouvir e obedecer aos Seus ensinamentos (Mateus 7:24-29). Tornar-se Seu discípulo significa mais do que dar-Lhe um aspecto secundário de nossas vidas, mas significa deixar que Seus ensinamentos invadam cada área de pensamento e conduta. E, conseqüentemente, transformar nossas crenças, agendas, expectativas e relacionamentos.

Muitas exposições da nossa passagem falham em notar seu contexto redentivo-histórico. Por outro lado, seria errado pensar que o grande propósito dessa passagem nos proíba de derivar dela algumas lições mais limitadas. De fato, são essas implicações específicas e práticas que nos ensinam a como diariamente agir como discípulos de Cristo nesse mundo, e assim cumprir a preocupação mais ampla dessa passagem. Uma abordagem correta, portanto, guardaria ambas as coisas em mente.

Cristo chama Seus eleitos para se tornarem Seus discípulos, e isso significa a mesma coisa em nossos dias como nos dias de Maria — devemos ouvir e obedecer aos ensinamentos de Cristo, e edificar nossas vidas sobre a Sua palavra. Tornar-se um discípulo significa dar ao nosso Mestre e Senhor a prioridade em nossas vidas. Para nós, tornar-se atencioso aos ensinamentos de Cristo implica que não podemos ser igualmente atenciosos a outras coisas ao mesmo tempo. Em outras palavras, se nossas agendas e atividades permanecem as mesmas de antes, então não há sinal de que somos Seus discípulos de forma alguma.

Então, ser Seus discípulos freqüentemente requer de nós desprezar as expectativas de outros e as funções que eles atribuem a nós. De fato, nossa passagem usa um exemplo feminino para estabelecer um ponto, e assim fazendo, ela está estabelecendo um ponto sobre o discipulado feminino. Não importa o que a sociedade ou até mesmo a Escritura atribua às mulheres, nossa passagem declara para sempre que o primeiro direito e dever das mulheres é ser discípula de Cristo — isto é, aprender segundo Cristo.

Algumas pessoas podem pensar que esse não é mais o caso, pelo menos em algumas partes do mundo, mas em muitas igrejas até mesmo hoje, enquanto o discipulado significa “ouvir e fazer” para os homens, ele significa apenas “fazer” para as mulheres. Algumas vezes, essa não é a política que tem sido deliberadamente adotada, mas simplesmente assumida. Mas em outras, ela é uma filosofia que tem sido conscientemente adotada por causa do pensamento não-regenerado ou de uma teologia defeituosa.

O problema existe numa forma diferente mesmo naquelas partes do mundo nas quais as mulheres têm sido “liberadas”. Naquelas partes do mundo, é assumido que as mulheres têm o direito de se tornarem discípulas de Cristo não por causa dos ensinamentos da Escritura, mas porque esse direito tem sido “dado” pela sociedade, assim como ele é impedido por outras culturas. Em nenhum dos casos a posição para com o discipulado feminino foi ditado pela revelação divina.

Por um lado, o direito das mulheres de se tornarem discípulas é impedido por supressão; por outro lado, o direito das mulheres de se tornarem discípulas é concedido por

insurreição, até mesmo contra os próprios papéis atribuídos a elas pela Escritura, de forma que elas querem “ouvir”, mas não “fazer”. Embora seja correto e necessário desafiar as expectativas sociais que nos impedem de seguir os ensinamentos de Cristo, é auto-destruidor desafiar também a palavra de Deus para conseguir o direito de ouvir a palavra de Deus.

O direito das mulheres se tornarem discípulas de Cristo e de se beneficiarem de todos os programas de ensino que a Igreja tem para oferecer vem da declaração do próprio Cristo de que isso “não será tirado” delas. Assim como devemos desconsiderar a proibição da sociedade contra algo que a Escritura ordena, não precisamos da permissão da sociedade para realizar o que a Escritura demanda. Portanto, não há conflito entre conceder à mulher pleno acesso a todo treinamento bíblico e doutrinário disponível aos homens, enquanto que ao mesmo tempo reforçar o que a Escritura ensina com respeito aos seus papéis no lar e na igreja.

Como declarado, a passagem usa uma discípula para estabelecer um ponto — ela não apenas estabelece um ponto sobre o discipulado feminino. Esse “ponto” é que Cristo chama todos os eleitos a se tornarem Seus discípulos, a aprenderem e seguirem os Seus mandamentos, e que o papel de uma pessoa como um discípulo é mais importante do que todos os seus outros papéis na família e sociedade. E isso é o porquê um discipulado de Cristo frequentemente inclui desafio às expectativas e restrições sociais. Seria um engano aplicar isso somente às mulheres, mas devemos ver que os plenos direitos e deveres do discipulado se aplicam também aos analfabetos, aos leigos e até mesmo às crianças. Eles também devem “ouvir e obedecer”, e não apenas “obedecer”.

A maioria dos sermões e comentários sobre essa passagem é cuidadoso em advertir contra se equivocar com as prioridades de Marta e colocar o exemplo de Maria como um digno de imitação. Contudo, um vasto número deles falha em notar que Jesus também serve como um exemplo que é diretamente relevante para muitos cristãos.

É verdade que Jesus é único, e ninguém mais pode ocupar Sua posição exata em qualquer situação. Todavia, muitos de nós desempenham vários papéis em nossas vidas que são análogos ao papel que Jesus desempenha nesse episódio. Isto é, alguns de nós estamos em posição de defender e proteger os direitos espirituais das “Marias” em nossas vidas, e encorajar as “Martas” a imitarem as “Marias”. Pessoas que estão em tais posições incluem ministros, professores, maridos e pais.

Nossa passagem ensina o ministro a reforçar um programa de discipulado que enfatize ouvir e fazer, ao invés de simplesmente fazer, e a pregar um evangelho espiritual que é fundamentado na fé que produz boas obras, antes do que num evangelho meramente social. As igrejas deveriam oferecer aulas de teologia ao invés de lanches e piqueniques. Ou, pelo menos elas deveriam ter lanches e piqueniques com o propósito de pregar e discutir a palavra de Deus.

Aulas sobre teologia e estudos bíblicos devem ser abertas a todos os tipos de indivíduos — homens, mulheres, analfabetos, ricos, pobres e crianças *de todas as idades*. Contrário a suposição de muitos, as crianças que têm apenas três a quatro anos de idade são plenamente capazes de entender os ensinamentos básicos sobre Deus, criação, pecado, salvação, morte, justiça, punição, céu e inferno.

Se não fosse pelos vocabulários teológicos não-familiares, qualquer criança já deveria ter lido algo no nível da *Teologia Sistemática* de Berkhof na época em que entrassem na primeira série. Os conceitos não são difíceis, mas as palavras levam tempo para aprender. A solução é os pais e ministros ensinarem essas coisas a eles numa linguagem

mais simples. Mas em termos de conteúdo, não há necessidade de diluição de forma alguma.⁸

Alguns pais pensam que eles serão heróis espirituais se eles tiverem sucesso em ensinar aos seus filhos o Breve Catecismo quando eles tiverem por volta de quatorze ou quinze anos. Eu posso concordar com isso se essas crianças (ou os pais!) tiverem Síndrome de Down ou alguma coisa parecida com isso (mas mesmo assim eu me espantaria); de outra forma, esses pais tem falhado miseravelmente em cumprir o seu dever.

Se a criança pode aprender sobre evolução de seus professores antes delas alcançarem a terceira série; se elas podem entender sobre adultério, sodomia, estupro, assassinato, roubo e perjúrio através da televisão e de video games; e se elas podem adquirir e aplicar os conceitos de coragem, revanche, morte, demônio e o sobrenatural, assumidos em muitos livros de romance para crianças e adolescentes, então certamente elas podem entender muito mais sobre teologia do que a maioria dos pais e ministros acreditam que elas possam.

Dessa forma, muitos pais deixam o mundo doutrinar seus filhos primeiro, começando no jardim de infância, na esperança de que eles deixem tudo de lado quando lhes for ensinado mais tarde as doutrinas e éticas bíblicas, talvez no tempo em que entrarem no segundo grau. Alguns segmentos da Igreja são melhores do que outros nessa área, mas ainda muitos tendem a pensar que teologia é um assunto para “adulto”. Mas o tempo de começar a aprender é o momento quando a criança começa a aprender a linguagem.

Se uma criança pode participar de uma aula de teologia não dividida [com base na idade], então ela *deve* ser admitida. A igreja deve aceitá-la na classe, ou fazer alguma acomodação especial para ela. Deve ser dada às crianças a chance de se excederem, de lerem livros teológicos e comentários bíblicos, e de fazer perguntas sobre as questões últimas. Alguns de nós têm sido extremamente lentos, mas isso não é razão para impedir aqueles que são normais, e pode haver diversos que são. Nunca meça o potencial de seu filho pelas suas próprias limitações e fracassos.

Dessa perspectiva, eu me oponho a dividir classes em diferentes níveis de acordo com idade e gênero, embora seja apropriado dividi-las com base em níveis (iniciante, intermediário, etc.) *que não tenham a ver com* idade e gênero, de forma que os ensinamentos não sejam completamente ininteligíveis aos iniciantes, quer crianças, quer adultos. Algumas igrejas, algumas vezes por várias razões legítimas, insistem em dividir seus programas por gênero. Isso é bom, mas não comece ensinando as mulheres a costurar e cozinhar — ensine-as teologia e exegese básica primeiro. Faça delas discípulas — faça do culto delas a Deus um culto *racional*, e ajude-as a edificar suas vidas sobre o entendimento bíblico.

Nossa passagem não é somente ou mesmo principalmente sobre a piedade feminina, mas ela tem um pouco a ver sobre ela. Num relacionamento matrimonial, a posição do marido é análoga àquela de Jesus aqui, tendo a autoridade de encorajar ou impedir o progresso espiritual da mulher, e perseguir um curso normal de discipulado.

O primeiro dever do marido é amar a esposa, e isso é expresso imitando a forma que Cristo ama Sua igreja, santificando-a pela palavra de Deus. Isto é, como um marido, você deve amar sua esposa ajudando-a a progredir em santificação, em conhecimento e

⁸ Veja minha série de palestras “*Great Expectations*” sobre o potencial das crianças para o desenvolvimento intelectual prematuro, ou como minha posição coloca, seu desenvolvimento intelectual *normal*.

em santidade. Portanto, para imitar o exemplo de Jesus em nossa passagem, você deve defender e proteger o seu direito de aprender como uma discípula de Cristo, ouvindo e obedecendo a palavra de Deus.

Isto tem diversas implicações práticas. Por exemplo, isso pode significar que quando sua esposa desejar te servir ou ao lar de uma forma particular que ela considere como parte do dever dela, você deve algumas vezes encorajá-la a ler uma teologia sistemática ou um comentário bíblico ao invés disso. Mas não permanece verdadeiro que algumas coisas no lar devem ser feitas? Isso é verdade, então vá e faça-as *você*.

O ponto é que você deve assistir sua esposa a crescer como uma discípula de Cristo, tanto em pensamento como em conduta, tanto em conhecimento como em santidade, mesmo que isso exija fazer alguns sacrifícios da sua parte. Você deve reconhecer que ela é uma co-herdeira da vida eterna (1 Pedro 3:7), que ela é uma discípula tanto quanto você o é, e então, você deve agir como tal. Isso é o fruto do verdadeiro amor, como Cristo ama Sua igreja, e também seu dever como um marido.

6. COMO UM HOMEM PENSA

PROVÉRBIOS 22:29 – 23:8

Você já observou um homem habilidoso em seu trabalho? Será promovido ao serviço real; não trabalhará para gente obscura.

Quando você se assentar para uma refeição com alguma autoridade, observe com atenção quem está diante de você, e encoste a faca em sua própria garganta, se estiver com grande apetite. Não deseje as iguarias que lhe oferece, pois podem ser enganosas.

Não esgote as suas forças tentando ficar rico; tenha bom senso! As riquezas desaparecem assim que você as contempla; elas criam asas e voam como águia no céu.

Não aceite a refeição de um hospedeiro invejoso, nem deseje as iguarias que lhe oferece; pois ele só pensa nos gastos. Ele diz: “Coma e beba!”, mas não fala com sinceridade. Você vomitará o pouco que comeu, e desperdiçará a sua cordialidade.

Porque o livro de Provérbios comunica sabedoria por meio de muitos adágios curtos e eficazes, suas declarações são facilmente tomadas fora de contexto e mal aplicadas. E quando isso ocorre, poucas pessoas percebem. Um bom exemplo é o de Provérbios 23:7, que diz, na versão KJV: “Como pensa em seu coração, assim ele é”. Para o propósito de usá-lo inapropriadamente, é até mesmo mais conveniente dizer: “Como *um homem* pensa em seu coração, assim ele é”. Dizer “como um homem” em vez de “como ele” remove ainda mais o versículo de seu contexto, pois ninguém, dessa forma, perguntaria sobre quem o “ele” é. O versículo poderia então sustentar a si mesmo, e é dessa forma que ele é geralmente citado.

Muitos ensinamentos cristãos e *New Age* sobre pensamento positivo adotaram esse versículo como o seu moto. Para ser preciso, eles adotaram a *primeira* parte do versículo, visto que citar a segunda seria suficiente para expor o abuso daquela. Para eles, as palavras “como um homem pensa, assim ele é” resumem seu ensino de que uma pessoa *é* o que ela pensa e que ela *se transforma* naquilo que pensa.

A Bíblia, de fato, ensina isso em um sentido, mas não o que é pretendido pelos falsos ensinamentos. Num sentido, a Bíblia ensina que uma pessoa *é* o que ela pensa (mesmo em Provérbios 23:7) e que ela *se torna* naquilo em que pensa (mas não em Provérbios 23:7). Para ilustrar o último, uma pessoa regenerada cresce em sabedoria, santidade e até mesmo em sucesso, em parte por pensar de acordo com os preceitos bíblicos e por modelar a sua vida em de acordo com eles.¹ Em outras palavras, pela graça e poder de Deus, o crente *cresce* nos próprios preceitos bíblicos sobre os quais medita.

Assim, nesse sentido, a Bíblia realmente ensina que uma pessoa *se torna* naquilo que pensa. Ela nos alerta sobre o que entretemos em nossa mente, e oferece linhas de direção específicas sobre o que deveríamos pensar. Em relação à maneira com que as Escrituras comunicam que uma pessoa *é* aquilo que pensa, discutiremos isso posteriormente, quando estivermos prontos para oferecer a interpretação correta de Provérbios 23:7.

¹ Entre outros, ver o Salmo 1 e o Salmo 119:97-105.

É importante notar duas diferenças. Os ensinamentos *New Age* diferenciam das Escrituras quando se referem aos meios de nossa transformação, e no que diz respeito aos objetos e propósitos de nossos pensamentos. De acordo com eles, o *meio* ou o poder para a transformação positiva não é o poder de Deus na regeneração e santificação, mas a força latente da mente humana. Esta é descrita como sendo quase sobrenatural, e, às vezes, é explicitamente exposta dessa maneira. Então, os objetos *adequados* de nossos pensamentos não são, necessariamente, bíblicos, mas qualquer coisa positiva que nos possa ajudar a alcançar o resultado pretendido. Quanto aos *propósitos*, eles nunca são para a glória de Deus e a santificação do homem, mas para alcançar objetivos egoístas e mesquinhos, ou, na melhor das hipóteses, para trazer à humanidade benefícios à parte de Deus, e de arrependimento e sujeição a ele.

Esses ensinamentos sugerem que uma pessoa *é* o que pensa e que ela *se torna* o que pensa de uma forma bem diferente daquela ensinada pela Bíblia. Eles enfatizam o poder da autoconfiança e da liberação do poder inato do homem, de forma que você *se tornará* a pessoa que deseja ser se pensar que realmente é essa pessoa – sua mente fará isso acontecer. Se você acha que é rico, você *será* rico; se pensa que *é* bem sucedido, *será* bem sucedido. E se crê que pode fazer algo, você pode. Se não consegue fazer alguma coisa, pense que pode, e será capaz disso. Pois, afinal de contas, como um homem pensa em seu coração, assim ele é.

Embora as teorias e técnicas variem, são ensinamentos como esses que raptaram Provérbios 23:7. Infelizmente, muitos cristãos professos, em especial alguns daqueles nos círculos carismáticos, têm adotado doutrinas similares, e têm abusado do nosso versículo de maneiras similares.

O versículo tem um contexto, que controla e limita o seu conteúdo. Assim, para entendê-lo apropriadamente, devemos trazê-lo de volta ao seu contexto, e ver o que ele e toda a passagem nos têm a dizer. Para isso, voltaremos primeiramente a Provérbios 22:29 e começaremos daí.

Poderíamos iniciar de 23:1, e os vários versículos seguintes nos dariam suficiente contexto para compreendermos o versículo 7. Mas é benéfico darmos uma olhada em 22:29, visto que ele sugere um modo como alguém chegaria à situação descrita em 23:1 em primeiro lugar.

O versículo se refere a alguém que é “*habilidoso* em seu *trabalho*”. A palavra traduzida como “*habilidoso*” denota prontidão e rapidez no cumprimento da tarefa de alguém, bem como um bom entendimento da natureza do trabalho. Fala sobre competência e eficiência.

Algumas traduções constroem a palavra como se ela se referisse à excelência exterior, tal como se dá com a arte. Por exemplo, lê-se na versão REB: “Você vê um artesão habilidoso em sua arte: ele servirá a reis, e não a homens comuns”. Embora o versículo possa incluir habilidades externas, traduzi-lo dessa forma obscurece a sua ênfase primária, que é a competência e eficiência em tarefas intelectuais. Então, a GNT muda o versículo totalmente: “Mostre-me alguém que faz um bom trabalho, e lhe mostrarei alguém que é melhor que a maioria e digno da companhia dos reis”.

A Bíblia de Jerusalém diz: “algum homem *astuto* em seus trabalhos”, e a Nova Bíblia de Jerusalém: “alguém *alerta* em seus trabalhos” Elas são melhores, pois ao menos captam um aspecto da excelência descrita pelo versículo. A tradução da God's Word –

“uma pessoa que é *eficiente* em seu trabalho” – parece enfatizar outro aspecto. A NKJ diz: “um homem que *sobressai* em seu trabalho”, que não está mau.

Matthew Pole prefere “diligente”, dizendo que o versículo se refere a alguém que é “veloz na execução daquilo que foi planejado *bem e sabiamente*”.² Delitzsch nota que esse homem “habilidoso” deve ter “domínio intelectual”³ da tarefa à sua mão. *Barnes* sugere que isso se refere ao “dom de um intelecto rápido e pronto”.⁴ A mesma palavra é usada no Salmo 45:1, e, lá, é geralmente traduzida por “preparado”, como em “escritor *preparado*”, sugerindo assim competência e eficiência em tarefas intelectuais. Em todo o caso, o tipo de pessoa descrita é o *oposto* daquela estúpida e lerda.

A espécie de “trabalho” aqui é provavelmente de um escriba ou oficial. O versículo não parece sugerir uma restrição limitada, embora *Strong* mencione que a palavra se refere a um emprego que “nunca é servil”.

Reis, governadores, e oficiais do alto escalão constantemente buscam aqueles que exibem bastante conhecimento e excelência em seu trabalho. Pessoas como essas – espertas, rápidas, e eficientes – são freqüentemente promovidas para o trabalho com grandes homens, em vez de serem mantidas com pessoas obscuras.

Há mais do que uns poucos exemplos bíblicos para ilustrar o que o versículo diz. Para o nosso propósito, é suficiente ler rapidamente alguns deles sem comentá-los:

GÊNESIS 41:9-14, 33-43

Então o chefe dos copeiros disse ao faraó: “Hoje me lembro das minhas faltas. Certa vez o faraó ficou irado com os seus dois servos e mandou prender junto com o chefe dos padeiros, na casa do capitão da guarda. Certa noite cada um de nós teve um sonho, e cada sonho tinha uma interpretação. Pois bem, havia lá conosco um jovem hebreu, servo do capitão da guarda. Contamos a ele os nossos sonhos, e ele os interpretou, dando a cada um de nós a interpretação de seu próprio sonho. E tudo aconteceu conforme ele nos dissera: eu fui restaurado à minha posição e o outro foi enforcado”.

O faraó mandou chamar a José, que foi trazido depressa do calabouço. Depois de se barbear e de trocar de roupa, apresentou-se ao faraó...

“Procure agora o faraó um homem criterioso e sábio e coloque-o no comando da terra do Egito. O faraó também deve estabelecer supervisores para recolher um quinto da colheita do Egito durante os sete anos de fartura. Eles deverão recolher o que puderem nos anos bons que virão e fazer estoques de trigo que, sob o controle de faraó, serão armazenados nas cidades. Esse estoque servirá de reserva para os sete anos de fome que virão sobre o Egito, para que a terra não seja arrasada pela fome”.

O plano pareceu bom ao faraó e a todos os seus conselheiros, Por isso o faraó lhes perguntou: “Será que vamos conseguir achar alguém como este homem, em quem está o espírito divino”?

Disse, pois, o faraó a José: “Uma vez que Deus lhe revelou todas essas coisas, não há ninguém tão criterioso e sábio como você. Você terá o

² Matthew Poole, *A Commentary on the Holy Bible, Vol. 2* (Hendrickson Publishers), p. 258.

³ C. F. Keil and F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament, Vol. 6* (Hendrickson Publishers), p. 335.

⁴ *Barnes' Notes: Proverbs to Ezekiel* (Baker Books), p. 63.

comando de meu palácio, e todo o meu povo se sujeitará às suas ordens. Somente em relação ao trono serei maior que você”.

Então faraó prosseguiu: “Entrego a você agora o comando de toda a terra do Egito”. Em seguida o faraó tirou do dedo o seu anel-selo e o colocou no dedo de José, Mandou-o vestir linho fino e colocou uma corrente de ouro em seu pescoço. Também o fez subir em sua segunda carruagem real, e à frente os arautos iam gritando: “Abram caminho!” Assim José foi colocado no comando de toda a terra do Egito.

1 SAMUEL 16:14-23

O Espírito do Senhor se retirou de Saul, e um espírito maligno, vindo da parte do Senhor, o atormentava.

Os oficiais de Saul lhe disseram: “Há um espírito maligno, mandado por Deus, te atormentando. Que o nosso soberano manda estes teus servos procurar um homem que saiba tocar harpa. Quando o espírito maligno, vindo da parte de Deus, se apoderar de ti, o homem tocará a harpa e tu te sentirás melhor”.

Saul respondeu aos que o serviam: “Conheço um filho de Jessé, de Belém, que sabe tocar harpa. É um guerreiro valente, sabe falar bem, tem boa aparência e o Senhor está com ele”.

Então Saul mandou mensageiros a Jessé com a seguinte mensagem: “Envie-me seu filho Davi, que cuida das ovelhas”. Jessé apanhou um jumento e o carregou de pães, uma vasilha de couro cheia de vinho e um cabrito e os enviou a Saul por meio de Davi, seu filho.

Davi apresentou-se perante a Saul e passou a trabalhar para ele. Saul gostou muito dele, e Davi se tornou seu escudeiro. Então Saul enviou a seguinte mensagem a Jessé: “Deixe que Davi continue trabalhando para mim, pois estou satisfeito com ele”.

Sempre que o espírito mandado por Deus se apoderava de Saul, Davi apanhava sua harpa e tocava. Então Saul sentia alívio e melhorava, e o espírito maligno o deixava.

DANIEL 1:17, 2:46-49, 5:11-12

A esses quatro jovens Deus deu sabedoria e inteligência para conhecerem todos os aspectos da cultura e da ciência. E Daniel, além disso, sabia interpretar todo tipo de visões e sonhos.

Ao final do tempo estabelecido pelo rei para que os jovens fossem trazidos à sua presença, o chefe dos oficiais os apresentou a Nabucodonosor. O rei conversou com eles, e não encontrou ninguém comparado a Daniel, Hananias, Misael, e Azarias; de modo que eles passaram a servir o rei. O rei lhes fez perguntas sobre todos os assuntos que exigiam sabedoria e conhecimento, e descobriu que eram dez vezes mais sábios do que todos os magos e encantadores de todo o seu reino...

Então o rei Nabucodonosor caiu prostrado diante de Daniel, prestou-lhe honra e ordenou que lhe fosse apresentada uma oferta de cereal e incenso. O rei disse a Daniel: “Não há dúvida de que o seu Deus é o Deus dos deuses, o

Senhor dos reis e aquele que revela os mistérios, pois você conseguiu revelar esse mistério”.

Assim o rei colocou Daniel num alto cargo e o cobriu de presentes. Ele o designou governante de toda a província da Babilônia e o encarregou de todos os sábios da província. Além disso, a pedido de Daniel, o rei nomeou a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego administradores da província da Babilônia, enquanto o próprio Daniel permanecia na corte do rei...

“... existe um homem em teu reino que possui o espírito dos santos deuses. Na época de teu predecessor verificou-se que ele era um iluminado e tinha inteligência e sabedoria como a dos deuses. O rei Nabucodonosor, teu predecessor – sim, o teu predecessor – o nomeou chefe dos magos, dos encantadores, dos astrólogos e dos adivinhos. Verificou-se que esse homem, Daniel, a quem o rei dera o nome de Beltessazar, tinha inteligência extraordinária e também a capacidade de interpretar sonhos e resolver enigmas e mistérios. Manda chamar Daniel, e ele te dará o significado da escrita”.

Alguém me disse numa ocasião que quando queria algo feito em seu trabalho freqüentemente repetiria as mesmas instruções ao empregado por três vezes e o faria repeti-las para ele. Mesmo assim, às vezes a pessoa *ainda* falharia em realizar aquilo que lhe fora dito. Aquele que me disse isso era sócio em uma importante empresa de contabilidade, que, como seria de se esperar, contratava apenas os melhores. Mas se os melhores desapontam de tal forma, então não é de se maravilhar que os eficientes e competentes são conduzidos à presença de reis.

Um ministério lamentou por ter que implementar em sua política de contratos um período probatório de três meses para cada novo empregado. Isso porque muitas pessoas esperavam um tipo de tratamento bastante suave de uma organização cristã, e assim elas chegavam tarde e saíam cedo e, entretanto, ficavam sonhando acordadas. Mas os cristãos devem exibir excelência naquilo que fazem, ou se lhes falta habilidade ou talento em uma determinada área, deveriam ao menos mostrar esforço sincero.

A tentação para mim, nesse ponto, é me enraivecer com relação à incompetência e ao trabalho ético pobre de muitos que se dizem cristãos. Mas visto que fixamos nossa atenção em Provérbios 23:7, devemos guardar esse tópico para outra hora e movermo-nos adiante.

Kidner sugere que em 23:1-8, “o que aspira com suor à ascensão social é gentilmente zombado”.⁵ Quer a pessoa já esteja “suando” ou esteja sendo meramente alertada antecipadamente, os versículos 1-3 de fato mostram-no como alguém que escalou uma grande distância na pirâmide social. Agora, enquanto ele come com uma “autoridade”, a Sabedoria reclama atenção e oferece conselhos.

Pessoas que ocupam posições altas são muito ocupadas – elas têm muitas agendas ambiciosas e sofrem pressões de todos os lados, e se têm tempo para isso de qualquer forma, devem também considerar as necessidades de seu povo. Todos os seus movimentos são políticos e calculados, e tudo o que fazem deve contribuir para a sua agenda geral.

⁵ Derek Kidner, *Proverbs* (InterVarsity Press), p. 151.

Isso não é sempre tão sinistro quanto parece. É de fato possível para um alto oficial, um rei, ou um presidente, servir com a intenção de glorificar a Deus e edificar o povo. Mas para tal indivíduo raro sobreviver e alcançar sucesso em sua posição deve ser o mais inteligente possível, discernindo as intenções dos homens e os efeitos de suas ações. Todas as pessoas que ocupam altas posições em todas as esferas da sociedade devem ser “astutas como as serpentes”, mas os crentes também precisam ser “sem malícia, como as pombas” (Mateus 10:16).

Não obstante, permanece o fato de que pessoas ocupantes de altas posições são políticas e calculistas. A maioria é composta de descrentes, e suas intenções estão longe de ser santas. No mínimo, alguém poderia notar que todos os seus movimentos contribuem para um propósito político além daquele que pode aparentemente servir.

Eles ajudam os pobres não necessariamente – e nunca *apenas* – porque querem ajudá-los. Para o bem ou para o mal, é um movimento calculado. Eles suportam medidas duras contra os criminosos não apenas porque querem garantir a sua proteção, mas certamente gostariam que você pensasse dessa forma. E quando se voltam para advogar os direitos desses mesmos criminosos, eles não estão interessados em patrocinar justiça para todos, mas certamente gostariam que você pensasse dessa forma também.

Todos os movimentos são calculados; todas as ações têm um propósito. A relevância para a nossa passagem é que isso também se aplica àqueles a quem eles convidam para jantar. Ela nos ensina que quando alguém do alto escalão o convida para jantar, ou para ser seu convidado em um partido ou função especial, provavelmente não é em razão de pura hospitalidade. Ele provavelmente quer algo de você, ou talvez pense que você possa contribuir de alguma forma com a agenda dele.

No mínimo, a forma como você se comporta será observada e anotada. Dessa maneira, é preciso se aperceber da significação da ocasião, e considerar quem e o que está diante de você. É preciso ser muito cauteloso com aquilo que diz e que faz. Nossa passagem observa que isso inclui o quanto se deve comer. Ela diz que é especialmente importante se você é facilmente tentado ao excesso.

Se pudéssemos generalizar, quando ao entrar em uma situação conforme a descrita aqui, seria sábio tornar-se cauteloso com os hábitos vergonhosos e as fraquezas de alguém, e exercitar moderação extra nessas áreas. Deve-se evitar ofender o anfitrião com conversa tola e comportamento não refinado, ou falar ou fazer qualquer coisa que implicaria em alguém ser inadequado para importantes tarefas e posições.

Dependendo das intenções do anfitrião, o banquete à sua vista pode ser claramente “enganador”, ou pode ser um gesto sincero de hospitalidade. De qualquer forma, o homem sábio observa seus convidados – o convidado sábio sabe disso, e o observa de volta:

LUCAS 7:36-50

Convidado por um dos fariseus para jantar, Jesus foi à casa dele e reclinou-se à mesa. Ao saber que Jesus estava comendo na casa do fariseu, certa mulher daquela cidade, uma ‘pecadora’, trouxe um frasco de alabastro com perfume, e se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com suas lágrimas. Depois os enxugou com os cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume.

Ao ver isso, o fariseu que o havia convidado disse a si mesmo: “Se este homem fosse profeta, saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: uma ‘pecadora’”.

Então lhe disse Jesus: “Simão, tenho algo a lhe dizer”.

“Dize, Mestre”, disse ele.

“Dois homens deviam a certo credor. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinqüenta. Nenhum dos dois tinha com que lhe pagar, por isso perdoou a dívida a ambos. Qual deles o amará mais?”

Simão respondeu: “Suponho que aquele a quem foi perdoada a dívida maior”.

“Você julgou bem”, disse Jesus.

Em seguida, virou-se para a mulher e disse a Simão: “Vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com suas lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que cheguei aqui, não parou de beijar os meus pés. Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume aos meus pés. Portanto, eu lhe digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados; pois ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama”.

Então Jesus disse a ela: “Seus pecados estão perdoados”.

Os outros convidados começaram a perguntar: “Quem é este que até perdoa pecados?”

Jesus disse à mulher: “Sua fé a salvou; vá em paz”.

Novamente, embora os versículos 1-3 nos ensinem o que é especialmente importante quando se está lidando com pessoas de altas posições, e com alguém com a autoridade de estabelecer ou quebrar uma pessoa, o princípio geral é aplicável não apenas em tal situação potencialmente perigosa e “enganosa”, mas mesmo quando interagimos com um indivíduo que não seja tão importante.

Para ilustrar, há vários anos atrás alguém me perguntou se poderia trabalhar comigo como voluntário.⁶ Na medida em que já tínhamos nos conhecido por algum tempo, não houve necessidade de apresentações formais e referências. O problema era que baseado em interações anteriores, eu estava ciente de algumas falhas que fariam dele um recurso ineficaz, se não um estorvo, para o ministério.

Ele tinha diversos problemas que o desqualificavam, mas mencionarei apenas os comparativamente menores aqui, visto que eles são precisamente os que ocupam nossa atenção por hora, até mesmo coisas como o quanto uma pessoa come quando está jantando com alguma autoridade.

Eu lhe disse que daria a oportunidade de demonstrar que ele havia se tornado uma pessoa organizada e responsável. Como seu ministro, embora eu o tenha confrontado repetidamente sobre questões maiores anteriormente, deixei passar por algumas

⁶ Para proteger a identidade da pessoa, alterei diversos detalhes não essenciais para a ilustração.

menores, já que éramos ainda meramente conhecidos. Todavia, agora que ele tinha pedido para trabalhar comigo, apesar de apenas como voluntário, eu lhe disse que iria tratá-lo dentro dos estritos padrões deste ministério.

Novamente, aqui não tenho em mente aquelas coisas que obviamente desqualificariam uma pessoa, como drogas e violência. Eu lhe disse para me mandar um documento com o original por cima, a cópia por baixo e o papel carbono entre os dois. Disse-lhe explicitamente para não reter a cópia para si mesmo, mas que a mandasse também. Ele não ouviu – mandou-me o original sem a cópia, mas ao menos incluiu o papel carbono!

Disse-lhe para obter algumas informações do *Boston City Hall*. Ele procrastinou até que eu pedisse novamente. Aqui vai uma dica: quando você trabalha para alguém, uma vez que a pessoa lhe pediu algo, não deveria ter que pedir novamente. A menos que haja algum problema especial ou planos anteriores, a próxima vez que o assunto for trazido a lume deve ser quando você entregar o que lhe fora pedido, e isso de forma pontual. De qualquer maneira, eu lhe pedi novamente, e então ele foi e encontrou para mim a informação errada.

Então, a pontualidade é uma questão sempre importante para mim. Não se trata apenas de respeitar o tempo do outro, embora seja uma parte disso, mas quando você diz a alguém que irá encontrá-la em determinado horário, você lhe dá a sua palavra.⁷ E se a sua palavra não é boa, então você não é bom. Se você diz que vai fazer algo, então faça acontecer.

Com essa pessoa, era comum acontecer dela concordar em se encontrar comigo em certa hora, e então quando chegava atrasado, me dava toda sorte de desculpas. Mas todos os problemas que mencionava poderiam ser evitados se ela tivesse planejado chegar *antes*, como eu sempre faço com qualquer compromisso, em vez de apenas planejar chegar na hora, se é que ao menos isso. Se bem me recordo, depois de algumas admoestações, ele corrigiu isso, o que foi louvável.

Passando mesmo aos pequenos detalhes, eu observei o modo com que ele colocava os selos nos envelopes que iria me enviar. Estavam tortos e por todo o lugar. Os envelopes estariam geralmente dobrados de alguma forma, e algumas vezes eu encontrava manchas de café neles. Agora, a menos que ele respeitasse outra pessoa muito mais do que a mim, eu poderia só imaginar como ele trataria aqueles com quem se corresponderia junto a este ministério.

Eu lhe disse para não usar letras pequenas quando me mandava e-mails – ele não ouviu. Disse-lhe para dividir os parágrafos de suas mensagens para mim de forma logicamente organizada – ele juntava tudo em um bloco de texto gigante. Disse-lhe que não gostava de abreviações – ele as usava freqüentemente.

Eu lhe disse para falar claramente, expondo pensamentos completos com sentenças completas: “Declare o sujeito e objeto, e os relacione adequadamente, de forma que eu saiba quem está fazendo o que para quem!” É incrível como muitos formados em faculdade não podem fazer isso. Mas com seus lábios murmurantes e seus desvios de olhar, eles irão testar sua paciência até seus limites. Para conseguir uma mensagem coerente deles, você precisa ser um Sócrates moderno, perguntando questões experimentais para guiar suas respostas e extrair a informação necessária delas.

⁷ O fato de que algumas pessoas não pensam sobre a pontualidade dessa forma já diz o bastante. Elas consideram apenas promessas formais como obrigatórias, e não a sua fala ordinária. A palavra delas é barata. Veja Vincent Cheung, *The Sermon on the Mount*.

Detalhes como esses foram se acumulando a tal ponto que eu cheguei a pensar: “Ele realmente se importa com o trabalho? Ele tem o mínimo de competência suficiente para completar mesmo a mais simples tarefa?” Desnecessário dizer, eu não o aceitei como voluntário. E se devo ser rígido assim com um voluntário (embora entenda que minhas exigências foram razoáveis), certamente jamais pagaria uma pessoa assim para trabalhar comigo no ministério. Ainda menos uma pessoa como essa, a quem falta o mais básico nível de competência e disciplina, deveria ser permitida para ensinar coisas espirituais.

Todos deveriam ser ensinados e treinados nessas coisas enquanto criança – ou seja, falar claro, apresentar-se limpo, sempre chegar cedo, seguir instruções, e assim por diante. Esses deveriam ser hábitos gravados no momento que uma pessoa atinge sua adolescência, se não muito antes. De vez em quando poderia haver algum gênio mau não refinado e desorganizado, mas maus gênios são raros, e o restante não tem desculpa.

Quando ele chegou a ser jovem, aquele sócio bem sucedido naquela grande empresa de contabilidade, a quem mencionei antes, teve suas lições a aprender também. Ele se exercitou muito bem, quase à perfeição, em todas as coisas que mencionei até aqui. Mas, nascido em uma família pobre, ele não conhecia as maneiras da alta sociedade. Como recém contratado, foi convidado a um coquetel organizado pela companhia. Ele estava empolgado, mas também bastante nervoso, visto que raras vezes tinha se encontrado em situações como essa. Então ficou mais do que um pouco envergonhado quando alguém que lhe era parceiro na firma àquele tempo veio pela sala e o censurou por usar meias brancas com seus sapatos pretos na festividade. Ele me disse que seu parceiro estava correto – fizera-lhe um favor em contar isso. Se ele iria circular por entre aquelas pessoas, então isso era algo que precisava saber.

Quando criança, meu pai me repreenderia severamente todas as vezes que eu bocejasse ou desviasse o olhar enquanto ele estava me dizendo instruções sérias. Agora, estava sendo ele muito rígido, ou me era suposto aprender isso depois, ao ofender uma pessoa de alta posição, perdendo meu favor para com ela? Então, minha mãe acrescentou a isso que eu sempre mastigasse com a boca fechada. Eles me levaram para jantar em hotéis caros – para me ensinar coisas como talheres de prata a serem usados em pratos diferentes, e por que leva três horas para comer uma refeição francesa que me deixava com mais fome do que antes de comê-la – a fim de que eu me tornasse perfeitamente acostumado com tais coisas e não me envergonhasse mais tarde em minha vida.

Posteriormente, eles me enviaram a uma escola que diariamente impunha em seus alunos os hábitos de um cavalheiro. Por exemplo, um código formal de se vestir (casaco, gravata, calças, vestir sapatos) era imposto para as aulas, refeições e capela. E quando estava muito quente, era-nos exigido pedir à professora encarregada e avisar as garotas antes de tirar nossos casacos. Estas tinham que usar agasalhos, vestidos longos, e vestir sapatos. Diferente de alguns lugares, os costumes de meretrizes foram desaprovados.

É verdade que todo esse treino se voltava a coisas relativamente superficiais, e não foi até Deus soberanamente mudar-me por sua graça que eu comecei a conhecer a verdade e a misericórdia em meu coração. Você pode colocar um *smoking* em uma pilha de esterco molhado de cavalo, e isto é o que penso da elite não cristã. Não se pode esconder o perfume impressionante de um homem espiritual, e menos ainda de Deus. Todavia, as Escrituras (especialmente em Provérbios) dão um espaço para essas coisas como as lições para aprender a fim de que alguém sobressaia na sociedade humana, e

elas realmente ajustam o verdadeiro cavaleiro que faz tudo no temor do Senhor e para a sua glória.

Você está errado se pensa que nós nos distanciamos de Provérbios 23:1-3. Além de lhes dizer para controlar seus apetites em ocasiões sensíveis e em frente de pessoas importantes, estivemos considerando algumas outras coisas relacionadas que os pais deveriam ensinar a seus filhos enquanto estes ainda são jovens. É claro, a maioria dos adultos deveria rever algumas dessas lições também, quer dizer, se é que eles chegaram a aprendê-las uma primeira vez. Nossa passagem se refere a agir com discrição em uma situação potencialmente enganosa e perigosa (por causa do poderoso personagem nela envolvido), enquanto que também consideramos diversas outras áreas ao aplicar o princípio geral, de que deveríamos agir com discrição, pois nossas ações são freqüentemente observadas pelas pessoas, e do que elas notam fazem inferências sobre nosso pano de fundo, caráter e competência.

Um propósito de Provérbios é “dar aos simples prudência e aos jovens, conhecimento e bom senso” (1:4 KJV). O oposto do materialismo não é barbarismo. Apenas porque nós, como cristãos, devemos ser “espirituais”, não significa que também devemos ser vagabundos e relaxados. Ao menos, devemos aprender a agir em todos os níveis da sociedade – não muito refinados para abraçar os pobres e desprezados, e não muito rudes para impressionar os ricos e poderosos. Davi foi um que obteve a confiança dos excomungados (1 Samuel 22:2), mas também ganhou favor dos reis (1 Samuel 18:1-5).

Não obstante, como os dois versículos seguintes de Provérbios nos dizem (23:4-5), não importa o quão duro você tente, e o quanto de cuidado e discrição você exiba em seu trabalho, riqueza, *status* e prosperidade podem fugir a qualquer momento. Há inúmeras formas disso acontecer. Você poderia ofender alguém que lhe poderia causar problemas. Talvez aqueles de quem você depende para sua riqueza e *status* não têm mais nenhum uso para fazer de você. Ou talvez algum desastre destrua tudo o que você acumulou. Às vezes será porque você cometeu algum erro, ou poderia nem ser sua culpa de qualquer forma. De fato, riqueza, *status* e o favor dos homens podem desaparecer precisamente porque você insiste em fazer o certo.

Considere José. Ele ilustra perfeitamente Provérbios 22:29-23:1-3. Ele era competente e eficiente em seu trabalho, e mostrava grande discrição, de forma que foi promovido para administrar toda a casa de Potifar e todas as suas possessões (Gênesis 39:1-6). Mas quando ele resistiu às seduções da mulher de seu mestre, foi falsamente acusado de agredi-la e foi lançado à prisão (v. 7-20). Mais rápido do que sua promoção, foi a sua perda de *status*, sua prosperidade, seu ambiente confortável, e até mais importante que isso, seu bom nome. Assim, ele também ilustra Provérbios 23:4-5: “As riquezas desaparecem assim que você as contempla; elas criam asas e voam como águias pelo céu”.

Daniel “era fiel; não era desonesto nem negligente” (6:4), de forma que “o rei planejava colocá-lo à frente do governo de todo o império” (v. 3), mas seus inimigos montaram uma armadilha para ele. Em um momento, ele estava no topo de seu poder (v. 1-3), mas no próximo instante, foi lançado na cova dos leões (v. 16). Nesse instante, ele foi absolvido e restaurado, mas isso serve apenas para ilustrar novamente a natureza instável da prosperidade material. Em sua história, apenas a graça de Deus e a fé de Daniel foram constantes. Também considere Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Daniel 3). Deus foi fiel para com seus eleitos mesmo durante o seu exílio, mas riqueza, *status* e prosperidade vêm e vão.

Isso é verdade não apenas quando falamos de negócios e política, mas o mesmo se aplica quando nos referimos ao ministério. Neste, a fidelidade das pessoas e o suporte financeiro podem vir e ir, às vezes devido a nenhuma falta sua, e freqüentemente porque você insiste em fazer a coisa certa.

Uma mulher se tornou uma apoiadora fervorosa de meu ministério há anos atrás por ter ouvido as minhas palestras gravadas.⁸ Ela não estava apenas empolgada sobre os ensinamentos que estava recebendo e recomendando a outros, mas também passou a fazer doações regulares. Tais doações eram grandes o suficiente para afetar minhas atividades. Além disso, porque tinha um negócio no ramo varejista, ela era capaz de me conceder uma porção de coisas úteis da sua companhia.

Seu apoio e entusiasmo nunca afrouxaram, mas até mesmo cresciam com o passar do tempo. Mas então ela passou a ouvir os ensinamentos de um proeminente tele-evangelista. Algumas de suas doutrinas eram abertamente heréticas. Quando soube disso, gentilmente alertei-a sobre ele, e mostrei-lhe inúmeros exemplos de como os ensinamentos dessa pessoa fugiam de doutrinas bíblicas centrais, e como ele constantemente abusava das Escrituras fazendo falsas inferências sobre elas.

Ela ficou chocada e ultrajada, não com as heresias do tele-evangelista, mas pelo fato de eu falar contra ele. Não importava para ela se eu estava certo ou errado sobre suas doutrinas, mas tê-la alertado contra ele foi o suficiente para indicar que eu estava errado. Ela me disse que não mais daria suporte ao meu ministério. Eu me ofereci para reembolsá-la de uma doação suficientemente grande que me fizera, e ela aceitou. Nunca mais ouvi falar a seu respeito.

Assim, num dia – na verdade, no espaço de alguns minutos – eu perdi uma apoiadora zelosa e uma fonte significativa de recursos. Eu sabia que isso era uma possibilidade quando decidi alertá-la, visto que entendia aquilo que estou ilustrando aqui. Então sua reação não me surpreendeu, mas ainda assim isso foi decepcionante. Ela nunca havia recebido qualquer ensino bíblico sólido antes de descobrir o meu ministério, então talvez não tenha havido tempo suficiente para ela desenvolver o discernimento. Ou talvez seu coração nunca tenha sido verdadeiramente convertido à verdade. Qualquer que seja a razão, eu faria a mesma coisa mesmo se soubesse que essa seria a forma que ela teria reagido. Eu sou um pastor, não um prestador de serviços. Se não pudesse fazer meu trabalho, não teria direito ao suporte dela e a seu dinheiro em primeiro lugar.

Outro incidente ocorreu quando eu era estudante na faculdade. Uma mulher ouviu meu programa no Boston's WROL e me telefonou. Ela era a diretora do coral de sua igreja, e me disse que poderia provavelmente me conseguir um convite para pregar lá. Tudo estava indo bem até que ela me disse com grande ressentimento que deixara sua igreja anterior porque o seu pastor cancelara um programa de proteção aos animais que a igreja não tinha dinheiro para manter. Quando disse concordar com seu pastor e disse a ela que parecia estar acolhendo muita amargura em seu coração, ela gritou comigo, amaldiçoou o meu programa de rádio, e desligou o telefone.

Reações como essas nunca me surpreendem, e se você ainda não adivinhou, eu lhe darei as razões bíblicas para isso em um minuto; todavia, elas sempre são decepcionantes para a experiência. Nenhuma dessas mulheres rejeitou meu ministério por causa dos meus ensinamentos e do meu caráter. Na verdade, ambas aprovaram minha doutrina e gostaram de

⁸ Para proteger a identidade da pessoa, alterei diversos detalhes não essenciais para a ilustração.

meu estilo de ensinar. Elas se voltaram contra mim porque contradisse algumas de suas preferências e opiniões fortemente arraigadas.

É claro, nem todos perdem riqueza e favores porque insistem em fazer o certo, mesmo porque muita gente perde tudo por se portar de forma tola e pecaminosa. O ponto é que a riqueza, *status* e prosperidade podem facilmente vir e ir quer você seja justo ou injusto, e não importa se você está lidando com crentes ou incrédulos.

Há um comentário intrigante ligado ao fim de João 2, isto é, após Jesus ter tornado água em vinho: “Enquanto estava em Jerusalém, na festa da Páscoa, muitos viram os sinais miraculosos que ele estava realizando e creram em seu nome. Mas Jesus não se confiava a eles, pois conhecia a todos. Não precisava de ninguém que lhe desse testemunho a respeito do homem, pois ele bem sabia o que havia no homem”. Eu li isso quando era ainda muito jovem, e nunca me esqueci. Jesus não se comprometia mesmo com aqueles que acreditavam nele. Por quê? Porque “ele bem sabia o que havia no homem”.

Visto que a palavra “crer” é usada nas duas ocorrências, o versículo poderia ser assim traduzido: “Eles *creram* nele, mas Jesus não *creu* neles”. É verdade que ao menos alguns deles eram provavelmente falsos crentes, declarando seguir a Cristo quando não tinham fé genuína. Mas isso apenas reforça a idéia. Jesus não se deixava levar por causa da sua popularidade. Ele sabia daquilo; embora a fama e os favores fossem crescer ainda mais por algum tempo, dentro em breve muitos não mais o seguiriam (João 6:66). Quanto àqueles que permaneceram, “Está escrito: “Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersas” (Marcos 14:27). E foi isto o que aconteceu.

Num lugar, Paulo escreveu: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram” (2 Timóteo 4:16). Não foram os incrédulos que o abandonaram, pois eles nunca estiveram com Paulo em primeiro lugar. Não, *cristãos* o abandonaram. Foram *cristãos* que o deixaram defender-se por si mesmo. Talvez alguns deles fossem falsos conversos, mas essa possibilidade tem apenas relevância prática limitada. Assim como há falsos crentes e cristãos fracos em nosso meio – não é sempre fácil distingui-los, e mesmo aqueles que parecem ser fortes são freqüentemente revelados como fracos quando sob pressão – é também possível que eles nos abandonarão em nossos maiores tempos de necessidade.

Alguns cristãos seguem a multidão. Eles são intimidados e influenciados por ela. Então quando um ministro é amplamente criticado, alguns crentes darão as suas costas para ele, mesmo se tinham o costume de apoiá-lo. Eu tive experiência disso, também. Com freqüência, tanto a multidão quanto os desertores são cristãos. E quando a onda de críticas passa, ou quando a pessoa volta a ganhar prosperidade, alguns dos desertores podem voltar. Mas esse tipo de apoio é enganoso e sem valor.

Você já leu a história de Sansão (Juízes 15)?⁹ Três mil covardes de Judá vieram para entregá-lo, o seu próprio libertador ungido, para os inimigos de Deus. Como sempre, Sansão foi destemido, mas ele fez o povo prometé-lo que não iria matá-lo antes de entregá-lo nas mãos dos Filisteus. Que ele teve de pedir isso apenas acentua a sua coragem e a covardia deles.

Assim, mesmo o povo de Deus pode ser instável e fraco. Mas esse é o porquê da maioria deles ser seguidora por toda a sua vida, e também porque precisam de bons pastores para direcioná-los e ensiná-los, a fim de que não sejam dispersos.

⁹ Veja Vincent Cheung, *Sansão e sua Fé*.

Se você está satisfeito em ser apenas um eco no ministério, repetindo as opiniões populares dos outros, nunca contradizendo estimadas tradições, então pode apenas ser parte da multidão. Mas se for o caso de você ser um líder forte e de fazer grandes coisas para o reino de Deus, terá que se ajustar a essa realidade, que você não pode colocar a sua confiança nas pessoas, nem mesmo nos cristãos.

Na verdade, diversos homens de negócios cristãos me disseram que se deve ser duas vezes mais cauteloso ao lidar com aqueles que alegam ser cristãos. Eles são, geralmente, os primeiros a abandoná-lo, a apunhalá-lo pelas costas e a desaparecer com o seu dinheiro. Mas muito antes deles me contarem as suas experiências, e mesmo desde que eu era um adolescente, isso era o que eu dizia às pessoas que começavam um novo trabalho e aventuras nos negócios. Aprendi na Bíblia que não se pode confiar nas pessoas.

Pense sobre isso, eu nunca ouvi nenhum homem de negócios me dizer que todas as pessoas são basicamente boas e dignas de confiança, e que o caminho para o sucesso nos negócios é confiar nos outros. Assumo que há pessoas que pensam dessa forma, mas simplesmente não encontrei nenhuma delas até agora. Talvez a maioria já esteja fora dos negócios?

Não importa quão patético, grotesco, extremo, ou horrível, toda instância da depravação humana é meramente outra ilustração daquilo que as Escrituras constantemente ensinam sobre a natureza pecaminosa do homem. Assim, embora possamos nos sentir desapontados e mesmo ultrajados sobre algumas coisas que as pessoas fazem, nunca devemos nos surpreender pela fraqueza e iniquidade do homem, mesmo exibidas naqueles que alegam seguir a Cristo. Surpreender-se significa que ou nós não lemos a Bíblia, ou que não acreditamos nela.

Seja nos negócios ou na política, mas especialmente no ministério, um líder deve aceitar o fato de que as pessoas são fracas sem que se tornem amargas por causa disso. Sempre haverá covardes e fracos. Sempre haverá traidores e desertores. Desse modo Paulo escreveu: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar; todos me abandonaram”, mas acrescentou “Que isso não lhes seja cobrado” (2 Timóteo 4:16). E tal é como eles simplesmente são, mesmo aqueles que se declaram cristãos, e se isso puder fazer com que pensemos melhor a respeito deles, muitos desertores são apenas fracos, e não maliciosos.

Mas Paulo esperava coisas melhores de Timóteo: “Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor, *nem de mim, que sou prisioneiro dele*, mas suporte comigo os meus sofrimentos pelo evangelho, segundo o poder de Deus” (2 Timóteo 1: 8). Pelo poder da Palavra e do Espírito, alguns crescerão e serão indivíduos fortes e confiáveis, capazes de conduzir outros à maturidade. Todavia, isso não é comum.

Esta visão fria da lealdade humana pode ser deprimente para alguns, mas é o que as Escrituras revelam sobre as pessoas. Cristãos deveriam e poderiam ser melhores do que isso, mas frequentemente não o são, ou ao menos não ainda.

A opinião popular nos encoraja a confiar nas pessoas, pois somente então poderemos ter relacionamentos saudáveis e alcançar sucesso. Infelizmente, mesmo muitos crentes têm aceitado isso, e assumem que esta é a atitude bíblica. Todavia, as Escrituras nos ensinam o oposto, admoestando-nos a não colocarmos confiança no homem.

Assim diz o SENHOR: “Maldito é o homem que confia nos homens, que faz da humanidade mortal a sua força, mas cujo coração se afasta do SENHOR. Ele será como um arbusto no deserto; não verá quando vier algum bem. Habitará nos lugares áridos do deserto, numa terra salgada onde não vive ninguém.

“Mas bendito o homem cuja confiança está no SENHOR, cuja confiança nele está. Ele será como uma árvore plantada junto às águas e que estende suas raízes para o ribeiro. Ele não temerá quando chegar o calor, porque as suas folhas estão sempre verdes; não ficará ansiosa no ano da seca nem deixará de dar fruto”.

O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo? (Jeremias 17:5-10).

É na base dessa admoestação, que nós não devemos ter confiança no homem, que as Escrituras também nos instruem no que diz respeito à única alternativa apropriada. Retornando a Jesus e a Paulo, o primeiro não apenas diz: “Aproxima-se a hora, e já chegou, quando vocês serão espalhados cada um para a sua casa. Vocês me deixarão sozinhos”, mas também acrescentou: “mas eu não estou sozinho, pois meu Pai está comigo” (João 16:32). E depois de dizer: “Na minha primeira defesa, ninguém apareceu para me apoiar. Todos me abandonaram”, Paulo escreveu: “Mas o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças” (2 Timóteo 4:16-17). Esse é o porquê de não nos desesperarmos pelo fato de que as pessoas não são confiáveis, porque Deus é sempre confiável, e nós colocamos nossa confiança nele apenas.

Você pode perguntar, se as pessoas não são confiáveis de forma geral, e se ninguém é perfeitamente digno de confiança, então é ainda possível mantermos relacionamentos saudáveis e significativos? Como podemos funcionar na sociedade de alguma forma? Em resposta, precisamos reforçar em vez de relaxar o ensino bíblico sobre a depravação humana, mas então também fazer uma aplicação apropriada dele, de forma que não neguemos o tipo de relacionamento que a Escritura nos encoraja.

O que estamos dizendo aqui não é fundado em um tipo de cinismo baseado na experiência, mas é a Escritura que nos ensina sobre a impiedade e falsidade do homem. Ela nos ensina a ser “astutos como as serpentes” (Mateus 10:16) e “acautelai-vos dos homens” (v.17). Embora essas expressões apareçam dentro de um contexto definido, e nós não desejaríamos universalizá-las ilegitimamente, elas também competentemente representam o que outras partes da Bíblia nos dizem sobre o lidar com pessoas.

Alguns relacionamentos não requerem confiança total em primeiro lugar. Por exemplo, confiança total em uma transação de negócios não é necessária, e, dada a realidade do pecado, é claramente uma tolice. Mesmo se você confiar na outra pessoa completamente, ela certamente não confia em você da mesma forma, isto é, a menos que seja tola igual a você.

Além disso, transações de negócios são levadas a cabo na maioria das vezes por motivos financeiros e práticos, e impedidas de fracassos por meio de contratos legais, auto-preservação, interesses egoístas a longo termo, e assim por diante. É claro, cristãos não deveriam fazer destes seus motivos primários para conduzir os negócios, mas a realidade é que essas são as motivações que sustentam o mercado, e as transações continuariam mesmo se houvesse quase total desconfiança.

Mas e sobre relacionamentos que pretendem ser mais íntimos e duradouros, tais como aqueles dentro da família e da igreja? Devemos estar sempre com suspeitas? Devemos duvidar de tudo o que nos é dito? É necessário esperar o pior de todos, mesmo dos membros de nossas famílias e dos nossos amigos crentes?

Não, porque esses relacionamentos são diferentes daqueles travados nos negócios. O propósito imediato nos negócios é fazer lucro, e evitar enganos e desapontamentos está acima de tudo. Apenas um tolo continuaria um relacionamento de negócios em que ele é repetidamente enganado e desapontado, *mesmo se* ele mantiver relacionamentos pessoais com aqueles que o enganaram e o desapontaram.

O propósito e a expectativa de se manter relacionamentos na família e na igreja são diferentes. Nessas relações mais íntimas, amor sacrificial deve dominar, e não deveríamos nos concentrar em como nos beneficiar das outras pessoas. Nós não negociamos ou barganhamos constantemente, e não regulamos tais relacionamentos com contratos, e não os forçamos em uma corte. Em verdade, se fossemos tratar essas relações como aquelas nos negócios, nós as destruiríamos.

Em vez disso, aqueles que entendem a natureza humana reconhecem a natureza do pecado mesmo em seus relacionamentos íntimos, e *esperam* ser ocasionalmente enganados e desapontados até mesmo por membros da família e amigos crentes – às vezes em razão de sua inabilidade, e às vezes devido mesmo à malícia. E quando o pecado aparece nesses relacionamentos, não lidamos com eles como faríamos nos negócios.

Como dizem as Escrituras: “O fato de haver litígios entre vocês já significa uma completa derrota. Por que não preferem sofrer a injustiça? Por que não preferem sofrer o prejuízo?”. Assim, quando perguntados sobre como manter relacionamentos saudáveis com as pessoas quando elas são tão pecaminosas, e quando seremos enganados e desapontados por elas, nós respondemos: “Você entra nesses relacionamentos com a intenção de amar, dar, e construir, e *espera* ser ocasionalmente tratado com desprezo, traído, trapaceado, e de outra forma desapontado”.

Claro, nós podemos tomar certas medidas para nos proteger, minimizar danos e perdas desnecessárias. Por exemplo, pode ser uma má idéia emprestar dinheiro para um certo parente conhecido por seu vício em drogas, e não seria sábio travar negócios com um cristão professo conhecido por suas práticas antiéticas. Ainda assim a motivação primária não seria lucro ou auto-preservação, mas companheirismo e edificação.

À medida que nos tornamos mais ávidos por camaradagem e comunhão, não devemos construir nossos relacionamentos com uma visão do homem que contradiz o ensino bíblico. Em vez disso, devemos sempre reconhecer a sua depravação, e para os crentes, também a progressiva natureza da santificação. Agora, então, a chave para ter relacionamentos saudáveis e ao mesmo tempo reconhecer a realidade do pecado é colocar nossa confiança em Deus e não no homem.

Se Cristo é o elo e o amor é o motivo, relacionamentos íntimos e significativos são possíveis mesmo que percebamos que nem mesmo um só homem pode legitimamente merecer nossa total confiança. Se essa é a base para os nossos relacionamentos, então teremos também um fundamento firme sobre o qual podemos perdoar aqueles que pecam contra nós.

Nossa confiança seria em Cristo apenas, e a amizade que estendemos aos outros vem da motivação do amor, e não do lucro ou da auto-preservação. Tal motivo não pode facilmente ser revertido em medo, raiva, ou cinismo, visto que não está contando com que a outra pessoa seja perfeita, e não requer dela que nos seja a fonte de força e alegria, pois já obtivemos essas coisas junto a Cristo.

Confiar apenas em Deus significa que nunca dependeremos do homem para algo que ele nunca pode dar em primeiro lugar. O resultado é que, em vez de evitar relacionamentos íntimos e significativos, este entendimento nos dá a liberdade e a coragem de buscar aqueles relacionamentos que são os mais profundos possíveis mesmo com pessoas imperfeitas e pecaminosas, relacionamentos que não são facilmente destruídos pelo pecado. Isso porque, desde o início, não mentiríamos para nós mesmos que a outra pessoa não tem pecados ou faltas, ou no que diz respeito a isso, que nós mesmos sejamos perfeitos. Mas perceberíamos que só Deus é perfeito, e que apenas ele é completamente digno de confiança e poderoso, tanto desejando como sendo capaz de levar a cabo todas as suas promessas.¹⁰

Para alguns, esta resposta bíblica produz outra questão. Ou seja, se Cristo é o único elo apropriado entre relações humanas significativas, e o amor cristão é o único motivo adequado, então se segue que não pode haver relacionamentos profundos e sinceros entre os não-cristãos, ou entre estes e os cristãos?

Afirmamos isso sem hesitação. Quando os compromissos últimos entre duas partes são diretamente opostos, ou quando são ambos maus, o amor genuíno, paz, e esperança são sempre impossíveis.¹¹

Reconsideraremos nossa preocupação com o cinismo novamente e a acrescentaremos à nossa resposta, mas por ora precisamos relacionar novamente tudo o que dissemos nesta seção com o contexto da nossa passagem, Provérbios 23:4-5.

O versículo 5 diz que as riquezas são passageiras, que coisas tais como fortuna, *status* e prosperidade não são confiáveis. Há inúmeras maneiras pelas quais o sucesso material pode desaparecer da noite para o dia, mas nós nos focamos sobre a instabilidade e desonestidade *humanas*, principalmente porque os versículos ao redor enfatizam como as pessoas podem complicar situações por causa de seus enganos e motivos escondidos (versículos 1-3, 6-8).

O que é asseverado no versículo 5 provê a explicação para o versículo 4, que diz: “Não esgote as suas forças tentando ficar rico; tenha bom senso!” Há algumas questões relativas à tradução em ambas as partes do versículo, mas especialmente quanto à última delas.

Todas as alternativas comuns são ensinadas em outras partes das Escrituras, e assim, nesse sentido, não há perigo doutrinário imediato. Por exemplo, a última parte do versículo tem sido traduzida de maneira variável “não apliques nisso a tua inteligência”

¹⁰ Considere o quanto isso ofereceria um firme fundamento para um relacionamento matrimonial. Sob essa base, a pessoa iria considerar Deus como a fonte, o provedor, e o elo, e o motivo primário não é ver como ela pode se beneficiar desse relacionamento, mas amar e ter cuidado da outra parte.

¹¹ Para exemplificar, se o cristão for discutir seu compromisso último com seu amigo não-cristão, este último deve oferecer uma reação desinteressada, protetora, ou mesmo hostil. Se o amigo reage de uma forma *sinceramente* agradável, como se compartilhasse esse compromisso último, então ele já é um cristão. Agora, se duas pessoas nunca podem concordar em um nível último, então não importa quão socialmente compatíveis elas possam parecer ser, definir isso como amizade profunda apenas denuncia a superficialidade de quem assim a define.

(KJV), “tenha a sabedoria de mostrar moderação” (NIV),¹² e “deixe de considerar isso” (NASB).¹³ A primeira opção significaria que a pessoa deveria deixar de determinar suas prioridades pela sabedoria humana, ou parar de aspirar as riquezas por meio da sabedoria humana. A segunda opção conduz à idéia de que é tolice perseguir algo tão passageiro e indigno de confiança como as riquezas, e então a pessoa deveria ter o bom senso de parar, ou seja, refrear-se de colocar toda a sua força para obter sucesso material. A terceira simplesmente significa parar de engajar a mente em como conseguir mais riquezas – parar de ser obsessivo por isso.¹⁴

Todas as três opções são consistentes com o ensino bíblico, e nenhuma faz violência ao contexto, de forma que a preocupação não é se a Escritura ensina qualquer uma delas, mas o que ela ensina *aqui*. Entre outros, sugiro os comentários de *Keil & Delitzsch* e o de Bruce Waltke se você está interessado com as considerações gramaticais. Eu dou preferência à segunda opção, conforme representada pela NIV, ESV, e outras.

Quanto à primeira parte do versículo, outras traduções além daquelas típicas foram sugeridas, mas elas eram um tanto quanto implausíveis. À parte das reflexões específicas da segunda parte, a primeira delas é clara e define a intenção dos versículos 4 e 5: “Não esgote as suas forças tentando ficar rico”.¹⁵

Fazendo uma revisão, vamos parafrasear aquilo que já aprendemos até agora (22:8 – 23:5): “Se você é competente e eficiente em seu trabalho, você não permanecerá junto às pessoas duvidosas, mas será levado à presença de reis e governadores. Agora, quando você jantar com tais pessoas importantes, deve refrear seu apetite se é dado à indulgência. Isso porque a festa não é apenas um gesto de hospitalidade, mas o anfitrião pode ter motivos secretos em seu coração. Ele o está observando, testando, e você deveria tomar cuidado para não ofendê-lo, ou fazer algo que o faça cair numa armadilha, ou incitá-lo a desprezá-lo. Todavia, não importa quão cuidadoso e discreto você seja, a riqueza é passageira. Vislumbre-a tão somente, e ela irá desaparecer. E porque a fortuna é tão incerta, não se empenhe demais para obtê-la, mas tenha sensatez de parar com isso”.

Agora nós temos contexto mais do que suficiente e um pano de fundo para entender os versículos 6-8. Eles comunicam diversas idéias que se sobrepõem aos versículos anteriores, mas que também nos dão contribuições únicas ao nos ensinar sobre a natureza humana e como lidar com as pessoas.

O versículo 6 se refere literalmente a alguém que tem “olhos maus” (KJV). A maioria das pessoas que ouviu esse termo o associaria com um uso mais recente, que se refere ao poder mágico de ferir ou amaldiçoar os outros com um vislumbre ou uma olhada penetrante. Mas esse não é o sentido bíblico.

Quando se trata de expressões como “um olho mau” ou “um olho que é mau”, “bons olhos”, “olhar generoso”, e assim por diante, muitas traduções modernas propõem as interpretações em vez das reais palavras do texto. E visto que “olhos maus” e outros termos correlatos poderiam significar levemente diversas outras coisas em outros contextos, eles são freqüentemente interpretados diferentemente mesmo dentro da

¹² Ver também ESV, REB, NRSV, NCV e CCNT (Jay Adams).

¹³ Ver também HCSB, e a Nova Bíblia de Jerusalém.

¹⁴ Há outros contedores menos sérios. Ver GNT, NLT, e a Bíblia de Jerusalém.

¹⁵ Uma vez que já tratei disso detalhadamente em outro lugar, vou me refrear aqui de repetir tudo novamente. Em vez disso, por favor, veja “O Reino em Primeiro Lugar” em *Doctrine and Obedience* e “Piedade com Contentamento” em *Piedade com contentamento*.

mesma tradução, tornando impossível fazer um simples estudo utilizando referência cruzada dos vários versículos que utilizam essas expressões. Por outro lado, a KJV parece ser mais literal e consistente ao traduzir “olhos maus” e termos relacionados.

Nosso primeiro exemplo vem de Deuteronômio 15:7-11. Na KJV, lê-se dessa forma:

Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas cidades, na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não endurecerás o teu coração, nem fecharás as mãos a teu irmão pobre; antes, lhe abrirás de todo a mão e lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade. Guarda-te não haja pensamento vil em teu coração, nem digas: “Está próximo o sétimo ano, o ano da remissão”, de sorte que os *teus olhos sejam malignos* para com teu irmão pobre, e não lhe dê nada, e ele clame contra ti ao Senhor, e haja em ti pecado. Livremente, lhe darás, e não seja maligno o teu coração, quando lho deres; pois, por isso, te abençoará o Senhor, teu Deus, em toda a tua obre e em tudo o que emprenderes. Pois nunca deixará de haver pobres na terra; por isso, eu te ordeno: livremente, abrirás a mão para o teu irmão, para o necessitado, para o pobre na tua terra.

O contexto deixa claro que a expressão “teus olhos sejam malignos” (v.9) significa “endurecer o teu coração”, “fechar a tua mão” e “não lhes dê nada”. O oposto disso é “abrirás a mão”, “emprestarás quanto baste para a sua necessidade”, e “não haja pensamento vil em teu coração”. A NASB traduz: “... e seu olho é *hostil* para seu irmão, e você não lhe dá nada”.

Descrevendo um povo sob a maldição de Deus, Deuteronômio 28:54-56 diz:

O mais mimoso dos homens e o mais delicado do teu meio, *seus olhos serão malignos* para com seu irmão, e para com a mulher do seu amor, e para com os demais de seus filhos que ainda lhe restarem; de sorte que não dará a nenhum deles da carne de seus filhos, que ele comer; porquanto nada lhe ficou de resto na angústia e no aperto com que o teu inimigo te apertará em todas as cidades. A mais mimosa das mulheres e a mais delicada do teu meio, que de mimo e delicadeza não tentaria pôr a planta do pé sobre a terra, *seus olhos serão malignos* para com o marido de seu amor, e para com o seu filho, e para com sua filha... (KJV).

“Seus olhos serão malignos” significa que essa pessoa que está comendo a carne de suas próprias crianças se recusaria a compartilhá-la com o resto de sua família. A NIV interpreta a expressão “não terá compaixão” (v.54) e “será mesquinha” (v.56).

Então, “são maus os teus olhos” (KJV) em Mateus 20:15 é traduzido como “você está com inveja” na NIV. Os trabalhadores que começaram no início invejaram o fato de que aqueles que chegaram depois receberam o mesmo salário. Similarmente, “olhos maus” (KJV) em Marcos 7:22 é traduzido como “inveja” na NIV. Em contraste, alguém que tem “olhos generosos” é aquele que “dá do seu pão ao pobre” (Provérbios 22:9, KJV). Ele é um “homem generoso” (NIV).

Assim, pensar que alguém com olhos maus é um “homem mesquinho” em Provérbios 23:7 não está errado, mas talvez seja muito fraco e incompleto no que falha em transmitir plenamente de que tipo de homem estamos a falar. Não se trata apenas de um

mão-fechada, mas de uma pessoa dura e miserável – mesquinaria é provavelmente apenas um sintoma do seu espírito podre.

Ao lidar com tal pessoa, as Escrituras dizem, não *coma* ou *deseje* aquilo que ele lhe oferece. Isso porque ele não é a pessoa que mostra ser – ele não é como aparenta, mas “como ele *pensa dentro* de si, assim ele é” (NIV, margem).

Agora finalmente chegamos a 23:7. Deveria ser óbvio nesse ponto que o versículo não está ensinando pensamento positivo, ou que o homem tem algum poder misterioso de transformar ou aprimorar a si mesmo por meio do poder da sua mente. O versículo fala de algo inteiramente diferente. Está ensinando sobre comportamento social sagaz sob a luz da verdade a respeito da natureza humana.

A NIV traduz alguém com os olhos maus como quem é “um homem mesquinho” no versículo 6, e de forma consistente com isso, apresenta-o no versículo 7 como “quem *só pensa nos gastos*”. Mas isso poderia ser por demais esclarecedor, ainda que “*pensa*” aqui pode significar “calcular”. A ESV diz “pois ele é como quem está no seu íntimo a calcular”, e na margem “pois assim como ele calcula em sua alma, assim ele é”.

Como a segunda porção do versículo 7 explica, você não deve aceitar o que alguém com olhos maus lhe oferece porque, embora o encoraje a comer e beber, “seu coração não está contigo”. Ele não está simplesmente sendo hospitaleiro, mas tem um motivo escondido. Ele está tentando lhe causar uma impressão, quando na verdade tem outra coisa em mente. Ele não é o tipo de pessoa que aparenta ser, mas seu verdadeiro eu é revelado naquilo que está em seu pensamento, e pela forma que calcula custos e benefícios em tudo o que faz.

A passagem o está ensinando a discernir entre as aparências e a realidade nas relações humanas. As coisas não são sempre como parecem, e as pessoas não são sempre aquilo que aparentam ser. Então se há de veras qualquer indicação de que a pessoa é rude, vil, ambiciosa e calculista, tenha cuidado, e evite partilhar das coisas que ela lhe oferece. Se você comer de sua comida, aceitar seus presentes, e ouvir suas bajulações, estará em dívida com ela e será apanhado por sua armadilha.

Mas acima disso, o versículo 6 diz, “não *deseje* as iguarias que ele lhe oferece”. Quando você cobiça algo que outrem lhe oferece, você pode ser engodado, pode cair em uma emboscada, e ser manipulado. Quando deseja alguma coisa, é bem provável que comprometa seus princípios morais para obtê-la, ou proceda contra seu melhor julgamento. Portanto, ao encontrar alguém com os olhos maus, devemos não somente controlar nossas ações, mas também refrear nossos desejos.

Ignorar esta admoestação bíblica seria colocar-se em um grande revés. Quando a verdadeira natureza e propósito da pessoa forem revelados, todas as delicadezas que dela você aceitou e todos os agrados que você trocou com ela pareceriam agora revoltantes para você. O que você pensava que era um ato de generosidade não era mais do que um show, orquestrado para tirar seu proveito ou manipulá-lo de alguma forma. Você foi tolo o suficiente para entrar no seu jogo, e agora é deixado ao arrependimento e desgosto.

Mas o versículo 8 seria aplicável mesmo se a pessoa fossem simplesmente insincera,¹⁶ e mesmo se ela não tivesse um propósito imediato em usá-lo ou aproveitar-se de você.

Uma vez meus pais me levaram a uma festa semi-formal de Ano Novo. Naquela época eu ainda freqüentava o colégio – um internato – e estava em casa para as férias de Natal, as quais acabariam no começo de janeiro.

Como sempre me sentia nessas ocasiões, a festa estava chata, e as conversas superficiais. Eu não queria estar lá, e não havia lugar para se esconder e ler. Mas a comida estava fantástica! Agora, se eles me deixassem sozinho e me permitissem ficar concentrado no *buffet*...

Ah! Essa mulher, que parecia estar andando atrás de algum lugar ou de alguém, repentinamente parou próxima a mim, lançou-me um grande sorriso, e perguntou: “Você não é filho de fulano e beltrano”? Eu acenei com a cabeça, engolindo habilidosa e imperceptivelmente o pedaço de salmão defumado que eu acabara de colocar na boca.

Nós trocamos alguns gracejos sem significado que foram esquecidos quase tão logo após serem ditos. Ela então começou a me fazer diversas perguntas sobre minha vida escolar, mas durante todo o tempo seus olhos estavam andando a esmo por todo o salão, mas mais intensamente sobre a área atrás de mim.

Por diversos minutos, ela manteve um aparente interesse em nossa conversação. Logo que pensei que ela deveria ter tido o suficiente disso, ela me perguntou algo muito específico sobre o currículo de minha escola. Eu percebi que ela estava me empurrando um “Dale Carnegie”,¹⁷ mas ele lhe teria dito para fazer contato visual comigo.

Eu estava no meio da minha resposta – no meio de uma sentença – quando seus olhos, ainda a desviar-se, repentinamente resplandeceram e se focaram. Ela jogou para o alto suas mãos e chamou pelo nome de alguém, e sem mesmo olhar para trás para mim ou pedir desculpas, andou diretamente para o lugar onde estava olhando, como se nós não estivéssemos conversando de qualquer maneira.

Se você pensa que eu fiquei enojado, está certo. O salmão me mostrou mais respeito do que ela. Eu não fiquei surpreso ou machucado, porque muito antes disso eu tinha aprendido pela Bíblia que as pessoas são freqüentemente insinceras. Mas ainda assim eu fiquei com repulsa pelo fato de que eu entretive sua hipocrisia e em primeiro lugar (v.8).

Até quanto possa falar, ela não foi maliciosa, e provavelmente nem percebeu que abandonou alguém no meio de uma conversa. Ela poderia sorrir e fingir interesse, mas seu verdadeiro *eu* consistia dos pensamentos e disposições de seu coração, e não das impressões externas que tão dificultosamente tentou criar.

Atingimos o fim de nossa passagem, e eu prometi rever a questão do cinismo, acrescentando ao que já disse sobre isso.

Nossa passagem alerta-nos ao dizer que as pessoas podem ser egoístas, insinceras, duras, más, calculistas, e manipuladoras. Agora, é suposto acreditarmos nisso e ensinar

¹⁶ Veja John Gill, *Exposition of the Old & New Testaments, Vol. 4* (Baptist Standard Bearer, 1989), p. 486.

¹⁷ Veja Dale Carnegie, *How to Win Friends & Influence People*. Eu já havia lido todos os livros de Carnegie até então. Embora eu dificilmente permitiria alguém ler seu *How to Develop Self-Confidence and Influence People by Public Speaking*, não recomendaria o restante para os cristãos. Veja “Conselho Ímpio” em meu livro *Renovando a Mente*.

aos nossos filhos, assim como o Livro de Provérbios nos está instruindo. Mas algumas pessoas poderiam se preocupar se isso não geraria um panorama cínico.

Merriam-Webster define “cínico” como “desconfiar desdenhosamente da natureza humana e seus motivos”. Se o cinismo deve ser por definição desdenhoso, então talvez essa não seja a melhor palavra para descrever a atitude bíblica. Todavia, conhecendo a doutrina da depravação humana, devemos ao menos ser “desconfiados da natureza humana e seus motivos”.

A resistência que muitos crentes mostram em relação a esse ensino indica o quanto eles foram influenciados pelo pensamento humanista, que ensina que o ser humano é essencialmente bom, e que tiramos o melhor das pessoas ao confiar nelas.

As Escrituras declaram que os seres humanos são essencialmente maus, ao menos até que Deus soberanamente os mude, e mesmo então eles ainda são capazes de grandes impiedades. A experiência não prova nada, visto que exemplos em defesa de uma visão são sempre facilmente neutralizados por tantos outros contra-exemplos. Mas se nos importamos com a experiência de alguma forma, há uma abundância de exemplos a ilustrar como nós freqüentemente convidamos as pessoas a nos fazer o seu *pior* quando nelas confiamos.

Ainda assim a Bíblia não ensina o cinismo – no sentido de ser um pessimismo amargo e sem esperança, ou uma atitude que impõe uma interpretação azeda e sarcástica de tudo. Mas junto da realidade do pecado, nos ensina a desenvolver e exercitar a sabedoria, discernimento, astúcia e discrição.

De fato, a única prevenção racional para o cinismo é a revelação de Deus para nós concernente ao pecado e à salvação. Aquelas crianças que estão sendo ensinadas de que todos os seres humanos são essencialmente bons, e que uma atitude confiante e afirmativa pode tirar a bondade que há neles, estão sendo preparadas para o choque de suas vidas. Elas estão sendo ensinadas a respeito de algo que simplesmente não é verdadeiro, e quando elas forem inevitavelmente forçadas a encarar a face das profundezas da iniquidade humana no futuro – seja na forma do ódio ou de perturbações, avareza e engano, ou estupro e assassinato – serão deixadas sem a estrutura adequada para interpretar o que experimentam.

Esta é a pior maneira de se aprender alguma coisa, em parte porque ninguém pode aprender qualquer coisa dessa maneira.¹⁸ Sem a verdade revelada para estruturar e controlar o seu pensamento, elas farão generalizações erradas sobre a natureza humana e a sociedade, e produzirão reações emotivas pecaminosas e destrutivas. Muitas voltar-se-ão para culpar Deus, e acusá-lo de maldade e injustiça. Multidões têm desenvolvido um ódio intenso para com Deus apenas porque as pessoas têm feito a elas tudo o que a Escritura diz que elas fariam, mas o que seus pais e professores disseram que não deveriam delas esperar.

De outra forma, alguém que tenha sido ensinado em todos os preceitos e doutrinas bíblicas em relação à depravação humana não ficaria de qualquer forma surpreso quando coisas que são perfeitamente consistentes com aquilo que aprendeu ocorrem. Enquanto que a experiência não ensina uma pessoa como reagir, quer seja espiritual, emocional, ou socialmente, as Escrituras oferecem informação completa sobre o que se

¹⁸ Ver Vincent Cheung *Pregue a Palavra e Oração e Revelação*.

deve esperar das pessoas e como reagir quando elas se comportam exatamente como o esperado.

Em adição, a doutrina bíblica da depravação humana não apenas ensina que *outras pessoas* são pecaminosas, ímpias, e desonestas, mas que *nós* também o somos. Esse e outros ensinamentos bíblicos relacionados nos ajudam a impedir o orgulho e a amargura de fixarem raiz no coração do crente.

Mais do que isso, o cristão também é ensinado sobre a solução para a depravação humana, qual seja, a obra soberana de Deus por meio de Cristo e pelo Espírito para justificar e transformar o pecador. Entendimento sobre a extensão da depravação humana o motiva a apegar-se a Cristo muito mais, e a ardentemente levar adiante a palavra da vida a essa geração perversa. Assim, o cristão informado é ensinado a não apenas esperar o mal das pessoas, mas também a se proteger dele, a lamentar e perdoar aqueles que erram contra ele, e a pregar a Cristo como única esperança.

Portanto, quando toda a cosmovisão bíblica é ensinada – a depravação humana bem como a forma que Deus lida com ela – não há perigo inerente de que alguém desenvolveria um tipo de pessimismo falso ou destrutivo. Uma pessoa com o tipo certo de pessimismo em relação ao homem não é facilmente influenciada por traição e escândalos, como o são muitos cristãos, mas ela os espera, e ciente de que isso vai ocorrer com frequência. Mas nunca é levada ao cinismo ou desespero, porque também conhece o Senhor que sempre é verdadeiro e confiável, e é apenas nele que está a sua confiança e dependência.